



Instituto Politécnico de Setúbal

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estágio III

Ano Letivo 2014/2015

A escrita de textos narrativos: a utilização de sequências
de imagens

Sob orientação do Professor Doutor Luciano Pereira

Mestranda: Ana Beatriz Lares Rebocho

Setúbal, 23 de outubro de 2015

Instituição: Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação

Curso: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo: 2014/2015

Unidade Curricular: Estágio III

Sob orientação do Professor Doutor Luciano Pereira

Título: A escrita de textos narrativos: a utilização de sequências de imagens

Discente: Ana Beatriz Lares Rebocho

Data: Setúbal, 23 de outubro de 2015

Resumo:

Este projeto tem como enfoque principal o estudo da escrita de textos narrativos, utilizando sequências de imagens ordenadas e legendadas. Baseia-se no método investigação-ação com inspiração no de investigação sobre a própria prática. Teve-se sempre em conta a importância da planificação para auxiliar a criança na estruturação do seu texto.

As sequências de imagens, neste contexto, são conjuntos de quatro ou cinco imagens que são distribuídas desordenadamente. As crianças, numa primeira fase, devem ordená-las e, de seguida, legendá-las, de acordo com o observado na figura. Após a legendagem, preenchem os vários campos de uma planificação, adaptada (Niza, Segura & Mota, 2011) para, posteriormente, escreverem o seu texto.

Para analisar e avaliar as produções, utilizei as técnicas de análise estatística e a análise de conteúdo. Para a primeira, foram construídos gráficos a partir de dados obtidos por mim para ser possível que fosse lida eficaz e rapidamente, enquanto que para a segunda tive em conta o que foi escrito, nas sequências, nas planificações e nos textos, sendo que verifiquei se as produções continham as várias categorias da narrativa, a saber, as personagens, o espaço, o tempo e a ação.

Palavras-chave: Sequência de imagens; texto narrativo; planificação.

Abstract:

This project has, as the main focus, the writing of narrative texts, using sorted and labelled sequences of images and a text planning to help students to structure their narrative texts. It is based on the Action-Research method, with inspiration in the researching practice.

The sequences of images are sets of four or five images which are distributed disorderly and, in a first phase, students must sort and then label them according to what they observed in the image. After that, students must fill in the several fields of a text plan, adapted from Niza, Segura & Mota, 2011, and subsequently write the narrative text.

In order to analyse and evaluate the students' productions, I used statistics analysis and content analyses. For the first, graphics were made with data which were gathered by me, so that it would be possible to read it effectively and rapidly, while for the second, I had in account what was written by the students in the sequences, plans and texts. I checked if the students' productions contained the several categories of the narrative such as characters, space, time and action.

Keywords: Sequence of images; narrative text; text planning.

Agradecimentos

*“Se quer ir rápido, vá sozinho.
Se quiser ir longe, vá acompanhado.”*

Provérbio africano

Este projeto representa o culminar de uma etapa importante da minha vida. Ao longo deste percurso houve inúmeras pessoas que me ajudaram, chegando agora o momento de agradecer...

Agradeço ao meu orientador pelas sugestões dadas e pelo apoio, que contribuiu para que elaborasse este projeto.

Igualmente quero agradecer à Professora Luísa Conchinhas por me ter cedido os seus alunos. Também agradeço por me ter ajudado ao longo de todo o estágio e, por me ter feito ver qual o caminho que devia seguir.

Agradeço do fundo do coração às crianças do 2º D, por terem feito com que este projeto fosse possível de desenvolver e, por serem as crianças fantásticas que são.

Agradeço à minha família, nomeadamente aos meus pais, às minhas avós e aos meus irmãos, por me terem apoiado em todos os momentos, mesmo quando já estava a desanimar e fazerem acreditar que conseguia terminar esta etapa.

Por fim, agradeço aos meus amigos por terem contribuído para este estudo, dando-me apoio e animando-me, nos momentos mais difíceis.

Índice

Introdução	12
1. Quadro teórico de referência	15
1.1. Desenvolvimento cognitivo	15
1.2. Linguagem	18
1.3. Linguagem escrita	20
1.4. A Expressão Escrita	22
1.5. A Narrativa	26
1.6. Escrita criativa	30
2. Metodologia	32
2.1. O Paradigma e o Método	32
2.2. O Contexto do Estudo	36
2.2.1. A Instituição	36
2.2.2. A Turma	37
2.2.3. Participantes no estudo	38
2.3. Os dispositivos e procedimentos de recolha e análise da informação	40
2.3.1. Os dispositivos e procedimentos de recolha da informação	40
2.3.2. Os dispositivos e procedimentos de tratamento da informação	44
2.4. Descrição dos dispositivos e procedimentos de intervenção	47
3. Apresentação e interpretação da intervenção	48
3.1. Análise e interpretação estatística dos textos	48
3.2. Análise do conteúdo dos textos	60
3.2.1. Primeiras produções	60
3.2.2. Segundas produções	87
3.2.3. Terceiras produções	111
3.2.4. A evolução das crianças ao longo dos textos	139

Considerações Globais	146
Referências bibliográficas	147
Referências às Entrevistas	150
Apêndices	152
Apêndice 1 – Ficha de apoio.....	152
Apêndice 2 – Grelha de análise das produções escritas.....	155
Apêndice 3 - Planificação da primeira atividade	156
Apêndice 4 - Planificação da segunda atividade	159
Apêndice 5 - Planificação da terceira atividade.....	162
Apêndice 6 – Entrevistas	165
Apêndice 6.1. - Transcrição da Entrevista a BM	165
Apêndice 6.2. – Transcrição da entrevista a G.....	167
Apêndice 6.3. – Transcrição da entrevista a L	168
Apêndice 6.4. – Transcrição da Entrevista a LC.....	169
Apêndice 6.5. – Transcrição da entrevista a AC	170
Apêndice 6.6. – Transcrição da entrevista a N.....	171
Apêndice 6.7. -Transcrição da entrevista a B.....	172
Apêndice 6.8. – Transcrição da entrevista a S	173
Apêndice 6.9. – Transcrição da Entrevista a C	175
Apêndice 6.10. – Transcrição da entrevista a D.....	177
Anexos.....	179
Anexo 1 – Sequência de imagens relativa à primeira atividade	179
Anexo 2- Sequência de imagens relativa à segunda atividade	180
Anexo 3 – Sequência de imagens relativa à terceira atividade.....	181

Índice de figuras

Figura 1- Guião do texto narrativo	24
Figura 2- Sequência de imagens ordenada referente à primeira produção de BM.....	61
Figura 3 - Guião da primeira produção textual de BM	62
Figura 4 - Texto narrativo da primeira produção de BM	62
Figura 5 - Sequência de imagens da primeira produção de G.....	63
Figura 6- Guião do texto narrativa correspondente à primeira produção de G.	64
Figura 7 - Texto da primeira produção de G.	64
Figura 8 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de L.	66
Figura 9 - Guião correspondente à primeira produção de L.....	67
Figura 10 -Texto correspondente à primeira produção de L	67
Figura 11 - Sequência de imagens legendada correspondente à primeira produção de LC	69
Figura 12- Guião do texto narrativo correspondente à primeira produção de LC.....	70
Figura 13 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de LC	71
Figura 14 - Sequência de imagens legendada referente à primeira produção de AC.....	72
Figura 15 - Guião referente à primeira produção de AC.....	73
Figura 16 - Texto correspondente à primeira produção de AC	73
Figura 17 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de N.....	75
Figura 18 - Guião correspondente à primeira produção textual de N.	75
Figura 19 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de N.	76
Figura 20- Sequência de imagens correspondente à primeira produção textual de B....	77
Figura 21 - Guião correspondente à primeira produção de B.....	78
Figura 22 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de B.....	78
Figura 23 - Sequência de imagens legendada referente à primeira produção de S.	79
Figura 24 - Guião correspondente à primeira produção de S.....	80
Figura 25 -Texto narrativo correspondente à primeira produção de S.....	80
Figura 26 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de C.....	81
Figura 27 - Guião correspondente à primeira produção de C.....	82
Figura 28 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de C.....	82
Figura 29 - Sequência de imagens referentes à primeira produção de D	84
Figura 30 - Guião correspondente à primeira produção de D.	85
Figura 31 - Texto correspondente à primeira produção de D.....	86

Figura 32 - Sequência de imagens legendada correspondente à segunda produção de BM	88
Figura 33- Guião de BM correspondente à segunda produção	88
Figura 34 - Texto correspondente à segunda produção de BM.....	89
Figura 35 - Sequência legendada de G referente à segunda produção	90
Figura 36 - Guião correspondente à segunda produção de G.....	91
Figura 37 - Texto correspondente à segunda produção de G.	91
Figura 38 - Sequência de imagens corresponde à segunda produção de L.	93
Figura 39 - Guião correspondente à segunda produção de L.	93
Figura 40- Texto correspondente à segunda produção de L.....	94
Figura 41 - Sequência legendada referente à segunda produção de LC.....	95
Figura 42 - Guião correspondente à segunda produção de LC.....	95
Figura 43 - Texto correspondente à segunda produção de LC	96
Figura 44 - Sequência legendada respeitante à segunda produção de AC	97
Figura 45 - Guião referente à segunda produção de AC	98
Figura 46 - Narrativa correspondente à segunda produção de AC.....	98
Figura 47- Sequência referente à segunda produção de N.	99
Figura 48 - Guião correspondente à segunda produção de N.....	100
Figura 49 - Texto correspondente à segunda produção de N.	100
Figura 50 - Sequência de imagens correspondente à segunda produção de B.	101
Figura 51 - Guião correspondente à segunda produção de B.	102
Figura 52 - Texto correspondente à primeira produção de B.....	102
Figura 53 - Sequência correspondente à segunda produção de S.....	103
Figura 54 - Guião correspondente à segunda produção de S.	104
Figura 55 - Texto correspondente à segunda produção de S.....	104
Figura 56 - Sequência correspondente à segunda produção de C.	105
Figura 57 - Guião correspondente à segunda etapa de C.	106
Figura 58 - Texto correspondente à segunda produção de C.	106
Figura 59 - Sequência correspondente à segunda produção de D.	108
Figura 60 - Guião correspondente à segunda produção de D.....	108
Figura 61 - Texto correspondente à segunda produção de D.	109
Figura 62- Sequência de imagens referente à terceira produção de BM.....	112
Figura 63 - Guião referente à terceira produção de BM.....	113
Figura 64 - Texto relativo à terceira produção de BM	113

Figura 65 - Sequência de imagens legendada referente à terceira produção de G	115
Figura 66 - Guião referente à terceira produção de G	116
Figura 67 - Texto referente à terceira produção de G.....	116
Figura 68- Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de L.....	118
Figura 69 - Guião correspondente à terceira produção de L.	119
Figura 70 - Texto relativo à terceira produção de L.	119
Figura 71 - Sequência de imagens legendadas relativas à primeira produção de LC ..	121
Figura 72 - Guião referente à terceira produção de LC	121
Figura 73 - Texto relativo à terceira produção de LC	122
Figura 74 - Sequência de imagens relativas à terceira produção de AC	123
Figura 75 - Guião relativo à terceira produção de AC	124
Figura 76 - Texto referente à terceira produção de AC	124
Figura 77 - Sequência de imagens relativas à terceira produção de N.....	126
Figura 78 - Guião referente à terceira produção de N	127
Figura 79 - Texto referente à terceira produção de N.....	127
Figura 80 - Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de B.....	129
Figura 81 - Guião relativo à terceira produção de B.	129
Figura 82 - Texto relativo à terceira produção de B.....	129
Figura 83 - Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de S.....	131
Figura 84 - Guião relativo à terceira produção de S.....	132
Figura 85 - Texto relativo à terceira produção de S.	132
Figura 86 - Sequência de imagens legendada referente à terceira produção de C.	134
Figura 87 - Guião relativo à terceira produção de C.	134
Figura 88 - Texto relativo à terceira produção de C.....	134
Figura 89 - Sequência de imagens legendada correspondente à terceira produção de D.	137
Figura 90 - Guião referente à terceira produção de D.	137
Figura 91 - Texto relativo à terceira produção de D.....	137

Índice de gráficos

Gráfico 1- Respostas à “Pergunta 1 – Sequencia e legenda as imagens?”	49
Gráfico 2 – Respostas à “Pergunta 2 – Regista num quadro as respostas às questões referentes às legendas das imagens?”	50
Gráfico 3- Respostas à “Pergunta 3 – Escreve o texto conforme o quadro?”	51
Gráfico 4- Respostas à “Pergunta 4 – Respeita a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)?”	52
Gráfico 5- Respostas à “Pergunta 5 – Identifica a personagem principal na introdução?”	53
Gráfico 6- Respostas à “Pergunta 6 – Identifica o espaço na introdução?”	54
Gráfico 7- Respostas à “Pergunta 7 – Identifica o tempo na introdução?”	55
Gráfico 8- Respostas à “Pergunta 8 – No desenvolvimento refere “o que aconteceu” e clarifica a ação principal?”	56
Gráfico 9- Respostas à “Pergunta 9 – No desenvolvimento refere o modo como a ação se desenvolveu?”	57
Gráfico 10- Respostas à “Pergunta 10 – Na conclusão apresenta a resolução do problema?”	58
Gráfico 11- Respostas à “Pergunta 11- Titula o texto?”	59

Introdução

“ [A] escola [tem] um papel fundamental no ensino da expressão escrita, dado que a importância desta foi e continua a ser enorme na sociedade dos nossos dias, apesar da concorrência do mundo audiovisual.” (Azevedo, 2010, p. 13) Reiterando as palavras desta autora, considero que, atualmente, a escola tem de se adaptar às novas tecnologias sem desistir da expressão escrita, propriamente dita, pois esta é essencial.

Este trabalho foi desenvolvido numa turma do 2º Ano de Escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico, na qual eu estagiei e tem por base a escrita de textos narrativos, tendo como suporte uma sequência de imagens e um guião de escrita de textos narrativos.

Decidi desenvolvê-lo, por diversas razões, a saber: a importância da escrita presente no programa de Português de Ensino Básico, tal como é evidenciado, na definição dos objetivos para esse ciclo de escolaridade, em “Planificar pequenos textos em colaboração com o professor: organizar a informação; pesquisar mais informação.” ou “Redigir textos: de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o professor; respeitando as convenções gráficas e ortográficas e de pontuação; evitando repetições.” ou “Escrever pequenas narrativas.” ou “Rever os textos com o apoio do professor: acrescentar, apagar, substituir a informação; reescrever o texto; expandir o texto.” (Reis (coord.), et al., 2009, p. 42).

Este projeto parte da seguinte questão-problema: “De que modo uma sequência didática sobre a escrita, planificada e implementada de forma explícita e intencional, influencia a qualidade dos textos das crianças?”. A partir desta desenvolveu-se a hipótese de trabalhar o texto narrativo, tendo por base uma sequência de imagens, pois verifiquei que numa atividade em que as crianças teriam de escrever, coletivamente, um texto, utilizando algumas imagens da Fábrica de Histórias, este tornou-se mais estruturado e mais rico do ponto de vista linguístico. Pretendo desenvolver este tema, implementando atividades em que as crianças, individualmente, têm de redigir um texto a partir de uma sequência de imagens. Ao desenvolver este tema, pretendo otimizar as aprendizagens da estrutura narrativa, a partir do contributo e da utilização das sequências de imagens. Este projeto tem como objetivos:

- Interiorizar a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão);

- Apropriar-se das categorias (Quem, onde, quando, o quê, porquê) da estrutura do texto narrativo;
- Escrever, a partir das sequências de imagens, textos conforme guiões apresentados;
- Escrever textos tendo por base a sequência de imagens apresentadas;
- Utilizar fichas de apoio como suporte para a escrita do texto narrativo a partir das sequências de imagens.

As razões pelas quais escolhi desenvolver este projeto em torno deste tema foram: por um lado o meu gosto pela escrita e pela leitura, uma vez que, desde criança, fui habituada a ler e a escrever por prazer; por outro lado, a consciência de que a escrita de textos é fundamental, tanto para a vida escolar como para a vida em sociedade, tal como referem Barbeiro e Pereira (2007): “a capacidade de produzir textos escritos constitui hoje uma exigência generalizada da vida em sociedade (...) [e] a sociedade contemporânea reforça cada vez mais a necessidade de os seus membros demonstrarem capacidades de escrita” (p. 5).

Deste modo, para que os cidadãos se tornem mais eficazes e mais eficientes a escrever, é necessário que na escola, desde os primeiros anos de escolaridade, se trabalhe este tipo de competências, nomeadamente a “capacidade compositiva” (Barbeiro & Pereira, 2007, p. 5) que é “relativa à forma de combinar expressões linguísticas para formar um texto” (Barbeiro & Pereira, 2007, p. 5).

Este estudo está dividido em três grandes capítulos: “Quadro Teórico de Referência”, “Metodologia”, “Apresentação e interpretação da intervenção”.

Em “Quadro Teórico de Referência” faço referência ao desenvolvimento cognitivo, nomeadamente ao conceito e o que este engloba, aos autores que melhor definem este tipo de desenvolvimento, especialmente Piaget e Vygotsky, que, embora tenham teorias divergentes, conseguem complementar-se entre si.

Neste mesmo capítulo, caracterizo a linguagem em geral, colocando o enfoque na linguagem escrita e nas diferenças existentes entre esta e a oral. Faço referências às várias etapas do processo escrito, isto é, planificação, textualização e revisão, entre outros conceitos.

Seguidamente, faço referência à narrativa, quais os tipos de narração e os tipos de produções existentes, mencionando em que nível as crianças participantes neste projeto se encontram e, por fim, defino o que é a escrita criativa e como é que foi aplicada, neste projeto.

No segundo capítulo, “Metodologia” defino o paradigma e o método em que baseio o projeto implementado e aqui analisado. O método em que se baseia este estudo é a investigação-ação com algumas adaptações inspiradas na investigação sobre a própria prática, definindo em que cada um consiste e onde podem ser encontrados neste projeto. Caracterizo o contexto deste estudo, nomeadamente: a instituição na qual foi realizado, a turma e os participantes envolvidos.

São também apresentados os dispositivos e procedimentos de recolha e análise da informação, nomeadamente aqueles que foram utilizados neste projeto, isto é, a observação e as notas de campo, para recolher a informação. Para a analisar, usei a análise estatística e a de conteúdo. Com a primeira, analisei todas as produções realizadas, desde as sequências de imagens até à escrita dos textos, transpondo para gráficos os dados obtidos, enquanto que com a segunda analisei mais pormenorizadamente as produções efetuadas por dez alunos (as) representativos(as) da turma, de modo a poder generalizar.

Por fim, faço referência aos dispositivos e procedimentos de intervenção, isto é, explico de que modo, como e quando implementei as atividades que produzi para a base deste projeto.

No terceiro capítulo, “Apresentação e interpretação da intervenção” estão os resultados obtidos através dos procedimentos de recolha e análise de dados. Numa primeira parte, faço um comentário a cada um dos gráficos obtidos durante o tratamento dos dados. Na segunda parte, analiso as sequências de imagens, as planificações e os textos das dez crianças selecionadas, comparando-os entre si, de modo a poder, no fim, generalizar o observado.

1. Quadro teórico de referência

No presente capítulo, será realizada uma revisão da literatura referente ao tema deste estudo, isto é, à escrita de textos narrativos, a partir de uma sequência de imagens, recorrendo a um guião do texto narrativo. Deste modo, os conceitos principais abordados são, essencialmente, sobre o desenvolvimento cognitivo, quais as teorias que melhor suportam o tema, sobre a linguagem em geral e a linguagem escrita em particular, nomeando as características, tanto da oral, como da escrita, tal como é defendido no que consiste a escrita, quais são as várias etapas deste processo, em especial as da escrita de textos narrativos, através do uso de um guião do mesmo. Também faço referência à narrativa, sobretudo aos vários elementos, como personagem, espaço, tempo, entre outros. Por fim, refiro o que é a escrita criativa e como é que esta está presente neste estudo.

1.1. Desenvolvimento cognitivo

De acordo com Gleitman, Fridlund e Reisberg (2011) o desenvolvimento do ser humano, como um todo, implica diversas formas, tais como: o desenvolvimento físico, o motor, o cognitivo e o social. Porém, neste trabalho, apenas irei referir o desenvolvimento cognitivo, ou seja, “o crescimento do funcionamento intelectual da criança” (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011, p. 728).

Para poder falar de desenvolvimento cognitivo, devo primeiramente fazer referência ao conceito de cognição. A cognição, segundo Chaplin (1981) é um “conceito geral que inclui todas as formas do conhecimento. Inclui compreensão, imaginação, raciocínio e julgamento. Tradicionalmente, a cognição contrastava com a conação ou disposição e com a afeição ou sentimento” (p. 91). Já para Dietrich e Walter (1978) “a cognição, (...) abrange todas as formas e tipos de recepção e elaboração do conhecimento e todos os modos de autoconservação (...) que se relacionam com a coerência do meio ambiente do indivíduo” (p. 53).

Deste modo, o desenvolvimento cognitivo é “o crescimento intelectual, que acompanha a progressão da infância à idade adulta” (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011, p. 744) e o seu precursor foi Piaget que defendeu que, ao contrário de outros, a mente das crianças é diferente da dos adultos, o que significava que “o desenvolvimento mental [implicava]

importantes mudanças qualitativas” (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011, p. 745) e descreveu quatro estádios principais para este tipo de desenvolvimento: o da inteligência sensoriomotora – dos 0 até aproximadamente aos 2 anos –, o pré-operatório – dos 2 aos 7 anos –, o das operações concretas – dos 7 aos 11 anos – e o das operações formais – a partir dos 11 anos. É importante salientar que estes limites não são estanques, pois podem existir crianças que, embora tendo idade cronológica para estarem num estádio, já podem estar no estádio acima, devido ao seu desenvolvimento intelectual. No decorrer deste trabalho apenas irei fazer referência ao terceiro estádio, uma vez que, provavelmente, é neste em que se encontram as crianças que participaram neste estudo se encontram, pois tal como referi anteriormente, têm entre os 7 e os 8 anos de idade.

De acordo com vários autores (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011, Troadec & Martinot, 2009; Davidoff, 1983; Dolle, 2005), no estádio das operações concretas, as crianças já têm a capacidade de aplicar o seu conhecimento a acontecimentos concretos, isto é, são capazes de pensar sobre casos concretos com que se deparam diariamente, porém não conseguem ainda aplicar estes conhecimentos a casos abstratos. Na mesma linha de pensamento, Davidoff (1983) defende que “as crianças desenvolvem a capacidade de usar a lógica e param de confiar tão fortemente em informação sensorial simples para compreenderem a natureza das coisas” (p. 347), pois ao serem capazes de pensar sobre os acontecimentos de uma forma concreta, já não necessitam de manusear ou de realizar os acontecimentos para pensarem sobre os mesmos. A mesma autora refere que as crianças, neste estádio, utilizam mais a lógica e a razão para resolverem os seus problemas, o que irá permitir que já consigam categorizar e classificar melhor os vários acontecimentos com que se deparam diariamente do que nos estádios anteriores.

Para além desta definição dos estádios de desenvolvimento das crianças, Piaget também definiu as operações, isto é, “acções interiorizadas que prolongam as estruturas sensório-motoras [adquiridas durante o primeiro estádio de desenvolvimento]” (Matta, 2001, p. 60) como operações lógico-matemáticas e como infralógicas. Relativamente às operações lógico-matemáticas, estas “partem dos objectos, reúnem-nos em classes, seriam-nos ou enumeram-nos” (Dolle, 2005, p. 119), sendo que este tipo de ação é importante para enquadrar o meu projeto, uma vez que neste, as crianças terão de sequenciar imagens de modo a poderem formar uma história. No que diz respeito às operações infralógicas, estas aplicam-se em “relações de proximidade espaço-temporal (operações que intervêm, por exemplo, na estruturação de noções espaciais, de tempo e de velocidade: (...) ordem. Do

ponto de vista lógico, estas operações encontram-se organizadas em estruturas de conjunto (e.g. classificações, seriações, correspondência termo a termo, etc.) ” (Matta, 2001, pp. 395-396).

Numa linha de pensamento oposta à de Piaget, encontra-se Vygotsky defendendo que o desenvolvimento cognitivo deriva da interação histórica, social e cultural do indivíduo, nomeadamente a da criança, pois, de acordo com Matta (2001), este desenvolvimento “resulta de um processo em que as interações sociais, com adultos e outras crianças, são fundamentais” (p. 76). A outra ideia defendida por Vygotsky diz respeito às “funções mentais superiores” (Yudina, 2009, p. 4), forma como designou as funções psicológicas “que constituem a mente humana, tais como a memória, pensamento, linguagem” (Yudina, 2009, p. 4). De acordo com Matta (2001 citando Vygotsky, 1978;1934/1985), “todas as funções superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento; primeiro ao nível social ou interpessoal (...) [e] mais tarde serão individuais ou intrapsicológicas, por internalização” (p. 76), isto é, inicialmente a criança aprende a utilizar uma certa função, como por exemplo, a linguagem socialmente, ou seja, começa a utilizar a linguagem como meio de comunicação antes de a utilizar de um modo reflexivo, pois a função tem de sofrer uma apropriação por parte do indivíduo.

Estas funções utilizam instrumentos – internos e externos – sendo estes, de acordo com Matta (2001), “um meio técnico [se o instrumento for externo] ou psicológico [caso seja um instrumento interno] que mediatiza toda a acção do sujeito com o mundo exterior e consigo mesmo, tem a função de facilitar as acções” (p. 73), isto é, estes instrumentos têm como função auxiliar o ser humano a recordar-se de alguma coisa. Os instrumentos internos ou signos são aqueles que irão ser referidos neste trabalho, pois tal como Yudina (2009) refere estes “são produzidos e conservados pela cultura” (p. 4), uma vez que adquirem significados por serem “utilizados” por quase todos os seres humanos, tal como a escrita e a linguagem que, de acordo com Yudina (2009), são dos sistemas de signos mais importantes.

1.2. Linguagem

A linguagem pode ser entendida como um veículo que permite a comunicação e a expressão de sentimentos e ou de pensamentos, mas para Vygotsky esta é, essencialmente, “um meio de interação social, um meio de expressão e de compreensão” (2007, p. 44), pois serve para os seres humanos comunicarem entre si, permitindo que haja interação entre os indivíduos e também que seja possível compreenderem-se mutuamente, expressando oralmente aquilo que pensaram ou sentiram.

Na mesma linha de pensamento, a linguagem é, para Girard (1976), um “código (...) que utiliza símbolos em número ilimitado” (p. 16), dos quais apenas uma parte reduzida é empregue diariamente pelos seres humanos, uma vez que embora conheça inúmeros sinais que lhe permitem comunicar com os outros, apenas utiliza uma pequena parte desses sinais. Já para Crystal (1977), esta é “a forma mais desenvolvida e mais frequentemente usada na comunicação humana” (p. 288), sendo a linguagem um meio para transmitir uma mensagem, que tanto o emissor como o recetor compreendem, sendo que esta pode ser transcrita - linguagem escrita -, ou pode ser unicamente oral.

No mesmo sentido, Silva (2005) citando Raposo (1992) defende que a linguagem é “um sistema de conhecimentos geneticamente inscritos na mente humana, que a criança traz *a priori* para o processo de aquisição de uma língua” (p. 98), uma vez que os humanos, na sua maioria, aprendem a falar nos primeiros meses de vida, o que vai ser fundamental para o seu desenvolvimento futuro.

Nas palavras de Sim-Sim (1998) citando a American Speech-Language-Hearing Association (1983), a linguagem é “um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados, usado em modalidades diversas para [o homem] comunicar e pensar” (pp. 22-23), sendo que pode ser auxiliada por instrumentos “extralinguísticos ou paralinguísticos” (Sim-Sim, 1998, p. 22), que auxiliam o falante a clarificar ou a intensificar a mensagem que pretende passar.

Sintetizando e de acordo com Alves Martins e Niza (1998) as características da linguagem oral essenciais são:

- Relação directa entre interlocutores.
- Contexto de comunicação conhecido e partilhado pelos interlocutores.
- A planificação do que se vai dizer não é feita necessariamente *a priori*.
- Sequência de sons produzidos ao longo de um tempo.
- Transitória, temporal e utiliza o sistema auditivo.

(Alves Martins & Niza, 1998, p. 26)

Para as mesmas autoras, a linguagem escrita é caracterizada por:

- Não pressupõe uma relação directa entre os interlocutores.
- Contexto de comunicação não partilhado entre quem escreve e quem lê.
- Não regulada pelo desenrolar da dinâmica entre os interlocutores.
- Planificação do texto no seu conjunto.
- Sequência de marcas organizadas num espaço.
- Permanente, espacial e visual.

(Alves Martins & Niza, 1998, p. 26)

Para concluir, a linguagem é um sistema de símbolos que é utilizado pelo ser humano para comunicar e para pensar, sendo que está inscrito na mente humana desde muito cedo e que dará origem à aquisição da língua (materna, segunda ou não materna) que servirá para comunicar com os pares e que utiliza instrumentos que nos permitem esclarecer ou enfatizar a mensagem que pretendemos transmitir. A linguagem pode ser tanto oral como escrita, sendo que na primeira “pressupõe [-se], geralmente, uma relação directa entre os interlocutores, enquanto (...) [na segunda] não [se] pressupõe esta relação directa” (Alves Martins & Niza, 1998, p. 24), pois para comunicar oralmente é necessário que haja dois interlocutores, mas para a escrita já não é essencial.

1.3. Linguagem escrita

Ao contrário da linguagem oral, a linguagem escrita tem de ser aprendida formalmente, ou seja, o indivíduo necessita de um suporte externo – outro indivíduo mais competente nesta área, nomeadamente um docente - para conseguir aprender a escrever.

De acordo com Martins e Niza (1998) “a aprendizagem (...) da escrita é assim considerada como uma tarefa cognitiva, em que o aprendiz tem, em primeiro lugar, de adquirir conceitos, para posteriormente os poder transformar em procedimentos automatizados” (p. 19), ou seja, inicialmente a criança tem de entender para que serve a escrita. Seguidamente, tem de entender quais são os procedimentos inerentes à escrita, tais como, conhecer as palavras e o seu significado e compreender o significado do texto, entre outros e, por fim, a criança já é capaz de escrever um texto sem ter necessidade de estar a pensar sistematicamente e conscientemente nas palavras que pretende.

Especificamente, a aprendizagem da escrita está definida em três fases distintas, sendo estas: “a fase cognitiva” (Fitts, 1962, citado por Downing & Leong, 1982 citados por Alves Martins & Niza, 1998, p. 17), “a fase de domínio” (Fitts, 1962, citado por Downing & Leong, 1982 citados por Alves Martins & Niza, 1998, p. 17) e “a fase de automatização” (Fitts, 1962, citado por Downing & Leong, 1982 citados por Alves Martins & Niza, 1998, p. 17). De acordo com Niza e Alves Martins (1998), a primeira fase “corresponde à construção pela criança, de uma representação sobre quais os objectivos da aprendizagem da leitura [e da escrita]” (p. 27), isto é, durante a fase cognitiva a criança começa a compreender para que serve ler, escrever e o que é necessário para o fazer. Já na fase do domínio, a criança começa a aprender as letras e as palavras, pois tal como as autores referem esta fase diz respeito “ao treino das várias operações necessárias à leitura: a criança tem de aprender a tratar o código – reconhecimento directo de palavras, utilização das correspondências grafo-fonológicas para ler palavras desconhecidas – e tratar semântica e conceptualmente o texto, procurando o seu sentido” (Niza & Alves Martins, 1998, p. 27), pois se, por um lado a criança tem de aprender as palavras, reconhecendo-as, também tem de conseguir ler palavras que não conheça, aplicando a correspondência entre o fonema e o grafema para o poder fazer. Por outro lado, a criança também tem de conseguir ler o texto, compreendendo o seu significado, reter as informações importantes do mesmo e organizar de forma lógica os seus elementos Por fim, na fase da automatização, a criança já utiliza

os seus conhecimentos sobre os vários tipos de texto para os conseguir aplicar autonomamente, pois tal como as autoras defendem esta fase “corresponde ao momento em que a criança é capaz de ler diversos textos utilizando com flexibilidade as diversas estratégias de leitura aprendidas, sem ter que pensar conscientemente nas várias estratégias que está a utilizar” (Niza & Alves Martins, 1998, p. 27).

As mesmas autoras referem ainda que “a linguagem escrita é permanente, espacial e visual” (Alves Martins & Niza, 1998, p. 25), uma vez que a mensagem é uma sequência de letras que estão organizadas num espaço e numa determinada superfície, podendo ser lida vezes sem conta.

Deste modo, neste projeto, as crianças encontram-se entre as fases de domínio e de automatização, uma vez que já conseguem ler e escrever com alguma fluência, conseguindo ler e escrever palavras desconhecidas acedendo ao seu conhecimento, utilizando a relação entre os fonemas e os grafemas. Também já conseguem ler e escrever, utilizando a estratégia que considerem correta para o fazerem, não tendo de estar a pensar conscientemente acerca da mesma.

1.4. A Expressão Escrita

Na nossa sociedade, a expressão escrita é cada vez mais fundamental, uma vez que estamos rodeados por informação que é necessário interiorizar de uma forma eficaz e eficiente. Deste modo, é imperativo que se comece, desde o 1º ciclo, a formar leitores e escritores que consigam acompanhar esta sociedade em que a informação viaja a uma velocidade alucinante.

Para que isso seja possível, a expressão escrita tem de ser ensinada, inicialmente, a partir da escrita de palavras e frases simples, complexificando este ensino até à escrita de vários tipos de textos, tais como o narrativo, o informativo, o descritivo, entre outros, pois embora Rebelo, Marques e Costa (2000) defendam que “a escrita é uma actividade complexa que consiste essencialmente na construção de texto” (p. 135) a escrita tem de passar por várias etapas até chegar à construção do texto propriamente dito. De acordo com alguns autores (Rebelo, Marques, & Costa, 2000; Barbeiro, 2003) a escrita depende de diversos fatores, como o contexto socioeconómico em que a criança se insere, o seu contexto cultural, sendo estes influentes para o processo da escrita, fornecendo à criança um vocabulário diversificado, auxiliando-a no seu desenvolvimento.

Na mesma linha de pensamento, Pereira e Azevedo (2005) referem que a escrita implica vários fatores, tais como o psicológico, o físico ou o cognitivo, por exemplo, sendo esta “de um nível de dificuldade superior ao da produção verbal oral, já que o locutor tem de ser capaz de gerir e avaliar não só o conteúdo a dirigir ao destinatário, como a linguagem a ser mobilizada” (p. 7). Deste modo, a criança tem de adequar a linguagem e o conteúdo do texto ao destinatário(a), não sendo igual redigir um texto informativo ou um narrativo, tal como não é semelhante escrever um texto para crianças ou para adultos.

Também Tavares (2007, citando Flower & Hayes, 1980) define que o processo da escrita está assente em três itens:

- O contexto da tarefa de produção;
- A memória a longo prazo, que faculta dados armazenados necessários para a realização da tarefa (conhecimentos sobre o referente e de ordem discursiva e linguística).
- O processo de produção, que compreende três fases:
 - planificação, durante a qual são definidos os parâmetros da situação textual (quem escreve, a quem, porquê, quando, em que circunstâncias, tipo de texto mais adequado) e disponibilizados na memória a longo prazo;

- textualização, que implica escolhas textuais, selecção dos formatos discursivos e das construções formais, organização das palavras em frases, em parágrafos, em texto;
- revisão, que consiste numa leitura destinada ao aperfeiçoamento do texto.

(p. 95)

Na mesma linha de pensamento, alguns autores (Amor, 1993; Niza, Segura, & Mota, 2011, citando Frederiksen & Dominic, 1981) defendem que a escrita é um processo cognitivo, que tem de ser contextualizado e intencional, isto é, a escrita tem um destinatário e um intuito para que seja possível adequar o conteúdo à realidade (aos vários contextos).

Para que seja possível que a escrita seja desenvolvida e aprendida corretamente tem de se seguir, essencialmente, três etapas: a planificação, a produção ou a textualização e a revisão, tal como já foi referido.

A planificação de um texto serve para que quem o redija seja capaz de ordenar as ideias que pretende escrever, assim como mobilizar o seu conhecimento acerca do tema. Tal como é referido por Barbeiro e Pereira (2007) aquela “é mobilizada para estabelecer objectivos e antecipar efeitos, para activar e seleccionar conteúdos, para organizar a informação em ligação à estrutura do texto, para programar a própria realização da tarefa” (p. 18). Esta etapa da produção textual é fundamental para uma boa redação do texto, sendo imprescindível ser trabalhada desde o início do 1º Ciclo. Contudo, por ter uma base muito generalizável, é comum as crianças não a utilizarem, tal como é referido por Barbeiro (2003), também por essa razão é comum os professores não a aplicarem precocemente no ensino da escrita.

Neste estudo, os textos realizados pelas crianças foram suportados por um plano, doravante denominado guião do texto narrativo ou somente guião, tal como o da figura 1, que tinha como objetivo auxiliar as crianças na planificação dos seus textos narrativos, a partir de uma sequência de imagens. Neste guião, as crianças deveriam registar, quem participava na história, onde e quando ocorria, para preencher no campo da “introdução”. Já no campo do desenvolvimento, deveriam registar o que aconteceu e como aconteceu, ou seja, qual era a ação da história. Por fim, na conclusão, tinham que registar como é que a história iria terminar.

Guião do Texto Narrativo

Título: _____

Introdução	Quem?	
	Onde?	
	Quando?	
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	
	Como aconteceu?	
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	

Figura 1- Guião do texto narrativo (adaptado de Niza, Segura & Mota, 2011, p. 70)

A segunda etapa deste processo, textualização ou produção, é aquela em que os estudantes colocam, por escrito, aquilo que definiram no guião, tendo também em conta como o irão escrever. Amor (1993) reitera o que foi dito anteriormente, referindo que “a textualização corresponde à conversão, em linguagem escrita e em texto, do material selecionado e organizado na etapa anterior” (p. 112). A mesma autora refere também que “este processo (...) mobiliza e faz intervir todo o tipo de aptidões linguísticas, desde a construção das referências, às operações de coesão textual” (Amor, 1993, p. 112).

Outros autores (Barbeiro, 2003; Barbeiro & Pereira, 2007) afirmam ainda que, nesta componente, é possível que, no decorrer da textualização, ocorram pequenas alterações à planificação inicial, pois embora as ideias principais devam estar todas na planificação

inicial, ao longo da produção textual, poderá ser necessário realizar pequenos ajustes para que o texto fique com significado, coeso e coerente, adicionando ou retirando informação à planificação inicial.

A terceira componente – revisão – aparece, normalmente, quando as crianças terminam de redigir o seu texto servindo para aperfeiçoá-lo e corrigir erros que possam existir, tal como é defendido por vários autores (Amor, 1993; Niza (coord.), et al., 1998). Barbeiro e Pereira (2007) referem que esta etapa “processa-se através da leitura, avaliação e eventual correcção ou reformulação do que foi escrito (...) [podendo] actuar ao longo de todo o processo” (p. 19), isto é, tanto na planificação como na produção, pois as crianças, ao escreverem, podem ir fazendo alterações àquilo que já redigiram.

No mesmo sentido, Pereira e Azevedo (2005) e Niza, Segura e Mota (2011) defendem que esta componente da produção textual deve ser realizada, coletivamente, a pares ou individualmente ou ainda com a professora, enquanto indivíduo mais competente nesta área. Neste estudo, optei pela revisão professora – aluno(a), individualmente, pois numa fase anterior àquela que será analisada, já tínhamos aplicado as várias fases deste processo coletivamente, sendo importante também rever os textos individualmente, com o meu apoio, de modo a ser possível melhorá-los e aperfeiçoá-los ainda mais, refletindo com as crianças a maneira de o fazer.

1.5. A Narrativa

Embora anteriormente tenha feito referência a textos em geral, este estudo baseia-se nos textos narrativos, uma vez que são apreendidos pelas crianças, desde cedo, estando estas aptas a recontar oralmente a história. Todavia, com a entrada para o 1º ciclo é necessário que sejam também capazes de recontá-la, por escrito, e de inventar outras. Neste sentido, Applebee (1978 citado por Rebelo, Marques, & Costa, 2000) identificou seis tipos de narração:

- 1) «pilha»: conjunto de proposições sem relação entre si;
- 2) sequências: série de proposições que contêm um argumento (em geral o agente) comum (A faz X, A faz Y...);
- 3) narrações primárias: os eventos complementares estão reagrupados sob a actividade superordenada. Estas produções podem corresponder aos *scripts*;
- 4) cadeias não focalizadas: desprovidas de desfecho, consistem em proposições encadeadas em que cada uma partilha um elemento com a precedente e uma outra com a seguinte;
- 5) cadeias focalizadas: a forma mais típica é a narração de acções realizadas ou suportadas por uma personagem principal;
- 6) narrações: orientadas no sentido de uma progressão – sentida intuitivamente - até ao apogeu da história. Cada incidente desenvolve-se a partir do precedente e ao mesmo tempo introduz um novo elemento do tema. (...)

(Rebelo, Marques, & Costa, 2000, p. 214)

Ao analisar o que acima foi descrito, posso considerar que os textos elaborados pelas crianças participantes neste estudo se encontram no nível 5 – “cadeias focalizadas” (Rebelo, Marques, & Costa, 2000, p. 214, citando Applebee, 1978), uma vez que a maioria escrevia as suas histórias, apenas com uma ou duas personagens principais, não desenvolvendo uma ação muito complexa.

Esperet (1984, citado por Rebelo, Marques, & Costa, 2000) identificou quatro tipos de produções:

- “- «não textos»: 5 enunciados sem qualquer relação semântica ou ligação anafórica;
- «textos»: com marcas superficiais de coesão (pronomes, artigos), mas relatando um *script* vulgar;
- produções abertas»: manifesta-se uma compilação, mas não se precisam as reacções e as respectivas consequências;
- «histórias»: dotadas das características do «esquema» canónico.”

(p. 215)

Pela identificação das produções enunciadas por Esperet, considero que as realizadas pelos participantes deste estudo encontram-se entre os “«textos»” (Esperet, 1984 citado Rebelo, Marques, & Costa, 2000, p. 215) e as “ «produções abertas» ” (Esperet, 1984 citado Rebelo, Marques, & Costa, 2000, p. 215), uma vez que apresentam marcas de coesão textual, permitindo que as mesmas tenham um sentido, porém ainda não apresentam as consequências das ações das personagens.

Nas palavras de Reis e Lopes (2007), a narrativa está presente em vários suportes existentes no nosso quotidiano, por exemplo, nas histórias orais, nas histórias escritas, ou mesmo no cinema e no teatro. Porém, neste estudo, apenas irei fazer referência ao suporte escrito, nomeadamente os textos narrativos, como as histórias e os contos.

A narrativa é uma sequência de acontecimentos que se caracteriza pela presença de personagens, de espaços e tempo. Tal como Niza, Segura e Mota (2011) referem “o texto narrativo apresenta um conjunto de características específicas, nomeadamente um determinado contexto espaço-temporal que enquadra a interação entre as personagens e uma sequência de acontecimentos singulares que atraem os leitores” (p. 63).

Bach (1991) vai mais longe ao referir que “toda a narrativa conta uma história, sucessão de acções e de acontecimentos, transformando uma situação inicial, numa situação nova (...), [em virtude de se introduzir] transformações (por melhoramento ou por deterioração) [que leva] (...) a recriar um equilíbrio (situação final)” (p. 50), uma vez que uma narrativa precisa de ter peripécias para que as personagens as possam viver e ultrapassar, de modo a que estas quando as ultrapassarem consigam voltar a uma situação favorável.

Irei definir as várias características que fazem parte de um texto narrativo, isto é, o espaço, o tempo, as personagens e a ação. Primeiramente, irei definir espaço, pois de acordo com Reis e Lopes (2007) este “integra (...) os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da acção e à movimentação das personagens” (p. 135), isto é, esta característica permite ao (à) leitor(a) conseguir imaginar como é o local em que a personagem se encontra. No mesmo sentido, os mesmos autores referem que o espaço, para além de físico, também pode ser social ou psicológico, pois a caracterização do espaço social permite ao leitor averiguar qual é o ambiente social em que a personagem se encontra enquanto que o espaço psicológico diz respeito às vivências, aos pensamentos e aos estados de espírito da personagem, pois assim o(a) leitor(a) consegue compreender

como é que ela se está a sentir. Neste estudo, porém, apenas o espaço físico foi considerado e lecionado, uma vez que ainda se encontram no 2º ano, não sendo aconselhado a trabalhar com eles os outros tipos de espaço por serem ainda muito novos.

Em segundo lugar, o tempo numa narrativa marca “o momento em que tem lugar a ocorrência” (Carmelo, 2005, p. 74), estando dividido em três categorias: tempo histórico, tempo da diegese ou da história e tempo do discurso. O primeiro diz respeito à época histórica em que a ação se desenrola, o segundo ao tempo em que a narrativa se desenvolve enquanto o tempo do discurso está relacionado com o tempo em que a história está a ser contada, estando muitas vezes relacionado com o tempo diegético (Reis & Lopes, 2007) uma vez que indica se a história se desenvolve, no passado, no presente ou no futuro. Este conceito, neste estudo, foi trabalhado de um modo geral, pois as crianças ainda são muito novas para conseguir assimilar todos estes conceitos tão diferentes, mas também tão semelhantes.

Em terceiro lugar, Reis e Lopes (2007) consideram que as personagens são “o eixo em torno do qual gira a acção e em função (...) [das quais] se organiza a economia da narrativa” (p. 314), pois estas são aquelas que “vivem” no tempo e no espaço referidos e que se deparam com obstáculos e com as peripécias que precisam de ultrapassar. Na maior parte dos textos que serão analisados apenas estão presentes uma ou duas personagens, sendo estas principais, uma vez que durante a explicitação deste conceito não houve a diferenciação entre personagens principais e secundárias.

Em quarto lugar, a ação é determinada pelo desejo de uma ou várias personagens de alterarem a situação em que se encontram (Adam & Revaz, 1997), mas também pode ser considerada uma sequência e desenvolvimento de acontecimentos que podem levar a uma nova situação, sendo que é fundamental que sejam consideradas as personagens e o tempo para que a mesma se possa desenvolver (Reis & Lopes, 2007). Neste estudo o conceito de ação foi dado como o que aconteceu para que a história se desenvolvesse, pois, assim as crianças conseguiram compreender o que era proposto.

Concluindo, neste estudo, estas foram as categorias da narrativa que foram lecionadas, uma vez que considero fundamentais para o trabalho que era pretendido, isto é, que escrevessem um texto narrativo, tendo em conta, as personagens, o tempo, o espaço e a ação, a partir de imagens.

Para as auxiliar a caracterizarem as diferentes categorias da narrativa, nomeadamente, o tempo, o espaço e a personagem elaborei uma ficha de apoio (cf. Apêndice 1). Nela estão presentes várias características físicas que podem ser aplicadas na caracterização das personagens. Também existem algumas ideias de como se pode caracterizar o espaço e o tempo.

1.6. Escrita criativa

A escrita criativa é uma forma de aplicar a imaginação na escrita de textos que utiliza ferramentas, isto é, imagens, sons, pinturas, jogos, para auxiliar o(a) escritor(a) a redigi-los. Gomes (2008) refere que, embora não concorde com o termo escrita criativa, uma vez que, na sua opinião, toda a escrita implica que quem escreve utilize de uma forma mais ou menos acentuada a criatividade e a imaginação, esta é “um conjunto de técnicas que permitem melhorar as competências narrativas” (p. 28).

Já para Mourão (2008), “a escrita criativa (...) pressupõe o recurso à escrita como modo de aceder à criatividade” (p. 42), pois, a partir de uma certa ferramenta, começa a estimular a imaginação e a criatividade, permitindo que, ao longo do tempo, a criança vá começando a escrever textos, recorrendo cada vez mais à criatividade, à medida que vai desenvolvendo a competência escrita.

De acordo com Barbeiro (1999) a escrita não é apenas o ato de escrever, fazendo também parte dela o processo de criação do texto, tal como a utilização de ferramentas, como a utilização de imagens, sons, para suportar a escrita de um texto.

Neste estudo, para facilitar a escrita dos textos narrativos pelas crianças, estas começaram, no início de cada texto, por realizar um jogo que foi utilizado como uma ferramenta de escrita criativa. Este jogo é uma versão alterada e adaptada de Barbeiro (1999), sendo a versão original intitulada “Em fila na história” (p. 47). Com ele era proposto que ordenassem uma sequência de imagens, de forma lógica e coerente, de modo a que fosse possível escrever uma história, com todos os seus elementos.

Neste estudo, as sequências eram compostas por quatro ou cinco imagens que deviam ser organizadas, de modo a permitir que fosse possível escrever a história tendo por base esta sequência. As imagens eram as mesmas para todos, sendo que cada um as ordenava pela ordem pretendida. Porém, para facilitar a análise dos textos, no final do momento em que tinham de as ordenar, era discutido com o grupo-turma, qual a ordem correta, uma vez que as imagens já tinham uma ordem lógica, pela qual deviam ser organizadas e que era apenas do meu conhecimento.

Este jogo, tal como naquele em que foi baseado, tinha por objetivo “criar uma história, relacionando diversos elementos” (Barbeiro, 1999, p. 47), pois era importante que

começassem a organizar as imagens de modo a que fosse possível relacioná-las, permitindo deste modo que as mesmas fizessem parte da estrutura da narrativa.

No mesmo sentido, com a utilização das sequências de imagens que propôs, era possível verificar a coerência e a coesão textual, uma vez que apresentavam uma ordem lógica e que ao escreverem o texto, necessitavam de articular os vários elementos da narrativa, estruturando as suas histórias.

A escrita criativa fornece instrumentos úteis para a escrita de textos, auxiliando no desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Uma destas ferramentas foi utilizada para o desenvolvimento deste projeto, isto é, a utilização de uma sequência de imagens que permitiu ordená-las de uma forma lógica.

2. Metodologia

Este capítulo está dividido em quatro subcapítulos: o paradigma e o método; o contexto de estudo; os dispositivos e procedimentos de recolha e análise da informação; e descrição dos dispositivos e procedimentos de intervenção.

O paradigma e o método em que se baseia este estudo está inscrito no primeiro subcapítulo – O Paradigma e o método, tal como estão expressos quais os procedimentos mais corretos para o fazer, de modo a que tivesse sido possível colocá-lo em prática.

O subcapítulo “O contexto de estudo” diz respeito à descrição da instituição onde decorreu o estudo, à organização do espaço, à descrição da turma em que foi realizado e também à descrição dos(as) participantes, e qual foi a minha posição no seu decorrer.

Na parte “ Os dispositivos e procedimentos de recolha e análise da informação” está presente uma descrição de quais os dispositivos e procedimentos utilizados para recolher a informação que foi analisada no decorrer deste estudo, tal como estão também descritos quais os dispositivos e procedimentos utilizados para analisar e tratar os vários dados obtidos.

Em “Descrição dos dispositivos e procedimentos de intervenção” são referidas e descritas as atividades realizadas para que fosse possível concretizar este estudo.

2.1. O Paradigma e o Método

Para o conceito de paradigma, Kuhn (1962) define-o como sendo “o conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de um dada comunidade científica” (citado por Coutinho, 2013, p. 9). Do mesmo modo, Coutinho (2005) define-o como “conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico” (citado por Coutinho, 2013, p. 9). Assim, um paradigma pode ser definido como um conjunto de métodos e técnicas que são validados por uma comunidade. Na educação, existem três grandes paradigmas: o “positivista ou quantitativo, o interpretativo ou qualitativo e o (...) sociocrítico ou hermenêutico” (Bisquerra, 1989; Latorre et al., 1996; Morin, 1983 citados por Coutinho, 2013, p. 11).

Para colocar em prática o projeto sobre a escrita de textos, tendo como suporte uma sequência de imagens e um guião para planificar o texto narrativo, considero que o paradigma que mais se adequa é o sóciocrítico que, tal como o paradigma interpretativo, assenta numa abordagem qualitativa, ou seja, uma abordagem em que os investigadores se interessam mais pela compreensão do que está a ser estudado, tal como Bogdan e Biklen (1994) referem “ [os investigadores] privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.” (p. 16).

Este paradigma, de acordo com Coutinho (2013), é muito semelhante ao interpretativo, com a diferença de que, com ele, é pretendido que a investigadora tenha uma atitude mais interventiva que a atitude esperada para os (as) investigadores(as) no paradigma interpretativo. Com este, pretende-se que a investigadora concretize mudanças ao longo da sua observação e intervenção, pelo que deve adotar uma atitude interventiva, observando as suas práticas, controlando-as, analisando-as e refletindo sobre elas, com vista a uma melhoria.

De acordo com a mesma autora, este paradigma pretende utilizar as noções de “*compreensão, significado e ação*” (Coutinho, 2013, p. 17), uma vez que, através desta abordagem, os(as) investigadores(as) se interessam, essencialmente, por compreender, interpretar, analisar e refletir sobre as situações observadas. Do mesmo modo, Carmo e Ferreira (1998) defendem que, com este tipo de abordagem,

os investigadores interagem também com os sujeitos de uma forma “natural” e, sobretudo, discreta. Tentam “misturar-se” com eles até compreenderem uma determinada situação, mas procuram minimizar ou controlar os efeitos que provocam nos sujeitos de investigação e tentam avaliá-los quando interpretam os dados que recolheram.

(p. 180)

Embora considere que este paradigma é o mais adequado, uma vez que Coutinho *et al* (2009, citando Coutinho, 2005) defendem que “uma investigação deve sempre conter em si uma intenção de mudança” (p. 357), é de referir que irei utilizar alguns dos procedimentos de recolha e análise de dados do paradigma interpretativo, tal como irei basear-me num dos métodos existentes para desenvolver projetos no paradigma interpretativo.

Para concretizar este projeto, considero que o método a adotar é o denominado “Investigação-acção” (Afonso, 2005, p. 74), embora com adaptações inspiradas no método “investigação sobre a prática” (Ponte, 2002, p. 5).

Para o conceito de investigação – ação existem diversas definições, sendo uma delas a seguinte: com este método “trata-se do estudo de uma situação social com o objectivo de melhorar a qualidade da acção desenvolvida” (Elliot, 1991, p. 69 citado por Afonso, 2005, p. 74) enquanto para Lomax (1990, citado por Latorre, 2003, citado por Coutinho et al, 2009) este método é “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria” (p. 360). Já Bartalomé (1986, citado por Latorre, 2003, citado por Coutinho et al, 2009) esclarece que a investigação-ação é “um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a acção e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua própria prática” (p. 360). Corey (1953, citado por Calhoun, 1994, p. 20, citado por Afonso, 2005) refere que “outra abordagem caracteriza a investigação-acção como um processo através do qual os “práticos” procuram estudar os seus problemas cientificamente, com o objetivo de orientar, corrigir e avaliar as suas decisões e acções” (p. 74).

Oliveira-Formosinho e Formosinho (2008) defendem que, com este método, os investigadores são capazes de formular questões importantes no decorrer da sua prática, tal como o são para identificar e escolher estratégias e metodologias apropriadas à sua prática, uma vez que, deste modo, a investigadora assume a participação na avaliação, tanto do processo como dos resultados.

Adicionalmente, Afonso (2005) enumerando as cinco características da investigação-ação (identificadas pela *League of Schools Reaching*, em 1991) refere que “é uma investigação realizada por pessoas directamente envolvidas na situação social que é objecto de pesquisa” (p. 75), “o ponto de partida da pesquisa é constituído por questões práticas do trabalho quotidiano” (Afonso, 2005, p. 75), “a opção por esta abordagem implica o respeito e a adequação aos valores e às condições de trabalho na organização (mudar por dentro implica evitar antagonizar directamente a organização e os actores) ” (Afonso, 2005, p. 75), “existe um grande eclectismo metodológico no que respeita às técnicas de recolha e tratamento de dados, pois o que é relevante é que sejam compatíveis com os recursos disponíveis, e que não perturbem as práticas da organização” (Afonso, 2005, p. 75). “A investigação-acção implica perseverança num esforço contínuo para ligar, relacionar e confrontar acção e reflexão. A reflexão abre novas opções para a acção, e a acção permite reexaminar a reflexão que a orientou.” (Afonso, 2005, p. 75)

A investigação-ação é caracterizada como um processo sobre o qual a investigadora através da sua intervenção poderá melhorar ou alterar uma situação, neste caso, a

aprendizagem da escrita de textos narrativos. A investigação-ação também implica a reflexão sobre as várias intervenções realizadas, de modo a poder melhorar a sua prática.

No que diz respeito ao método “investigação sobre a prática” (Ponte, 2002, p. 5), refere que este tipo de investigação “visa (...) alterar algum aspecto da prática, uma vez estabelecida a necessidade dessa mudança” (Ponte, 2002, p. 8) através da reflexão crítica e sistemática sobre a prática da docente. Assim, Ponte (2002) considera que, através deste método é possível que os docentes se desenvolvam profissionalmente, uma vez que gera conhecimentos acerca da prática.

Este autor defende que “a investigação sobre a prática deve emergir como um processo genuíno dos actores envolvidos, em busca do desenvolvimento do seu conhecimento, procurando solução para os problemas com que se defrontam e afirmando assim a sua identidade profissional.” (Ponte, 2002, pp. 14-15)

Em suma, este estudo, tal como já mencionei, basear-se-á no método de investigação-ação, também baseado em algumas adaptações do método investigação sobre a prática. No que diz respeito à investigação-ação, este estudo servirá para “melhorar a qualidade do que ocorre numa determinada situação e a necessidade, para tal, de investigar essa situação” (Máximo-Esteves, 2008, p. 18), o que implica que os(as) investigadores(as) reflitam acerca das ações envolvidas, nomeadamente as ações das crianças. No que se refere aos alicerces da investigação sobre a prática, estes dizem respeito à necessidade “da reflexão na actividade do professor que (...) [investiga] sobre a sua prática” (Ponte, 2004, p. 68). Deste modo, neste projeto, a investigação-ação será utilizada como meio para tentar melhorar a escrita de textos, refletindo acerca das ações das crianças, enquanto a investigação sobre a prática irá incidir na reflexão sobre a minha prática, no que se refere à implementação deste projeto.

2.2. O Contexto do Estudo

2.2.1. A Instituição

A instituição na qual decorreu este projeto situa-se na freguesia da Quinta do Conde, concelho de Sesimbra e distrito de Setúbal. É uma instituição da rede pública de ensino. Está integrada num agrupamento de escolas a funcionar no mesmo concelho.

Este agrupamento abrange três instituições: um Jardim de Infância, uma Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância e uma Escola Básica do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico com Secundário.

A instituição onde decorreu este estudo está em funcionamento desde 2003. Tal como já foi referido, integra as valências de Educação Pré-Escolar e a de 1º Ciclo do Ensino Básico. Tem capacidade para cerca de 600 crianças, distribuídos em quatro turmas de Jardim de Infância, três de 1º Ano, quatro de 2º ano, seis do 3º Ano e cinco do 4º Ano. Para além da componente letiva, na escola também funciona uma componente de apoio à família, ATL, que é da responsabilidade da Associação de Pais da Escola, não estando diretamente relacionada com o estabelecimento de ensino, embora exista um intercâmbio entre estas duas vertentes. Nesta vertente, as crianças inscritas podem frequentá-la antes e depois do período letivo e, também, é esta que assegura as Atividades Extracurriculares da Escola.

Para responder às necessidades das crianças, a escola funciona em três regimes distintos. O regime duplo, da manhã, funciona entre as 8h e as 13h10. O da tarde funciona entre as 13h15 e as 18h25 e o normal funciona entre as 9h e as 12h15 e das 13h30 às 15h30.

A instituição encontra-se num edifício de dois pisos, sendo que o rés-do-chão está dividido em três grandes áreas funcionais: a primeira é utilizada pelas salas do 1º Ciclo e do Jardim de Infância; outra à biblioteca, à sala polivalente, ao refeitório e as salas do ATL; e ainda outra à função administrativa, nomeadamente a sala dos(as) professores(as) e a dos(as) funcionários(as). Já no primeiro andar existe apenas uma área ocupada por mais salas de aula do 1º Ciclo.

No que diz respeito ao espaço exterior da instituição, este está organizado em duas áreas: uma para o 1º Ciclo (que contempla uma área para a prática do exercício físico, integrando um campo de futebol e de basquetebol) e uma zona comum, ajardinada, que também é

utilizada nos intervalos pelas crianças e o recreio. A outra área, na qual existe um parque infantil, está destinada ao Jardim de Infância.

2.2.2. A Turma

A turma em que foi realizado este projeto frequenta o 2º ano de escolaridade, sendo constituída por 23 crianças – onze rapazes e doze raparigas – com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos (completadas até 31 de dezembro de 2014).

Destas 23 crianças, uma segue um plano diferente, uma vez que ainda não conseguia ler e escrever. Também existem duas com dificuldades de aprendizagem, porém nenhuma está referenciado como com Necessidades Educativas Especiais. Ainda existem outras duas que ficaram retidas no 2º ano, estando a repeti-lo. No que concerne à avaliação, esta é média-alta, visto que a maior parte obteve classificações boas ou muito boas.

Esta turma, relativamente à sua ascendência, é multicultural. Embora a maioria dos pais das crianças seja portuguesa, também existem romenos, indianos e afro-portugueses. Todas têm nacionalidade portuguesa. A maioria provém da classe média ou baixa e os pais são trabalhadores por conta de outrem, no setor terciário: auxiliares de ação educativa, docentes, enfermeiros, eletricitas, escriturárias, guarda-costas particulares/seguranças de estabelecimentos, pedreiros, domésticas, cabeleireiras, comerciantes.

Por essa razão, existem crianças com muito léxico e vocabulário, enquanto outras com pouco léxico. No que se refere à componente escrita, estas estavam a iniciar a escrita de textos individuais, tendo já ultrapassado a fase em que os textos eram escritos coletivamente e, posteriormente, a pares.

2.2.3. Participantes no estudo

No presente estudo, todas as crianças da turma participaram, porém nem todos o fizeram da mesma maneira. A maioria, por já ter as competências básicas para a escrita dos textos narrativos, isto é, já conseguir escrever e ler com alguma fluência, embora ainda com alguns erros ortográficos, podia realizar as atividades inerentes a este projeto. A aluna que ainda não tinha estas competências, não pôde realizar as atividades, sendo que, enquanto as outras escreviam, esta estava a pintar as imagens das sequências.

À medida que as atividades iam sendo realizadas, fui observando que existiam sempre algumas crianças que não estavam presentes, portanto as produções textuais que irei analisar pertencem às que participaram nas três atividades implementadas para este projeto.

Neste projeto irão ser realizados dois tipos de análise: uma estatística e outra de conteúdo. Para a análise estatística das produções textuais irei ter em conta a população sobre a qual incide o estudo, isto é, “um conjunto de indivíduos ou objectos que apresentam uma ou mais características em comum” (Reis E. , 2002, p. 43), especificamente as 22 crianças que escreveram os textos em análise. Para a análise de conteúdo das mesmas produções, irei basear este estudo numa amostra da população, isto é, “um subconjunto da população, que se observa com o objectivo de tirar conclusões para a população de onde foi recolhida” (Martins & Cerveira, 1999, p. 14), nomeadamente para que seja possível generalizar os resultados obtidos. Este grupo foi constituído por dez crianças – cinco rapazes e cinco raparigas.

Neste projeto, a investigadora também participou, assumindo uma posição de observadora-participante, uma vez que, para além de estar a intervir, isto é, estar a implementar atividades do presente projeto, também estava a observar as ações dos sujeitos do estudo, nomeadamente aquelas que estavam relacionadas com o projeto em causa, ou seja, a ordenação e legendagem das imagens, o registo no guião do texto narrativo e a escrita do texto. Enquanto isto decorria, também estava a anotar quais as crianças que estavam com mais dificuldade em fazê-las, auxiliando-os caso houvesse necessidade.

Neste projeto, a participação e intervenção foram importantes, uma vez que eu pude participar ativamente nas várias atividades propostas para a sua implementação, tal como foi possível observar o desenvolvimento destas mesmas atividades, de modo a saber o

que poderia ser modificado, pois tal como Oliveira-Formosinho e Formosinho (2008) referem “ o professor [ou estagiário, neste caso], como sujeito e participante na investigação-acção colaborativa, participa também na avaliação dos resultados e do impacto da acção” (p. 11).

2.3. Os dispositivos e procedimentos de recolha e análise da informação

Para desenvolver um projeto suportado pelo método Investigação-ação com algumas inspirações no método Investigação sobre a prática, deve-se ter em conta que este método é eclético no que diz respeito aos procedimentos e técnicas de recolha e tratamento de dados a adotar, isto é, com este método é possível utilizar várias técnicas de recolha e de tratamento de dados.

No que diz respeito aos procedimentos utilizados pelo paradigma sóciocrítico, estes são os mesmos que são utilizados pelo paradigma interpretativo, uma vez que, tal como já foi referido, estes paradigmas são bastantes semelhantes.

2.3.1. Os dispositivos e procedimentos de recolha da informação

Os procedimentos que irei utilizar para recolher a informação são: a pesquisa documental, a observação, a entrevista, os testes de avaliação (conhecimentos/performance) (Afonso, 2005) e as notas de campo.

No que diz respeito à pesquisa documental, esta “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação” (Afonso, 2005, p. 88), isto é, com este tipo de técnica o(a) investigador(a) não tem necessidade de recolher mais dados para além daqueles que já existem, tendo apenas de analisar estes. Porém, nestes mesmos documentos também existem conclusões que poderão ser úteis para desenvolver o projeto, tal como é referido por Carmo e Ferreira (1998) “para atingir os seus objectivos, o investigador necessita de recolher o testemunho de todo um trabalho anterior, introduzir-lhe algum valor acrescentado e [passá-lo] (...) à comunidade” (p. 59). Assim, neste projeto, esta técnica não será utilizada na totalidade, isto é, os dados obtidos foram e serão recolhidos por mim, através da aplicação de atividades relacionadas com a escrita de textos narrativos. Todavia, irei utilizar a pesquisa documental, ou seja, irei suportar as minhas conclusões em documentos já existentes, pois “ estudar o que se tem produzido na mesma área é (...) indispensável a quem queira introduzir algum valor acrescentado à produção (...) existente sem correr o risco de estudar o que já está estudado” (Carmo &

Ferreira, 1998, p. 59) e “tal valor acrescentado escorar-se-á, assim, em suportes sólidos anteriormente concebidos e testados.” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 59).

Relativamente à observação, este procedimento baseia-se na “criação de uma atitude de observação consciente (...) de forma a aprofundar a capacidade de seleccionar informação pertinente” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 94), utilizando diversos modos de registo das observações, como as notas de campo. Nesta técnica existem duas grandes distinções, no que diz respeito ao envolvimento do(a) observador(a): “observação não-participante” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 106), e “observação participante propriamente dita” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 107), sendo que esta última, a partir de agora, será referida apenas como observação – participante, uma vez que é esta a técnica que eu utilizei. Durante este projeto, as atividades desenvolvidas com as crianças para que melhorassem a produção escrita de textos narrativos foram implementadas, durante a prática supervisionada da unidade curricular de Estágio III, neste caso, por mim. Na observação-participante, a investigadora interfere no trabalho desenvolvido que suporta a sua investigação, mergulhando no contexto em que investiga, tomando notas das suas ações e do que foi realizado.

Outros autores (Pardal & Lopes, 2011) corroboram o que foi dito anteriormente, afirmando que na observação-participante, a investigadora “vive a situação, sendo-lhe, por isso, possível conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior” (p. 72), permitindo-lhe ser mais preciso na informação conseguida. Bell (1997) defende que com este tipo de observação, a investigadora poderá tornar-se parcial no que se refere a manter a sua opinião, pois ao ser inserido num determinado contexto, começa a conhecer as pessoas e as situações observadas. Porém, a mesma autora refere que o papel do(a) observador(a) é “observar e registar da forma mais objectiva possível” (p. 143) para que seja possível, posteriormente, interpretar os dados recolhidos.

Relativamente à técnica de notas de campo, esta está intimamente conectada à de observação, uma vez que o(a) investigador(a), ao observar, terá de registar em algum momento aquilo que observa de modo a que seja possível, posteriormente, coligir as várias informações conseguidas na observação. Segundo Máximo-Esteves (2008) as notas de campo incluem registos descritivos das ações observadas, tal como incluem reflexões acerca das mesmas, isto é, para além de registar as várias ações que ocorrem durante a sua intervenção, o (a) observador (a) também interpreta e reflete sobre as mesmas. A mesma autora refere que existem dois tipos de notas de campo: aquelas que

são realizados no momento em que está a ocorrer a observação e aquelas que são realizadas após a observação. De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008) as notas de campo que são efetuadas no momento da observação são do tipo descritivo enquanto Máximo-Esteves (2008) refere que este mesmo tipo de notas ocorre “através de anotações condensadas redigidas na aula, enquanto as crianças executam a tarefa que se está a observar” (p. 88). O segundo tipo de notas de campo – aquelas que são efetuadas após a observação – são “anotações extensas, detalhadas e reflexivas, elaboradas depois da aula” (Máximo-Esteves, 2008, p. 88) e que devem ser elaboradas com a maior brevidade, estando a observação ainda recente na memória.

No que diz respeito à técnica – entrevista - esta “consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face” (Afonso, 2005, p. 97) e distingue-se, essencialmente, entre “entrevistas estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas” (Afonso, 2005, p. 97). As entrevistas estruturadas, segundo Aires (2011, citando Fontana & Frey, 1994), “consistem na interação entre entrevistador e entrevistado, com base num conjunto de perguntas pré-estabelecidas e num conjunto limitado de categorias de resposta” (p. 28), isto é, neste tipo de entrevista não é possível alterar as perguntas, pois o objetivo principal é analisar as respostas de um vasto conjunto de entrevistados(as). Nas entrevistas não estruturadas, segundo Afonso (2005), “a interação verbal entre entrevistador e entrevistado desenvolve-se à volta de temas ou grandes questões organizadoras do discurso, sem perguntas específicas” (p. 98), ou seja, neste tipo, o(a) entrevistador(a) desenvolve uma conversa com o(a) entrevistado(a) sobre os grandes temas que este pretende que se discutam. Por fim, a entrevista semiestruturada consiste num formato entre os dois tipos de entrevista referidos anteriormente, sendo que esta é, de acordo com Afonso (2005), conduzida “a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista” (p. 99), que tem por base tópicos a serem desenvolvidos e discutidos entre o entrevistador e entrevistado. De acordo com vários autores (Afonso, 2005; Máximo-Esteves, 2008; Pardal & Lopes, 2011), na entrevista semiestruturada, o(a) entrevistador(a) possui um leque de questões amplas que vai colocando ao(à) entrevistado(a) e estas podem dar lugar a outras questões que possam advir das respostas do(a) entrevistado(a).

Neste projeto realizei entrevistas estruturadas às crianças cujos textos foram analisados, pois, de acordo com Graue e Walsh (2003), estas devem ser negociadas “dizendo do que se trata e como se faz” (p. 140). No início de cada entrevista estive a falar com as crianças

acerca do que pretendia com as mesmas. Os mesmos autores defendem que as entrevistas devem ser feitas em pequenos grupos ou a pares para que as crianças se possam ajudar. Contudo neste projeto as entrevistas foram individuais, pois pretendi que as crianças opinassem acerca dos seus trabalhos, sem que interferissem nas opiniões umas das outras. Com estas entrevistas pretendi indagar, questionando-as, quais eram as suas opiniões sobre os textos, as fichas de apoio e o guião utilizado para permitir que descrevessem as personagens apresentando-os, novamente, às crianças. As questões das entrevistas foram:

- Qual destes textos consideraste que era mais fácil de escrever? Porquê?
- Consideraste mais simples escrever os textos com as fichas de apoio ou sem as fichas de apoio? Porquê?
- Consideraste simples escrever os textos com o apoio do guião ou que era mais simples escrever sem o guião? Porquê?

No que diz respeito aos testes de avaliação, com a “aplicação de testes, pretende-se informação relevante para formular juízos de avaliação, isto é, comparam-se os resultados obtidos com padrões previamente fixados” (Afonso, 2005, p. 106). Assim, esta técnica também será uma das utilizadas para recolher dados, neste projeto, uma vez que os textos escritos pelas crianças serão analisados e comparados uns com os outros para verificar se existiram melhorias na produção textual.

No decorrer deste projeto utilizei estes cinco tipos de métodos de recolha de dados – a pesquisa documental, a entrevista, a observação, as notas de campo e os testes de avaliação – porém, apenas os testes de avaliação, a observação e as notas de campo serão aqueles que foram usados com mais frequência, sendo que a entrevista e a pesquisa arquivística serviram somente para suportar algumas das conclusões que obtive.

2.3.2. Os dispositivos e procedimentos de tratamento da informação

Ao terminar a recolha da informação obtida através das técnicas de recolha mencionadas no tópico acima, é a altura para começar a tratar esta mesma informação, aplicando técnicas de tratamento ou análise de dados.

Para analisar alguns dos dados, irei recorrer à estatística, nomeadamente à análise de dados e, para isso, Lehman (1988 citado por Murteira, 2003) refere que os objetivos da análise de dados são a “exploração dos dados para descobrir ou identificar os aspectos ou padrões de maior interesse” (p. 4) e a “representação dos dados de maneira a destacar ou chamar a atenção para esses aspectos ou padrões” (Murteira, 2003, p. 4).

Para que seja possível analisar os dados de uma forma estatística construí uma grelha (cf. Apêndice 2) para analisar os textos produzidos pelas crianças. Nesta grelha existem três categorias fechadas de resposta (Sim, com ajuda, sim, sem ajuda e não). As onze questões são as seguintes:

- 1) Sequencia e legenda as imagens?
- 2) Regista num quadro as respostas às questões referentes às legendas das imagens?
- 3) Escreve o texto conforme o quadro?
- 4) Respeita a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)?
- 5) Identifica a personagem principal na introdução?
- 6) Identifica o espaço na introdução?
- 7) Identifica o tempo na introdução?
- 8) No desenvolvimento refere “O que aconteceu” e clarifica a ação principal?
- 9) No desenvolvimento refere o modo como a ação se desenvolveu?
- 10) Na conclusão apresenta a resolução do problema?
- 11) Titula o texto narrativo?

A leitura das grelhas permite compreender dados sistematizados, de uma forma quantitativa e geral, quais as competências que as crianças já desenvolveram até ao momento de análise e interpretação destes dados, o que irá permitir refletir sobre quais as atividades que poderão ser desenvolvidas posteriormente e também de que modo e quais as competências que ainda não desenvolveram. Os dados obtidos nesta grelha irão ser compilados em tabelas e em gráficos para facilitar a sua leitura e interpretação.

Analisando apenas os textos que poderão contribuir para a generalização do nível em que a turma se encontra, recorrerei à análise de conteúdo. A análise de conteúdos foi definida por Berelson (1952, 1968 citado por Carmo & Ferreira, 1998) como “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação” (p. 251), isto é, com esta técnica o(a) investigador(a) deve definir e categorizar, com clareza, os tópicos a analisar para que seja possível descrever o que é observado da forma mais precisa possível.

Bardin (1991) defende que a análise de conteúdo também se deve debruçar sobre a interpretação das mensagens, tanto escritas como orais, pois ao analisá-las a tónica é colocada naquilo que queremos avaliar. O mesmo autor refere que existem cinco grandes regras para construir a grelha para analisar o conteúdo das mensagens, sendo que estas “regras devem ser: homogéneas (...); exaustivas (...); exclusivas (...); objectivas (...); adequadas ou pertinentes (...)” (Bardin, 1991, p. 36), isto é, as regras devem ser homogéneas, pois todos os textos devem seguir as mesmas diretrizes, devem ser exaustivas, exclusivas e objetivas, uma vez que todos os textos devem ser analisados até ao mais ínfimo pormenor e a mesma análise não pode ser aplicada em categorias diferentes e os resultados que advêm desta análise não podem ser diferentes, enquanto devem ser adequadas ou pertinentes, de acordo com o que se quer analisar.

Esta análise de conteúdo irá permitir analisar e interpretar os textos narrativos das crianças estudados nesta investigação, utilizando os mesmos objetivos de análise em todos, de forma a poder inferir acerca do que seria necessário trabalhar a mais com as crianças e com quais, de modo a alcançarem todas as mesmas competências. Na análise e interpretação dos textos irei observar quais as competências que já adquiriram para a elaboração de textos narrativos, por exemplo a estrutura introdução-desenvolvimento – conclusão. E se respondem às várias questões propostas para cada uma das divisões, enquanto a descrição irá consistir na escrita de notas sobre o que pode ser observado nos vários textos produzidos.

As notas de campo e as entrevistas realizadas irão facilitar a análise do conteúdo efetuada nas várias produções textuais, uma vez que, ao utilizá-las, é possível inferir quais as facilidades e as dificuldades, tanto sentidas pelas crianças como por mim.

Note-se que, relativamente à análise estatística, irão ser analisados 62 textos narrativos e, no que diz respeito à análise de conteúdo, irão ser analisados 30 textos. Para além destes, também será analisada uma sequência de imagens ordenada e legendada e um guião do texto narrativo.

No que diz respeito à análise de conteúdo dos textos, esta irá debruçar-se sobre a concordância entre a sequência de imagens legendada, a planificação e o texto narrativo. Também refletirei acerca da estrutura do texto, das categorias da narrativa se estão ou não presentes e acerca dos erros ortográficos cometidos.

2.4. Descrição dos dispositivos e procedimentos de intervenção

Para o desenvolvimento deste projeto foram implementadas três atividades: a primeira ocorreu no dia 2 de dezembro de 2014, a segunda no dia 6 de janeiro de 2015 e a terceira no dia 18 de março de 2015. As duas primeiras atividades foram realizadas durante o período de Estágio, enquanto que a terceira foi realizada fora do mesmo.

A primeira proposta de atividade foi realizada, após algumas atividades de escrita de textos em turma e em escrita colaborativa. Nesta atividade denominada “Vou escrever uma história...I” (cf. Apêndice 3) era pedido que ordenassem uma sequência de imagens (cf. Anexo 1) e que a legendassem, registassem num quadro as legendas das imagens respondendo às questões inseridas no mesmo, e por fim, deveriam escrever um texto narrativo, tendo por base a sequência de imagens e o quadro. Esta atividade serviria de ponto de partida para aferir as competências de escrita de cada uma, no início do estudo.

Na segunda atividade “Vou escrever uma história...II” (cf. Apêndice 4) era pedido que realizassem o mesmo procedimento da primeira, sendo que a sequência de imagens era diferente (cf. Anexo 2). Nesta mesma atividade, tal como na primeira, era solicitado que ordenassem e legendassem as imagens da sequência, registassem no quadro as respostas obtidas com a legendagem das imagens e respondessem às questões presentes no quadro e, de seguida, produzissem um texto narrativo. Nesta atividade, após escreverem os textos, iriam revê-los comigo de modo a poderem ser melhorados e reescritos, sendo que as produções finais seriam aquelas que fossem consideradas para análise.

Na terceira atividade “Vou escrever uma história...III” (cf. Apêndice 5) era proposto o mesmo procedimento implementado nas duas anteriores e a sequência de imagens (cf. Anexo 3) era diferente. Tal como nas outras, deveriam começar por ordenar e legendar as imagens da sequência. Posteriormente deveriam registrar, no quadro, as informações obtidas com a legendagem das imagens para responderem às questões inseridas nesse quadro e, por fim, iriam produzir os textos a partir dessas informações. Tal como na segunda atividade, após terminarem a produção dos textos as crianças iriam revê-los comigo de modo a poderem serem melhorados e reescritos. As produções reescritas serão as tidas em conta para a análise dos textos.

3. Apresentação e interpretação da intervenção

Este capítulo será dividido em dois subcapítulos: no primeiro, irei analisar e interpretar os dados recolhidos na análise dos textos, nomeadamente com o uso da grelha de análise (referida no capítulo 2), sendo que estes foram coligidos em gráficos para serem de fácil observação, um gráfico para cada questão da grelha.

No segundo subcapítulo, primeiramente apresento as produções das crianças, ilustrando-as com as sequências de imagens, com as planificações e com os textos, fazendo uma análise pormenorizada ao observado. Seguidamente, comparo as produções, comentando e, por fim, generalizo o observado.

3.1. Análise e interpretação estatística dos textos

Nesta secção irão ser apresentados os resultados obtidos através da análise dos textos das três atividades implementadas no decorrer deste projeto. Na primeira atividade participaram 20 crianças, nas segunda e terceira atividades participaram 21 em cada uma. A informação recolhida foi sistematizada em onze gráficos, isto é, um gráfico para cada pergunta da grelha de análise elaborada e em que constam os dados obtidos, para essa pergunta nos três textos analisados, sendo assim possível observar, mais facilmente, a sua evolução.

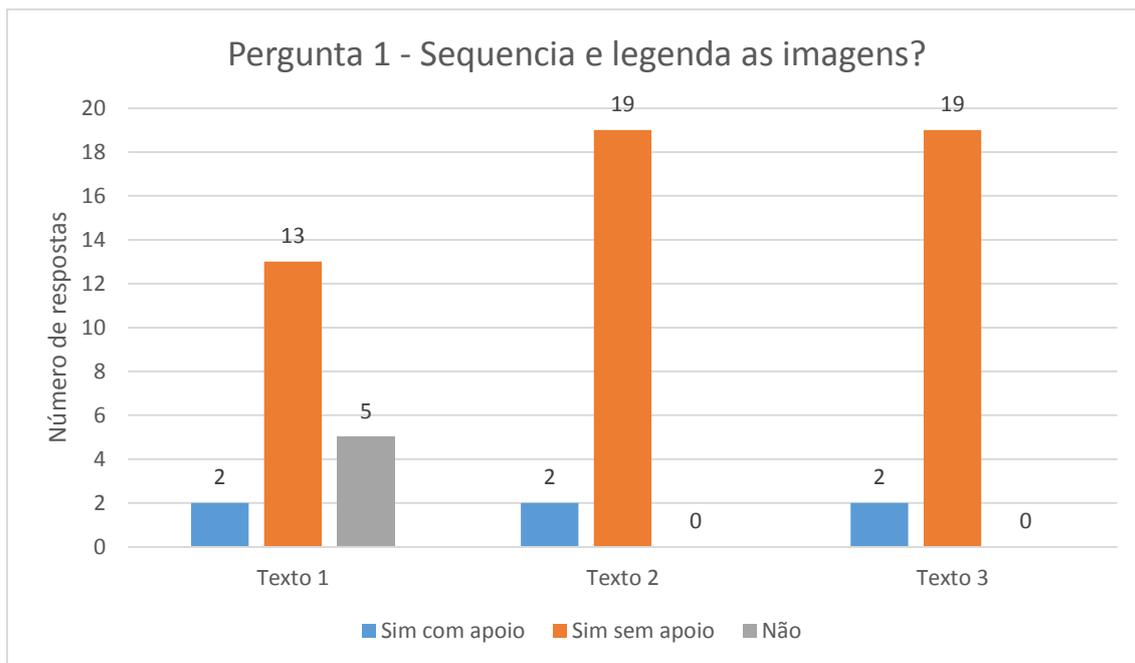


Gráfico 1- Respostas à “Pergunta 1 – Sequencia e legenda as imagens?”

O gráfico 1 diz respeito à primeira questão da grelha de análise. Ao observar este gráfico é possível verificar que houve vinte que realizaram o texto 1 tendo havido duas que necessitaram de apoio de um adulto para sequenciar e legendar as imagens, enquanto treze conseguiram fazê-lo sem apoio e cinco não o conseguiram fazer. É de salientar que estas cinco crianças não conseguiram sequenciar logicamente as imagens e daí eu ter considerado que o não fizeram corretamente, embora tenham feito uma sequência alternativa. Já no texto 2, vinte e uma realizaram-no, contudo duas só conseguiram sequenciar e legendar as imagens com apoio, enquanto 19 conseguiram fazê-lo sem apoio. No que diz respeito ao texto 3 houve 21 que o realizaram e destes: duas conseguiram sequenciar e legendar as imagens com apoio e as restantes conseguiram fazê-lo sem apoio. Em suma, ao observar o gráfico 1, constata-se que a maior parte conseguiu sequenciar e legendar as imagens individualmente e pela ordem correta. Apenas duas, ao longo dos três textos, necessitarem de apoio da professora para sequenciar e legendar as imagens.

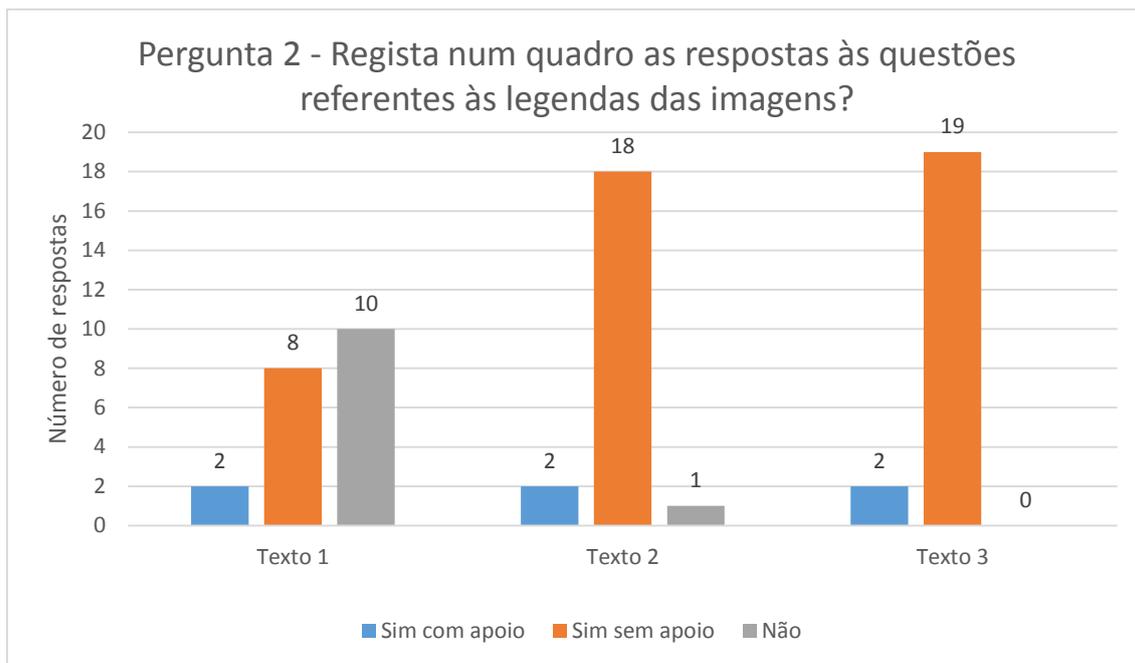


Gráfico 2 – Respostas à “Pergunta 2 – Regista num quadro as respostas às questões referentes às legendas das imagens?”

O gráfico 2 diz respeito à segunda questão da grelha de análise. Ao analisar este gráfico é possível verificar que houve vinte crianças que realizaram o texto 1 e destas, duas necessitaram de apoio para registar no quadro as informações referentes à legendagem das imagens. Oito conseguiram fazê-lo de forma autónoma e dez não o conseguiram fazer. Quanto ao texto 2, vinte e uma realizaram-no e destas: duas não conseguiram registar no quadro as informações referentes à legenda das imagens, 18 conseguiram fazê-lo sem apoio e uma não conseguiu fazê-lo. Por fim, no texto 3, houve 21 que o realizaram, sendo que duas conseguiram fazê-lo com o apoio da professora e dezanove conseguiram fazê-lo individualmente.

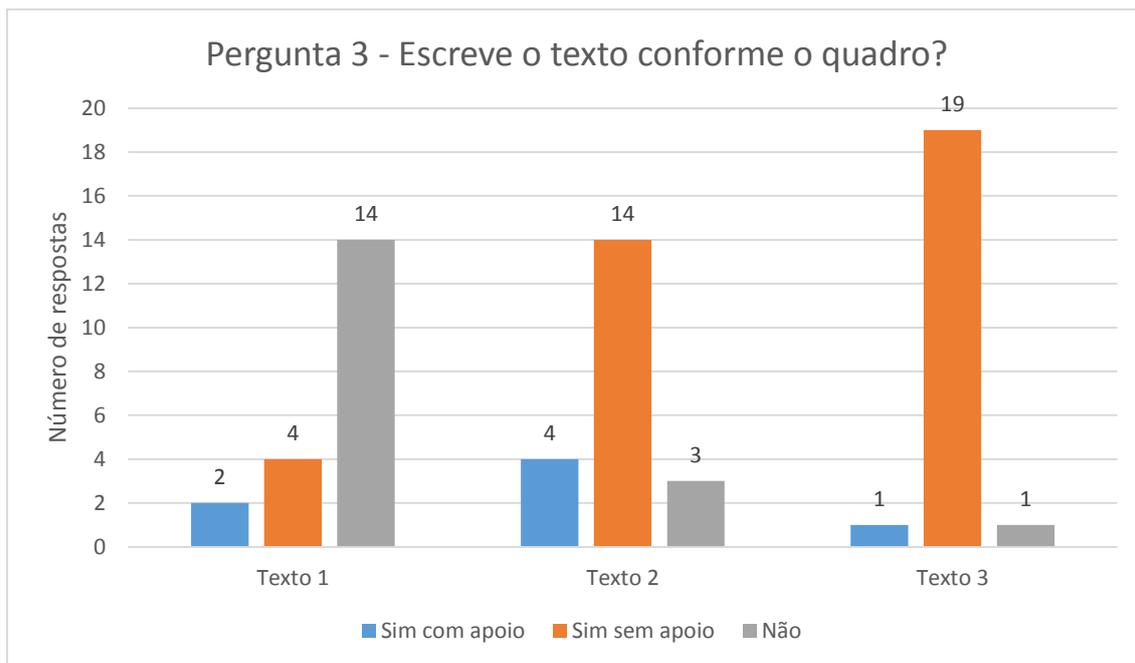


Gráfico 3- Respostas à “Pergunta 3 – Escreve o texto conforme o quadro?”

No gráfico 3 estão expressos os dados obtidos através da análise dos três textos a partir da terceira questão da grelha “Escreve o texto conforme o quadro?”. Quanto ao texto 1 houve 20 crianças que o fizeram, destas, duas conseguiram escrever o texto conforme o quadro com o apoio da professora, quatro conseguiram fazê-lo sem apoio e catorze não o conseguiram fazer. Vinte e uma crianças escreveram o texto 2, sendo que destas, quatro necessitaram de apoio para escrever o texto conforme o quadro, catorze conseguiram fazê-lo autonomamente e três não o fizeram. Vinte e uma escreveram o texto 3, sendo que dezanove conseguiram fazê-lo sem apoio, uma não conseguiu, enquanto apenas uma necessitou de ajuda para escrever o texto. Em suma, ao longo das três atividades e através da leitura do gráfico é possível verificar uma evolução, pois a maioria não conseguiu escrever o primeiro texto, mas escreveu o terceiro conforme o quadro e sem apoio.

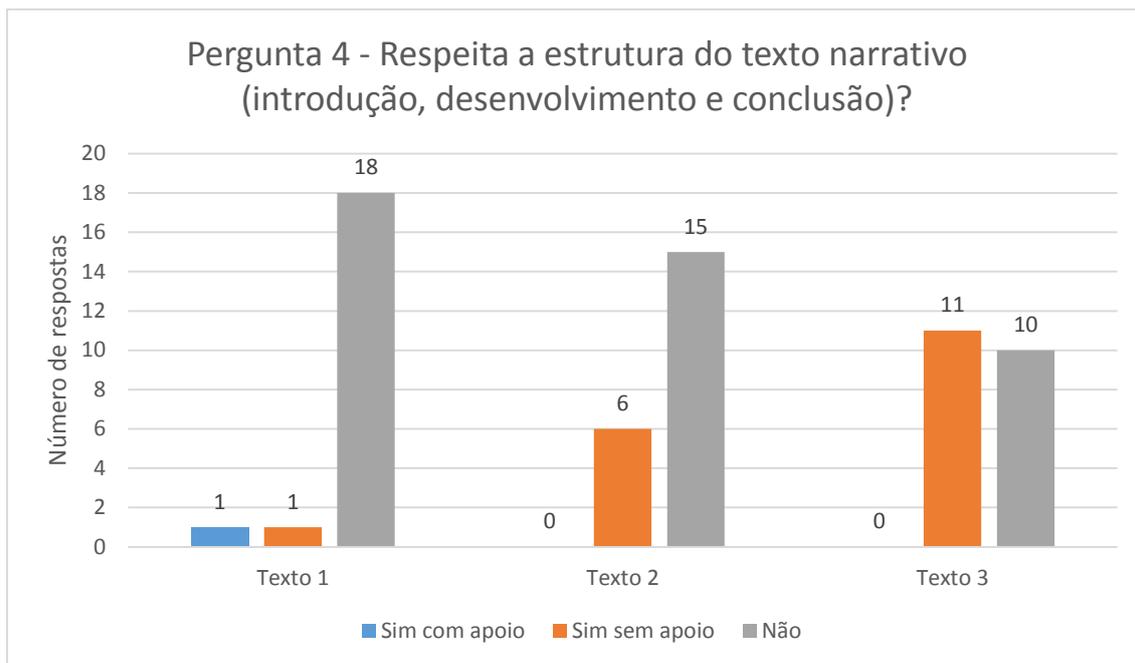


Gráfico 4- Respostas à “Pergunta 4 – Respeita a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)?”

O gráfico 4 refere-se à quarta questão da grelha denominada “Respeita a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)?”. É de salientar que esta estrutura é relativa à divisão do texto em parágrafos, ou seja, um parágrafo para a introdução, um para o desenvolvimento e outro para a conclusão, pelo menos. Para o texto 1 houve uma criança que necessitou de apoio para respeitar a estrutura do texto narrativo, uma conseguiu fazê-lo sem apoio, enquanto 18 não o conseguiram fazer e, neste texto houve 20 que escreveram o texto. No que se refere ao texto 2, houve seis que respeitaram a estrutura do texto narrativo sem necessitarem da ajuda da professora para o fazerem, enquanto quinze não respeitaram a estrutura do texto narrativo. Já no texto 3, houve 11 que respeitaram a estrutura do texto narrativo sem apoio, enquanto dez não o conseguiram fazer.

Em suma, ao observar o gráfico 4 verifica-se que, no primeiro texto, houve 18 que ao escrevê-lo não respeitaram a estrutura do mesmo, já no segundo houve 15 que não o conseguiram fazer e, por fim, no terceiro, dez não o conseguiram fazer. No sentido oposto, no primeiro texto houve apenas uma que conseguiu respeitar a estrutura do texto sem necessitar do apoio, no segundo houve seis que já conseguiram escrevê-lo, respeitando a estrutura do mesmo e, no terceiro, houve onze que o conseguiram fazer sem apoio.

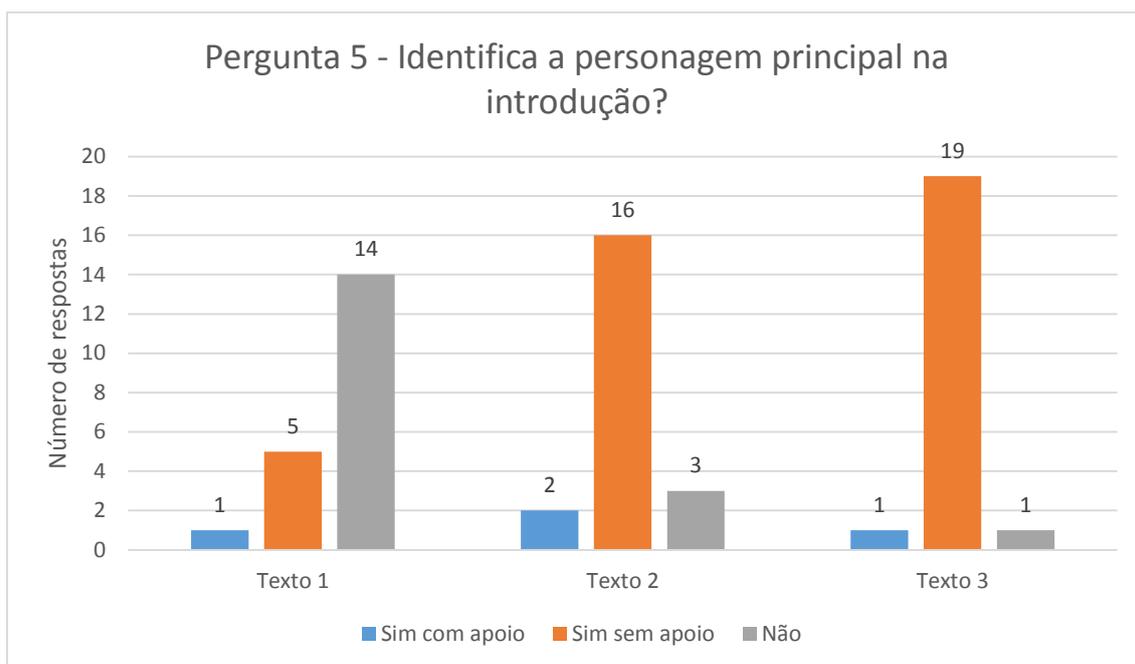


Gráfico 5- Respostas à “Pergunta 5 – Identifica a personagem principal na introdução?”

O gráfico 5 refere-se à quinta questão da grelha “Identifica a personagem principal na introdução?” sendo importante de salientar que, com esta pergunta pretendo averiguar se as crianças conseguiram identificar a personagem principal da história que desenvolveram, tal como a nomearam. No texto 1, catorze não a conseguiram identificar, enquanto cinco conseguiram fazê-lo sem apoio e apenas uma necessitou de ajuda para identificar a personagem principal. Já no texto 2, duas necessitaram de apoio para identificar a personagem principal, dezasseis conseguiram identificá-la sem apoio e apenas três não conseguiram. No texto 3, dezanove conseguiram identificar a personagem principal do seu texto autonomamente, uma conseguiu com apoio da professora e uma não conseguiu.

Em suma, ao observar o gráfico 5 verifica-se que no primeiro texto houve 14 que ao escreverem o texto não conseguiram identificar a personagem principal, já no segundo apenas três não o conseguiram fazer e no texto 3 apenas uma não conseguiu. Também se verifica que, no primeiro texto, apenas cinco conseguiram fazê-lo autonomamente, já no segundo, dezasseis conseguiram fazê-lo de forma autónoma e, no terceiro, dezanove conseguiram identificar autonomamente a personagem principal.

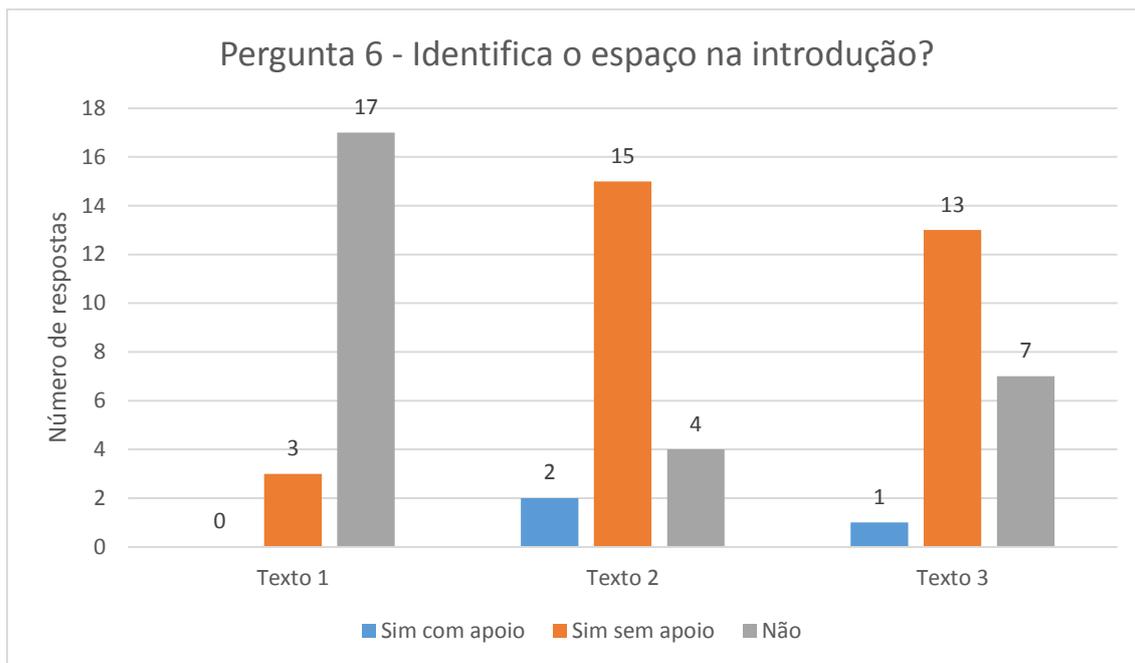


Gráfico 6- Respostas à “Pergunta 6 – Identifica o espaço na introdução?”

O gráfico 6 refere-se à sexta questão da grelha “Identifica o espaço na introdução?”, sendo de salientar que, com esta pergunta, pretendo averiguar se as crianças conseguiram definir e identificar o espaço onde decorre a ação da sua história. No texto 1, três conseguiram fazê-lo autonomamente e dezassete não conseguiram identificar o espaço onde decorre a ação. No texto 2, duas só conseguiram identificar o espaço com o apoio da professora, enquanto quinze conseguiram fazê-lo autonomamente e quatro não conseguiram identificar o espaço. No texto 3, apenas uma necessitou de apoio da docente, treze conseguiram fazê-lo autonomamente e sete não o conseguiram fazer.

Em suma, ao observar o gráfico 6, verifica-se que no primeiro texto houve 17 que ao escrevê-lo não conseguiram identificar o espaço, já no segundo apenas quatro não o conseguiram fazer e, no texto 3 sete não conseguiram. Também se verifica que, no primeiro texto apenas três conseguiram fazê-lo autonomamente, já no segundo, quinze o conseguiram fazer e, no terceiro, treze conseguiram identificar autonomamente a personagem principal.

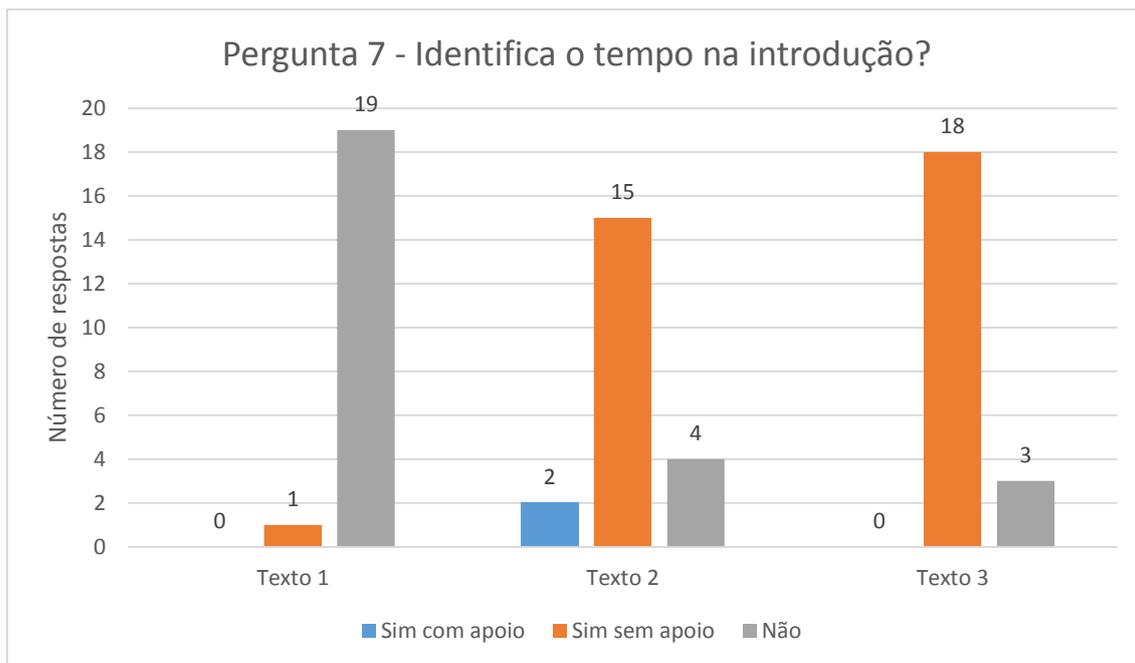


Gráfico 7- Respostas à “Pergunta 7 – Identifica o tempo na introdução?”

O gráfico 7 refere-se à sétima questão da grelha “Identifica o tempo na introdução?”, sendo importante de salientar que, com esta questão, pretendo apurar se as crianças conseguiram identificar o tempo em que decorre a ação. No texto 1, uma conseguiu e dezanove não o conseguiram fazer. No texto 2, duas conseguiram identificar o tempo, embora tenha sido com o apoio da docente, quinze conseguiram fazê-lo individualmente e quatro não o conseguiram. No terceiro texto, dezoito conseguiram identificar o tempo autonomamente e apenas três não o conseguiram.

Assim, ao observar o gráfico 7 verifica-se que, no primeiro texto, apenas uma conseguiu identificar o tempo, já no segundo quinze conseguiram identificá-lo e no terceiro, dezoito conseguiram fazê-lo. Em oposição, no primeiro texto, dezanove não o conseguiram fazer, no segundo e no terceiro textos apenas quatro e três não o conseguiram fazer, respetivamente.

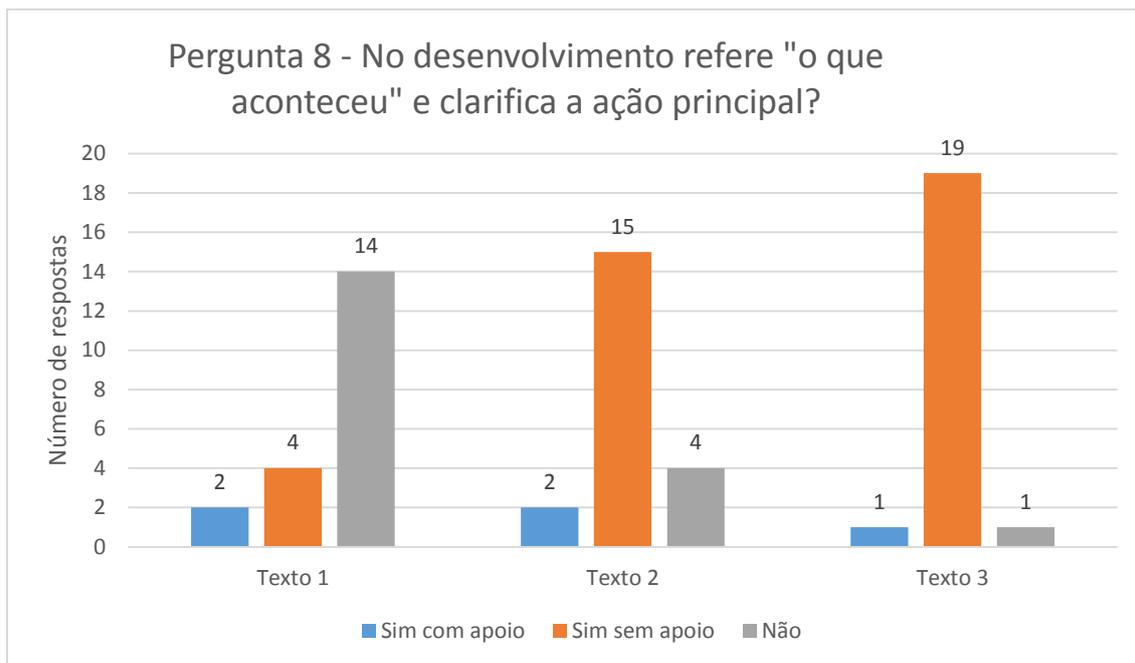


Gráfico 8- Respostas à “Pergunta 8 – No desenvolvimento refere “o que aconteceu” e clarifica a ação principal?”

O gráfico 8 é referente à oitava questão da grelha “No desenvolvimento refere “o que aconteceu” e clarifica a ação principal?”, sendo de salientar que, com esta questão, pretendo aferir a quantidade de crianças que conseguiram definir o que aconteceu, clarificando de seguida a ação principal do texto que escreveram. No texto 1, duas necessitaram de apoio para definir e clarificar qual a ação principal do seu texto, já quatro conseguiram fazê-lo autonomamente e catorze não o conseguiram. No texto 2, duas necessitaram de apoio para definir e clarificar a ação principal, quinze conseguiram fazê-lo de forma autónoma e quatro não o conseguiram. Já no texto 3, apenas uma necessitou de apoio para definir e clarificar o que aconteceu na ação principal, dezanove conseguiram fazê-lo autonomamente e apenas uma não o conseguiu.

Em resumo, ao observar o gráfico 8, verifica-se que no primeiro texto apenas quatro conseguiram definir e clarificar “o que aconteceu” de forma autónoma, enquanto, no segundo texto, já quinze conseguiram fazê-lo e, por fim, no terceiro também dezanove conseguiram. Assim, verifica-se que, entre o primeiro e o terceiro textos, a maioria das crianças conseguiu definir e clarificar “o que aconteceu” na ação principal.

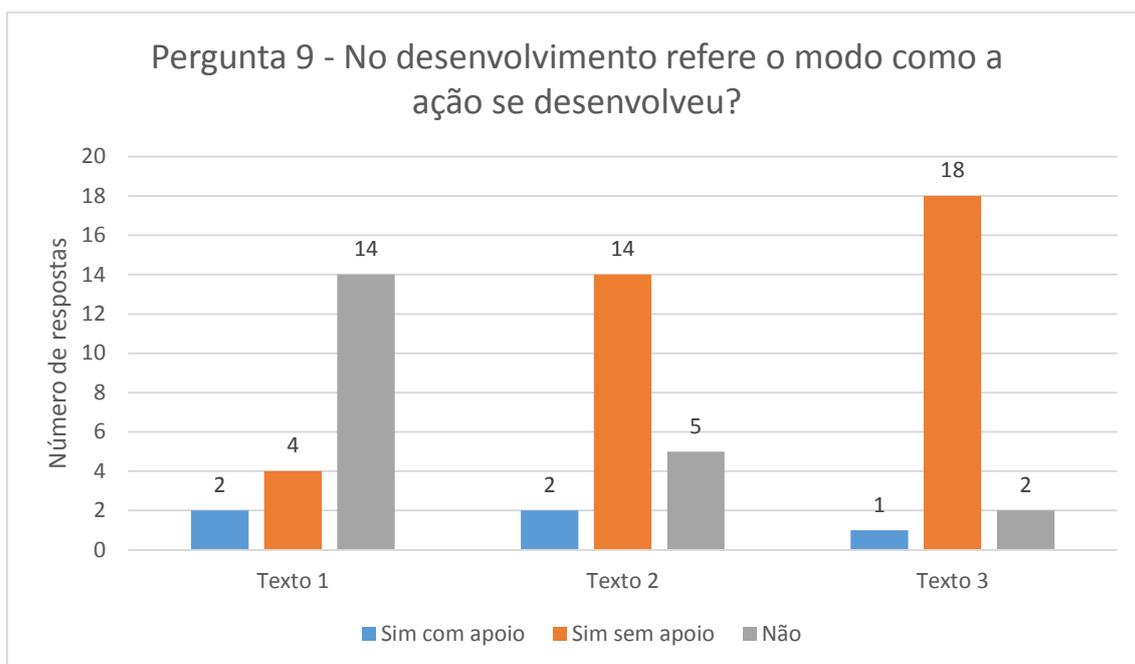


Gráfico 9- Respostas à “Pergunta 9 – No desenvolvimento refere o modo como a ação se desenvolveu?”

O gráfico 9 é referente à nona questão da grelha “No desenvolvimento refere o modo como a ação se desenvolveu?”, salientando que, com esta questão, pretendo averiguar a quantidade de crianças que conseguiu referir como a ação principal se desenvolveu no seu texto narrativo. No texto 1, duas necessitaram de apoio para o referir, quatro conseguiram fazê-lo autonomamente e catorze não o conseguiram. No texto 2, tal como no texto 1, duas necessitaram de apoio para referir como a ação se desenvolveu, catorze conseguiram fazê-lo autonomamente e cinco não o conseguiram. No texto 3, apenas uma necessitou de apoio para referir como a ação se desenvolveu, dezoito conseguiram fazê-lo de forma autónoma e duas não o conseguiram.

Em suma, ao observar o gráfico 9 verifica-se que, no primeiro texto, apenas quatro conseguiram, autonomamente, referir como a ação se desenvolveu, enquanto que no segundo catorze conseguiram fazê-lo de forma autónoma e, no terceiro, dezoito conseguiram fazê-lo sem qualquer suporte. Deste modo, verifica-se que, entre o primeiro e o terceiro textos, a maioria conseguiu referir como a ação se desenvolveu, de forma autónoma.

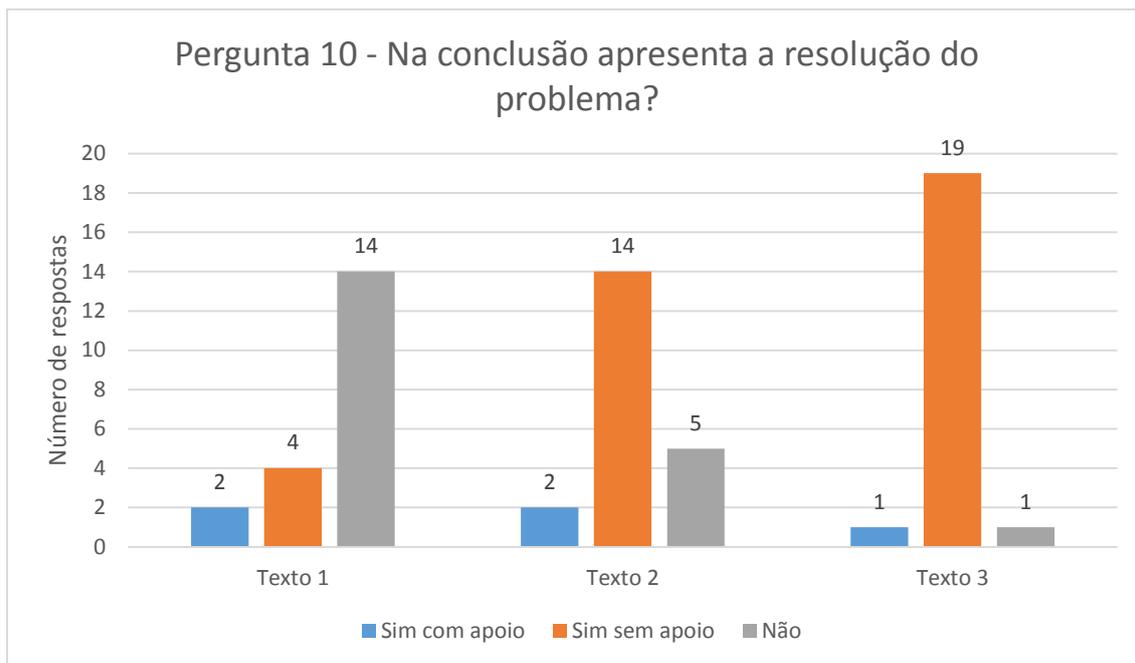


Gráfico 10- Respostas à “Pergunta 10 – Na conclusão apresenta a resolução do problema?”

O gráfico 10 é referente à décima questão da grelha “Na conclusão apresenta a resolução do problema?”. É de salientar que, com esta questão, pretendo averiguar a quantidade de crianças que conseguiu apresentá-la, isto é, se conseguiu apresentar como terminou o seu texto narrativo. No texto 1, duas necessitaram de apoio para o terminar, quatro conseguiram fazê-lo autonomamente e catorze não o conseguiram. No texto 2, tal como no texto 1, duas necessitaram de apoio para apresentar a resolução do problema, catorze conseguiram fazê-lo autonomamente e cinco não o conseguiram. No texto 3, apenas uma necessitou de apoio para apresentar a resolução do problema, dezanove conseguiram fazê-lo de forma autónoma e uma não o conseguiu.

Em resumo, ao observar o gráfico 10 verifica-se que, no primeiro texto, apenas quatro conseguiram, autonomamente, apresentar a solução para o problema que ocorreu na ação principal, enquanto no segundo, catorze, conseguiram fazê-lo de forma autónoma e, no terceiro, dezanove conseguiram fazê-lo sem qualquer suporte. Deste modo, verifica-se que, entre o primeiro e o terceiro textos, a maioria conseguiu apresentar uma resolução para o problema decorrente da ação apresentada anteriormente.

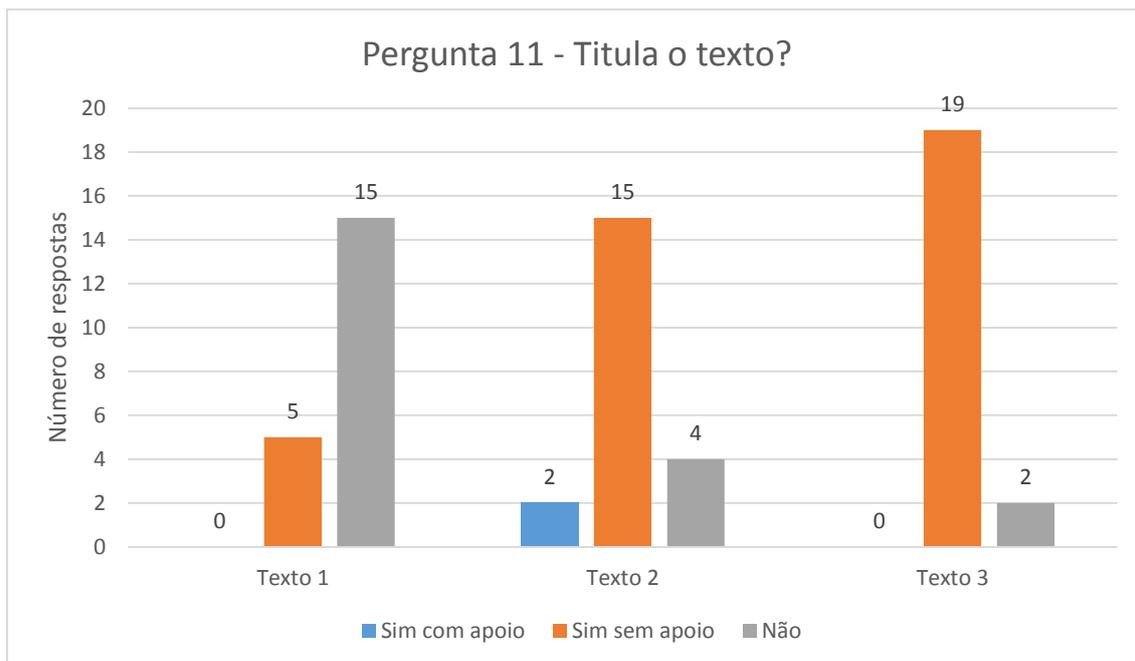


Gráfico 11- Respostas à “Pergunta 11- Titula o texto?”

O gráfico 11 é referente à questão da grelha “Titula o texto?”, salientando que, com esta questão, pretendo aferir a quantidade de crianças que titulou o seu texto narrativo. No texto 1, cinco conseguiram fazê-lo de forma autónoma e quinze não o titularam. Já no texto 2, duas necessitaram de apoio para titular a sua história, quinze fizeram-no autonomamente e quatro não o fizeram. No texto 3, dezanove titularam o texto de forma autónoma e dois não o fizeram.

Em suma, ao observar o gráfico 11 verifica-se que, no primeiro texto apenas cinco conseguiram, autonomamente, titular o seu texto narrativo, enquanto no segundo quinze conseguiram fazê-lo de forma autónoma e, no terceiro dezanove conseguiram fazê-lo sem qualquer suporte. Deste modo, verifica-se que, entre o primeiro e o terceiro textos, a maioria conseguiu titular o seu texto de forma autónoma.

3.2. Análise do conteúdo dos textos

Neste subcapítulo serão analisados os textos de dez crianças, uma vez que através da sua análise, irá ser possível generalizar os conhecimentos adquiridos pela turma, observando também, se os objetivos propostos para este projeto foram atingidos. Para isso, numa primeira parte, irei analisar os três textos de cada criança, nomeadamente as sequências de imagens, os planos ou guiões e as produções textuais.

Para uma melhor compreensão, este subcapítulo está dividido em quatro mais pequenos, que dizem respeito às três produções e o quarto é aquele em que irei comparar as várias produções de cada uma. No que diz respeito à organização destes, inicialmente apresento as várias etapas das produções e, de seguida, faço um comentário.

3.2.1. Primeiras produções

Nestas primeiras produções estão presentes a sequência de imagens (cf. Anexo 1) ordenada e legendada, o guião do texto narrativo preenchido e a produção textual propriamente dita.

Inicialmente, considero importante referir que, nesta primeira produção, as crianças escreveram-na individualmente, sem qualquer apoio, escrevendo tal como sabiam, assim como no texto não foi tida em atenção a terceira etapa da escrita, isto é, a revisão do mesmo.



A Luiza estava a fazer para
a praia



A Luiza chegou a praia



E encontrou um ovo



E foi para casa

Figura 2- Sequência de imagens ordenada referente à primeira produção de BM

Guião do Texto Narrativo

Título: A menina Lure

Introdução	Quem?	Lure
	Onde?	Na rua
	Quando?	hoje.
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	chegou a praia.
	Como aconteceu?	aconteceu quando chegou a praia e encontrou uma vendedora.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	a menina foi para casa na vendedora.

Figura 3 - Guião da primeira produção textual de BM

A menina Lure

Éra uma vez a menina Lure que estava a passear e foi para a praia e encontrou uma vendedora e foi com ela para casa e quando chegou a casa mãe estava lá a mãe disse vem para casa as 8 horas. a mãe. Mas a mãe teve de ir a mercado. E assim acabou a história.

Figura 4 - Texto narrativo da primeira produção de BM

No que diz respeito à sequência de imagens, BM, como se pode observar na figura 2, não as ordenou corretamente e de forma lógica, embora tenha legendado a sua sequência de acordo com o que observava nas imagens referentes e com alguns erros ortográficos. Deste modo, tanto a planificação como o texto estão de acordo com a sequência, logo não correspondem àquilo que eu pretendia que era que escrevessem o texto, a planificação e a sequência de imagens em sintonia. Porém, irei analisá-los mesmo assim para se conseguir ter a percepção da evolução de BM.

De seguida, no guião BM respondeu a cada questão corretamente. Caso a sequência fosse correta, referindo o que irá escrever no seu texto narrativo, isto é, ao registar neste guião o que irá escrever, está a colocar em prática a primeira fase da escrita de textos, ou seja, a planificação.

Relativamente ao texto desenvolvido, neste estão respondidas as questões referentes às personagens, ao espaço, ao tempo, embora aquilo que mencionou no guião não corresponda ao que escreveu. Já no que concerne à ação da narrativa, BM aplicou na mesma aquilo que tinha escrito na planificação. BM não estrutura o texto em parágrafos, tal como não usa pontuação, nomeadamente os pontos. Todavia intitula o texto.



Figura 5 - Sequência de imagens da primeira produção de G.

Título: _____

Introdução	Quem?	Leandra.
	Onde?	praia.
	Quando?	no tempo em que os fatos existem.
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	avassaladora mágica.
	Como aconteceu?	aconteceu
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	

Figura 6- Guião do texto narrativa correspondente à primeira produção de G.

texto
A avassaladora

¹ Era uma vez um dia muito quente e a menina foi para a praia e lá ficou toda
 uma palmeira com um colar e a menina foi tomar banho no mar e depois
 de tomar banho na praia e depois foi possível e o sol está muito quente.
² A menina espantou-se com a avassaladora mágica.
³ Depois a avassaladora veio com a menina.

Figura 7 - Texto da primeira produção de G.

Relativamente à sequência de imagens, G como se pode observar na figura 5, não as ordenou corretamente e de forma lógica, também não as legendou da maneira mais correta e escreveu com alguns erros ortográficos. Assim, a planificação e o texto estão de acordo com a sequência, logo não correspondem ao que era pretendido, isto é, sequenciar e legendar as imagens logicamente, planificar e textualizar de acordo com a ordem correta da sequência. Mas, mesmo assim, irei analisá-los para se conseguir ter a noção da evolução de G.

No guião, G respondeu a algumas questões corretamente, nomeadamente, a personagem da história, o espaço e o tempo da ação. Todavia, definiu erradamente qual era a ação do texto, tal como não o intitulou.

No que diz respeito ao texto narrativo, G desenvolveu-o de acordo com a sequência de imagens, não correspondendo ao que registou na primeira fase da escrita do texto narrativo – planificação. Como os três produtos têm de estar em sintonia este também não está correto. No texto, G, caso a sequência estivesse correta e o guião estivesse de acordo com a mesma, escreveu o tempo e o espaço em que decorre a ação, identificou que a personagem era uma menina, não lhe tendo dado um nome, também identificou qual era a ação e como terminou a história. Relativamente à estrutura do mesmo, G estruturou-o em parágrafos, mas apresenta alguns erros ortográficos. Todavia intitula o texto.



1. A Mariana está a fazer isto



2. A Mariana encontrou uma varizinha



3. A Mariana correu a correr na sua varizinha



4. A Mariana foi a praia

Figura 8 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de L.

Guião do Texto Narrativo

Título: A Beatriz e a varascura

Introdução	Quem?	Beatriz
	Onde?	na praia
	Quando?	No tempo em que os animais falavam
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	encontrou uma varascura
	Como aconteceu?	
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	vou na varascura e foi a praia

Figura 9 - Guião correspondente à primeira produção de L.

A Beatriz e a varascura

No tempo em que os animais falavam na praia estava uma menina chamada Beatriz. A Beatriz foi ao seu avô e viu uma varascura. A varascura parecia que tinha ganhado vida e começou a falar com a Beatriz. Nesse dia a Beatriz meteu-se em cima da varascura e a varascura começou a voar.

Figura 10 - Texto correspondente à primeira produção de L

Relativamente à sequência de imagens, L, como se pode observar na figura 8, ordenou corretamente e de forma lógica as várias imagens apresentadas, tal como legendou corretamente a sequência de acordo com o que observava nas imagens correspondentes. No guião, L. regista as respostas de acordo com a sequência apresentada anteriormente, embora tenha feito algumas alterações na planificação, tal como o tempo em que se desenvolve a ação, que não corresponde à sequência. Porém, tal como foi referido anteriormente, esta etapa tem como intuito registar algumas ideias que possam vir a ser incluídas no texto.

Já o texto não corresponde, nem à sequência de imagens, nem à maioria do que registou no guião, sendo que é de extrema importância que os três produtos estejam em sintonia, mas, mesmo assim, irei analisá-lo, para que no futuro seja possível observar a evolução de L. Nesta narrativa, apenas a personagem e o tempo em que a ação decorre estão de acordo com o guião. L não estrutura o texto em parágrafos, apresentando, porém, frases curtas, utilizando os pontos e também apresenta alguns erros ortográficos. Todavia intitula o texto.



Foi uma vez uma menina
chamada Luara que estava
a passear e estava muito feliz.



E a Luara encontrou uma varinha
que estava a voar e a Luara ficou
focada.



E a Luara sentou-se em cima
dela e ela foi a voar na
varinha.



E passou um dia a passar
e divertiu-se muito.

Figura 11 - Sequência de imagens legendada correspondente à primeira produção de LC

Guião do Texto Narrativo

Título: A Luta e a Morte

Introdução	Quem?	Luta
	Onde?	Não há
	Quando?	A tarde
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	A história da luta
	Como aconteceu?	A luta
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	A luta

Figura 12- Guião do texto narrativo correspondente à primeira produção de LC

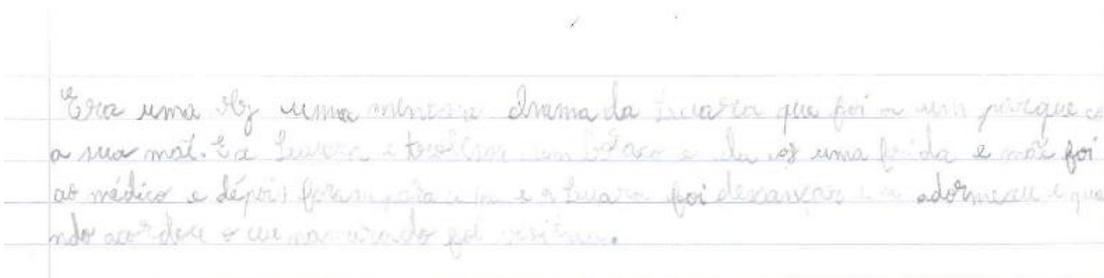


Figura 13 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de LC

Relativamente à sequência de imagens, LC, como se pode observar na figura 11, ordenou-as corretamente e de forma lógica, tal como legendou corretamente a sequência de acordo com o que observava nas imagens correspondentes. No guião, LC regista as respostas de acordo com a sequência apresentada anteriormente, fazendo corresponder a cada categoria da narrativa, o que expressou na sequência, tendo feito uma pequena alteração à conclusão da história, pois na sequência referiu que “a personagem foi à praia” enquanto na planificação referiu que “a vassoura parou”, tal como se pode observar nas figuras 11 e 12.

No que concerne ao texto, este não corresponde à sequência nem à planificação. Embora não corresponda, irei analisá-lo igualmente, para que seja possível, nos próximos, aferir a evolução de LC. Através da observação da figura 13 é possível verificar que apenas a personagem corresponde ao enunciado na planificação, tal como se verifica que a criança não estrutura o texto em parágrafos e também se verificam alguns erros ortográficos. Neste texto, a criança não faz qualquer referência, por exemplo, à vassoura encontrada pela personagem, como é observável na figura 12.



Figura 14 - Sequência de imagens legendada referente à primeira produção de AC

Guião do Texto Narrativo

Título: et menina e a sogrita

Introdução	Quem?	et uma moçoquinha
	Onde?	et menina ia para casa na terra batida
	Quando?	às 9:30 da manhã (contem)
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	et menina encontrou uma sogrita mágica.
	Como aconteceu?	uma fada tinha ajudado a sogrita do caminho et depois de
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	Foi andar com ela para a casa (animar).

Figura 15 - Guião referente à primeira produção de AC

et menina e a sogrita

et menina tinha...

et uma moçoquinha estava a ir para casa.

Quando chegou a casa viu uma sogrita mágica.

Et decidiu ir experimentar para andar nas nuvens.

Depois estava tão cansada da e foi descansar na praia

Figura 16 - Texto correspondente à primeira produção de AC

Como se pode observar na figura 14, A.C ordenou a sequência de imagens corretamente e logicamente, tal como as legendou de acordo com o que observou nas imagens correspondentes. Relativamente ao guião A.C faz corresponder algumas das ideias presentes na sequência de imagens, tal como a personagem e a ação da história. Já nas restantes categorias da narrativa, A.C acrescentou algumas ideias, por exemplo, como é que a personagem encontrou a vassoura ou qual o tempo da ação. Deste modo, posso considerar que a sequência e a planificação estão de acordo, uma vez que esta última tem como objetivo organizar as ideias para a escrita do texto.

Relativamente à narrativa, esta não corresponde à sequência de imagens legendada nem ao guião apresentado anteriormente, sendo muito importante que estes três produtos estejam em sintonia. Porém, irei analisar o texto para que futuramente seja possível observar a evolução de A.C. Assim, ao observar a figura 16, verifica-se que este não corresponde à planificação, uma vez que o modo como decorreu a ação não é o mesmo, tal como é diferente o tempo da ação nos dois produtos ou como terminou a história. Para além disso, também é verificável que o texto é estruturado em parágrafos, sendo que cada frase corresponde a um e apresenta alguns erros ortográficos. Ainda assim intitula o texto.



Figura 17 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de N.

Guião do Texto Narrativo

Título: _____

Introdução	Quem?	June
	Onde?	praia
	Quando?	hoje
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	viu uma varosa
	Como aconteceu?	correu na varosa
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	e foi para a praia

Figura 18 - Guião correspondente à primeira produção textual de N.

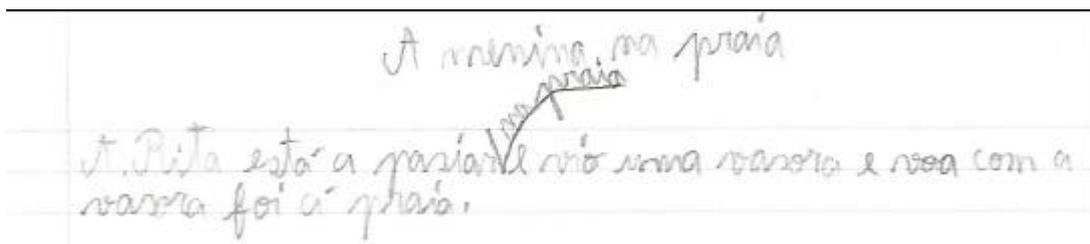


Figura 19 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de N.

Relativamente à sequência de imagens, como é observável na figura 17, N ordenou-as corretamente e legendou-as de acordo com o que observou nas imagens correspondentes. Já no guião, como se pode observar na figura 18, N fez corresponder a maioria das ideias presentes na sequência de imagens, sendo o nome da personagem diferente na sequência e no guião, tal como “trocou” o que aconteceu na ação com como aconteceu. Assim, posso considerar que a sequência e a planificação estão de acordo, uma vez que esta última tem como objetivo organizar as ideias para a escrita do texto.

No que diz respeito ao texto narrativo, N fê-lo corresponder à sequência de imagens e à planificação, sendo que esta correspondência é de extrema importância para um bom desempenho nesta produção. Como se pode observar na figura 19, N não respeitou a estrutura do texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, uma vez que incluiu tudo no mesmo parágrafo, sendo que apenas transcreveu aquilo que estava na planificação para a narrativa. Mas, N identificou a personagem principal, dando-lhe um nome, o espaço onde decorre a ação, referiu qual era a ação do texto e como esta terminou, tal como intitulou a história, não tendo apenas identificado o tempo em que a ação decorre e verifica-se que N comete alguns erros ortográficos.



A menina está passeando



A menina está assustada



A menina está voando



A menina está na praia

Figura 20- Sequência de imagens correspondente à primeira produção textual de B

Guião do Texto Narrativo

Título: A menina na praia

Introdução	Quem?	Deborah
	Onde?	na praia
	Quando?	Doqui a semana
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	Ela pegou na massinha
	Como aconteceu?	E foi para lá de lá
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	

Figura 21 - Guião correspondente à primeira produção de B.

A menina na praia

A menina Deborah estava a passear.
 Encontrou uma massinha.
 E foi a seguir na massinha.
 E chegou à praia.

Figura 22 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de B.

Como se pode observar na figura 20, B sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 21, B corresponde as ideias presentes na primeira parte – sequência e legenda das imagens –

com as que estão registadas na planificação, não referindo como aconteceu a ação. Todavia, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 22, está de acordo com as etapas anteriores analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois B relacionou as três etapas, como era esperado que acontecesse. Analisando a narrativa de B considero que não respeitou a estrutura de um texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, pois, embora tenha dividido o texto em parágrafos, escreveu uma frase em cada, assim como apenas transcreveu aquilo que estava na planificação para o texto. No que diz respeito às categorias da narrativa, B não identificou o espaço e o tempo em que decorre a ação, quanto às restantes conseguiu identificar a personagem principal, nomeando-a, tal como conseguiu definir qual era a ação e como esta terminou. Também titulou a história, tendo cometido apenas um erro ortográfico.



Figura 23 - Sequência de imagens legendada referente à primeira produção de S.

Guião do Texto Narrativo

Título: o navio

Introdução	Quem?	A Larain encontra navios
	Onde?	A Larain está na ilha mágica
	Quando?	Quando a Larain entra a nave
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	Ela metete na navio
	Como aconteceu?	A Larain aprende
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	Final da história de 2019

Figura 24 - Guião correspondente à primeira produção de S.

A Larain está a passar na ilha.
É encontrar uma navio mágica.
É a Larain metete na navio.
É foi a ilha mágica.

Figura 25 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de S.

Como se pode observar na figura 23, S sequenciou corretamente as imagens e legendou-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 24, S faz corresponder algumas das ideias presentes na sequência com o que registou na planificação, especificamente a personagem principal, a ação da história e como esta termina (registando no lugar do espaço). Todavia, não identificou o tempo e o espaço da ação. Ainda assim, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo, pois é fundamental para uma boa execução desta tarefa que estejam de acordo entre si e com a narrativa, tal como acontece.

No mesmo sentido, na narrativa, como se pode observar na figura 25, verifica-se que S não respeitou a sua estrutura, uma vez que, embora tenha dividido o texto em parágrafos, escreveu uma frase em cada, tal como apenas transcreveu aquilo que estava na planificação para o texto. No que diz respeito às categorias da narrativa, S não identificou o tempo em que decorre a ação. Quanto às restantes, conseguiu identificar a personagem principal, nomeando-a, identificou o espaço em que decorre a ação, tal como conseguiu definir qual era a ação e como esta terminou, também intitulou a história, cometendo vários erros ortográficos.

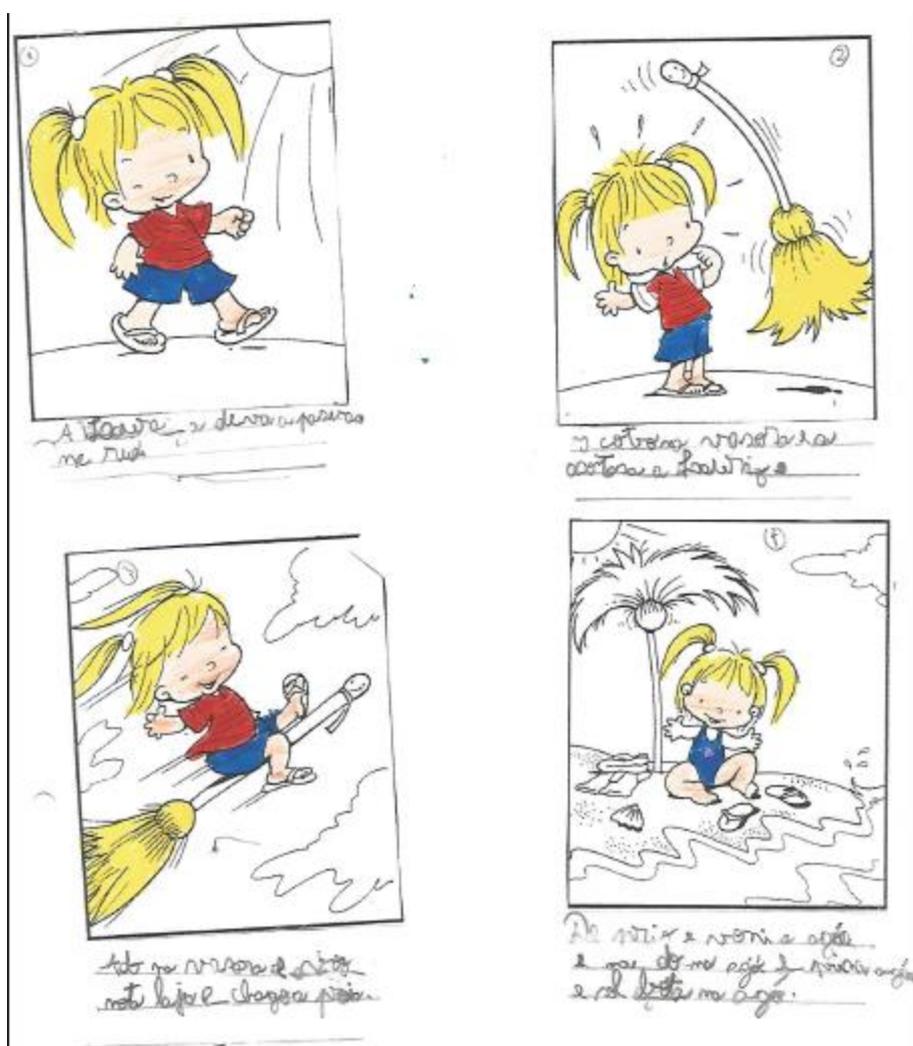


Figura 26 - Sequência de imagens correspondente à primeira produção de C.

Transcrição

(Primeira imagem) “A Laura deva a pasira (passear) na rua.”

(Segunda imagem) “I cotrono (E encontrou) vasora e asotose (assustou-se) a Laura.”

(Terceira imagem) “Ado (andou) na vasora (vassoura) e vou (voou) muito loje (longe) e chego (chegou) a praia.”

(Quarta imagem) “ De prio (depois) e voni (foi) a ágoa (água) e na do (nadou) na ágoa (água) e princo (brincou) na ágoa (água) e sol bota (bate) na ágoa (água) ”

Título: chegou a praia

Introdução	Quem?	Isaura
	Onde?	praia
	Quando?	hoje
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	encontrei uma vassoura.
	Como aconteceu?	nao
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	praia

Figura 27 - Guião correspondente à primeira produção de C.

chegou a praia

A Isaura a deu a vassoura na praia.
 E depois na vassoura a encontrou a Isaura.
 e depois a vassoura e não está longe e chegou a praia.
 De prio e voni a água e na do na água e princo a água e
 o sol bate na água.

Figura 28 - Texto narrativo correspondente à primeira produção de C.

Transcrição

“Chega o verão

A Laura a deva (andava) a pasiar (passear) na rua.

Icontro (Encontrou) una (uma) vasora (vassoura) e (juntou-se) à Laura.

Ado (Andou) na vasora (vassoura) e voo (voou) meta (muito) loje (longe) e chago (chegou) a (à) praia.

De prio (depois) e voni (foi) a (à) ágoa (água) e nado (nadou) na ágoa (água) e princa (brinca) na ágoa (água) e sol bota (bate) na ágoa (água).”

Esta análise tem uma particularidade, uma vez que o que C escreveu em algumas partes é quase ilegível, traduzi-as de modo a que fosse possível compreender mais facilmente.

Como se pode observar na figura 26, C sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 27, C faz corresponder as ideias presentes na sequência e legenda das imagens com as que estão registadas na planificação, sendo que não referiu como aconteceu a ação, isto é, no local onde deveria registar como aconteceu, escreveu “rua” e alterou o espaço onde decorreu a ação, uma vez que na sequência indicou que era na rua e na planificação indicou que era na praia. Todavia, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo, uma vez que a maior parte corresponde.

Deste modo, considero que a narrativa, observável na figura 28, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois C relacionou as três etapas, como era esperado que acontecesse. Analisando a narrativa de C considero que não respeitou a estrutura de um texto, pois, embora tenha dividido o texto em parágrafos, escreveu uma frase em cada, tal como apenas transcreveu aquilo que estava na planificação para o texto. No que diz respeito às categorias da narrativa, C não identificou o tempo em que decorre a ação. Quanto às restantes conseguiu identificar a personagem principal, nomeando-a, identificou a rua como o espaço em que decorre a ação, tal como conseguiu definir qual era a ação e como esta terminou, também intitulou a história, tendo cometido inúmeros erros ortográficos.



A Laura está a passear



A Laura mantém um mosquito



A Laura corre si



A Laura foi à praia

Figura 29 - Sequência de imagens referentes à primeira produção de D

Guião do Texto Narrativo

Título: Chegou o verão

Introdução	Quem?	Laura
	Onde?	praia
	Quando?	é uma semana
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	a Laura encontra uma moedinha
	Como aconteceu?	foi a near nela até a praia
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	ela foi à praia e a moedinha é salva

Figura 30 - Guião correspondente à primeira produção de D.

Liliana e o menino

Há uma menina atrás um dia que se chama Liliana. Ela tinha a cabeça oval e tinha os olhos azuis, tinha os olhos redondos, tinha o bigode fino e o cabelo da camp, era catão, tinha o cabelo lizo, tinha as orelhas redondas e tinha as orelhas pequenas, tinha o tronco reto, tinha os braços curtos e um becaquinho de gregos e um becaquinho de fies, tinha as pernas longas e tinha pés pequenos. Ela foi a praia de praia e encontrou uma varinha mágica de fies de lica, abertu porque ela ficou com medo ela piscou os olhos e de repente já estava em cima da varinha foi tão divertido que a menina disse eu vi vi e eu e ela já tinha chegada à praia e em tão tu costate da história eu acho que ela é divertida e tu não eu acho que a história é divertida eu não acho que divertida eu acho que é muito divertida. Litoria vitoria acabou-se a história.

Figura 31 - Texto correspondente à primeira produção de D.

Como se pode observar na figura 29, D sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 30, D corresponde as ideias presentes na primeira parte – sequência e legenda das imagens – com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 31, está de acordo com as etapas anteriores analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois D relacionou as três etapas, como era esperado que acontecesse. Analisando a narrativa de D considero que não respeitou a estrutura de um texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, pois não dividiu o texto em parágrafos, tendo referido num único parágrafo, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

No que diz respeito às categorias da narrativa, D identificou-as todas, isto é, o espaço e o tempo em que decorre a ação, a personagem principal, nomeando-a. Também a caracterizou de uma forma exaustiva, tal como conseguiu definir qual era a ação e como esta terminou. Igualmente intitulou a história, tendo cometido alguns erros ortográficos.

3.2.2. Segundas produções

Nestas segundas produções estão presentes a sequência de imagens (cf. Anexo 2) ordenada e legendada, o guião do texto narrativo preenchido e a produção textual propriamente dita.

Inicialmente, considero importante referir que, nesta segunda produção, as crianças escreveram-na individualmente, sem qualquer suporte, escrevendo tal como sabiam. Porém, ao contrário do texto anterior, a sequência depois de a terem ordenado individualmente, discutiu-se em turma qual a ordem correta e como é que devia ser legendada. Contrariamente, ao texto anterior, neste foi tida em atenção a terceira etapa da escrita, isto é, a revisão do mesmo, sendo que esta foi efetuada entre uma das professoras e a crianças que escreveu o texto.

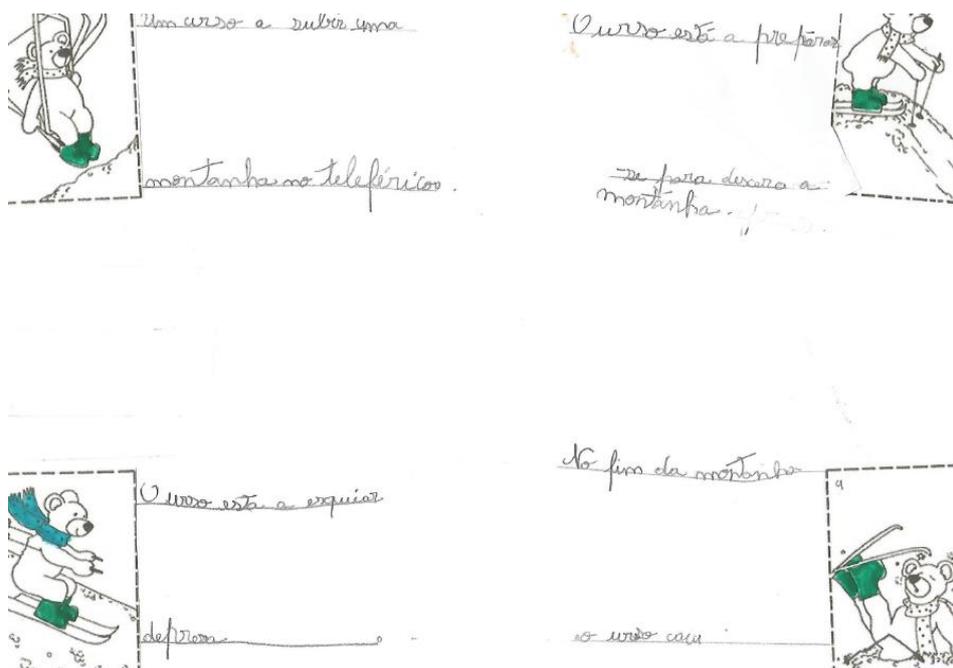


Figura 32 - Sequência de imagens legendada correspondente à segunda produção de BM

Guião do Texto Narrativo

Título: O urso a esquiar

Introdução	Quem?	urso Sérgio
	Onde?	No serra
	Quando?	um dia muito frio
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	o urso estava a esquiar
	Como aconteceu?	ele virou a descida depressa e caiu
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	ele levantou-se

Figura 33- Guião de BM correspondente à segunda produção

O urso a esquilar

O urso tinha a cabeça oval e os olhos eram
 pretos os olhos eram redondos os lábios e a boca eram
 finos as orelhas redondas e grandes e cabelo era castanho
 e cabelo era fino e curto e traseira era comprida os braços
 eram longos as pernas longas e pés eram grandes a
 sua era comprida a montanha era alta com neve
 o dia era frio a noite também era fria. O urso
 estava a subir uma montanha no teleferico
 após a chegar de lá para o topo da montanha
 se preparando para descer muito de pressa chegou ao fim da montanha e lá ficou no
 chão dez segundos e depois ele perdeu a memória.
 Vitória Vitória fez o teste

Havia um urso com os olhos muito
 grandes e redondos e muito engraçado.
 Certo dia o urso subiu a montanha no teleferico
 e depois a montanha é muito alta. O urso foi
 para o topo da montanha, se preparando para descer
 muito de pressa chegou ao fim da
 montanha e lá ficou no chão dez segundos e depois ele
 perdeu a memória.
 Vitória Vitória fez o teste

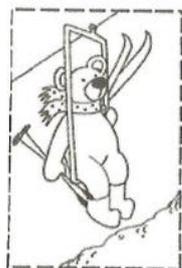
Um amigo que tinha ido com ele
 ajudou a recuperar a memória.

Figura 34 - Texto correspondente à segunda produção de BM

No que diz respeito à sequência de imagens, B.M. como se pode observar na figura 32, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. BM, no guião, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história. Porém, aquando da escrita do texto, não teve em conta, em grande parte, aquilo que registou na planificação, tendo apenas em consideração a sequência de imagens. Deste modo, como já foi referido anteriormente, era necessário que a sequência, a planificação e o tempo estivessem em consonância. Porém, irei analisar o texto na mesma, para que, futuramente, seja possível observar a evolução de BM.

Assim, no texto, BM fez referência às categorias espaço e personagem principal, que estão referidas, tanto na sequência como no guião, tal como intitulou a história. Neste, também, referiu corretamente qual é a ação. Contudo, não está igual ao que registou na planificação. No texto sem revisão, BM não respeitou a estrutura do mesmo, não

definindo os parágrafos, escrevendo frases muito longas e sem pontuação. Já no texto revisto estruturou parágrafos, escrevendo frases mais curtas, utilizando apenas o ponto. Todavia intitula o texto.



Um urso a subir
uma montanha
metalêtricos.



O urso está a subir a
montanha a fazer
a seguir.



O urso está a fazer
a fazer a montanha
depois.



O urso está a fazer
a fazer a seguir.

Figura 35 - Sequência legendada de G referente à segunda produção

Guião do Texto Narrativo

Título: _____

Introdução	Quem?	O meu pai
	Onde?	uma montanha
	Quando?	um dia
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	ele caiu a equitação
	Como aconteceu?	ele caiu
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	ele ficou a sofrer

Figura 36 - Guião correspondente à segunda produção de G

Título

O meu pai

Uma vez que um dia chama-se Pedro, ele acidentou-se a uma montanha com neve, para ir por a telegráfico para poder equitar.

Ele estava a equitar e de repente trocou no equis e caiu.

Como não se conseguia levantar teve de ir de ambulância.

Figura 37 - Texto correspondente à segunda produção de G.

Como se pode observar na figura 35, G sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 36, G corresponde as ideias presentes na primeira parte – sequência e legenda das imagens – com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 37, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois G relacionou as três etapas, como era esperado que acontecesse. Analisando a narrativa de G, considero que respeitou a estrutura de um texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, pois dividiu o texto em parágrafos, tendo definido três parágrafos, um para a introdução em que refere o tempo, o espaço e a personagem principal da história. Um segundo parágrafo em que refere qual é a ação da história e num terceiro refere como ela termina. Neste texto, G identificou todas as categorias da narrativa necessárias, isto é, a personagem principal, o espaço, o tempo e a ação, tal como intitulou a história. Todavia, ao longo do texto, este foi escrito com alguns erros ortográficos.

Como o texto escrito sem revisão estava de acordo com todos os parâmetros observados, embora tenha sido feita uma revisão com a criança, este não sofreu alterações, tal como é observável na figura 37. G titula o texto.



Um urso a subir
uma montanha no
teleférico.



O urso está a
preparar-se - ele
para descer a
montanha a esqui.



O urso está
a esqui e
desce a montanha
depressa.



No fim da montan
o urso caiu.

Figura 38 - Sequência de imagens corresponde à segunda produção de L.

Guião do Texto Narrativo

Título: O urso Pedro

Introdução	Quem?	O urso Pedro
	Onde?	Uma montanha com neve
	Quando?	fevereiro
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	O urso estava a esqui
	Como aconteceu?	Ele caiu
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	Ele levantou-se e foi para casa.

Figura 39 - Guião correspondente à segunda produção de L.

O weso Pedro

Era uma vez um weso chamado Pedro ele tinha os olhos escuros com o pelo castanho claro. Num dia montanha com neve em fevereiro o weso estava a esquiar de repente ele caiu, porque era novo nos esquis. Levantou-se e foi para casa.

Figura 40- Texto correspondente à segunda produção de L.

Como se pode observar na figura 38, L sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 39, L corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 40, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois L relacionou as três etapas, o que permite um bom desenvolvimento desta atividade. Analisando a narrativa de L considero que respeitou a estrutura de um texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, pois dividiu o texto em parágrafos, tendo definido três parágrafos, um para a introdução em que refere o tempo, o espaço e a personagem principal da história. Um segundo parágrafo em que refere qual é a ação da história e num terceiro refere como ela termina. Nesta narrativa, L identificou a personagem principal, nomeando-a e caracterizando-a fisicamente, quanto ao tempo em que decorre este corresponde àquele que enunciou na planificação. Relativamente ao espaço onde decorre a ação corresponde ao que referiu no guião, tal como a ação também corresponde ao registado. Todavia, este texto está com falta de coerência, não tendo conetores para encadear os segmentos, sendo que neste, em algumas circunstâncias, L limitou-se a copiar o que havia escrito na planificação, tendo também alguns erros ortográficos.

Por fim, como o texto escrito sem revisão estava de acordo com todos os parâmetros observados, embora tenha sido feita uma revisão, este não sofreu alterações, tal como é observável na figura 40. Todavia intitula o texto.



Figura 41 - Sequência legendada referente à segunda produção de LC

Título: Quilômetro e o mal

Introdução	Quem?	uma
	Onde?	montanha
	Quando?	7 de dezembro
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	caída
	Como aconteceu?	caída
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	o mal se resolveu

Figura 42 - Guião correspondente à segunda produção de LC

o transpico da mãe
 bopra
 Era uma vez um menino chamado Joãozinho que foi com a
 mãe de televisão ~~para a casa da mãe dele~~
~~Joãozinho~~ mãe podia andar de esquí. ~~Joãozinho~~ mãe foi
 dramoso um médico e ele foi para o
 hospital.
~~Joãozinho~~ a mãe dele para esquiar. ~~Joãozinho~~
 Joãozinho desceu a
 cá descida ele tomou muito
 balanço e caiu

Figura 43 - Texto correspondente à segunda produção de LC

Como se pode observar na figura 41, LC sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 42, LC corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 43, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois LC relacionou as três etapas, o que poderá levar a um bom desempenho nesta atividade. Analisando a narrativa de LC considero que não respeitou a estrutura de um texto, ou seja, introdução – desenvolvimento – conclusão, pois o texto inicial era um único parágrafo, em que estavam englobadas todas as categorias da narrativa, enquanto o texto revisto está dividido em dois parágrafos.

Nesta narrativa, LC identificou a personagem principal, nomeando-a. Quanto ao tempo em que decorre a ação este não corresponde àquele que enunciou na planificação. Relativamente ao espaço onde decorre a ação corresponde ao que referiu no guião, tal como a ação também corresponde ao registado. Porém, LC acrescentou mais ideias do que aquelas que estavam na planificação, sendo observáveis também alguns erros ortográficos. A figura 43 representa apenas o texto revisto, uma vez que o texto inicial estava riscado, não sendo possível ler o que estava escrito. Todavia intitula o texto.



Um urso a subir
uma montanha
na telefunção



O urso está
a preparar-se
para descer a
montanha a esqui



O urso está a
esquiar e desce
a montanha
depressa



Um fim da
montanha
e o urso está

Figura 44 - Sequência legendada respeitante à segunda produção de AC

Guião do Texto Narrativo

Título: U avrinha Bille

Introdução	Quem?	U avrinha Bille
	Onde?	nos andis da chik
	Quando?	há 10a tarde
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	U avrinha queria atrener a aqur
	Como aconteceu?	Quando o avrinha se avrinha a aqur
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	U avrinha Bille avrinha a aqur

Figura 45 - Guião referente à segunda produção de AC

U avrinha Bille
 Há uma da tarde a avrinha Bille chegar aos chik.
 Depois a avrinha se avrinha a aqur para a maninha e avrinha a aqur
 a aqur. U avrinha ia muito rápida e avrinha a aqur. U avrinha
 a aqur a aqur. U avrinha a aqur.
 Na dia seguinte avrinha a aqur. Bille?

Figura 46 - Narrativa correspondente à segunda produção de AC

No que concerne à sequência de imagens, ao observar a figura 44, verifica-se que AC ordenou-as e legendou corretamente. No que se refere ao guião, observável na figura 45, este não corresponde, na maioria das categorias, ao que AC referiu na sequência, tal como o texto, figura 46, corresponde apenas ao guião, sendo que tal como já foi referido anteriormente, os três subprodutos têm de estar em sintonia, para poder avaliar esta produção. Porém, para que seja possível verificar a evolução de AC, irei analisar o texto.

Como é observado pela figura 46, o texto que AC escreveu está de acordo com a planificação e, neste, AC respeita a estrutura de um texto, pois tem um parágrafo para a

introdução, em que identifica o tempo, o espaço e a personagem principal da história, nomeando-a, correspondendo ao enunciado na planificação. Um segundo parágrafo para o desenvolvimento, em que tem em conta qual a ação do texto, tal como a definiu na planificação. Por fim, no terceiro parágrafo está a conclusão, em que AC refere como termina a história. Ao longo desta narrativa, AC comete alguns erros ortográficos. Todavia intitula o texto.

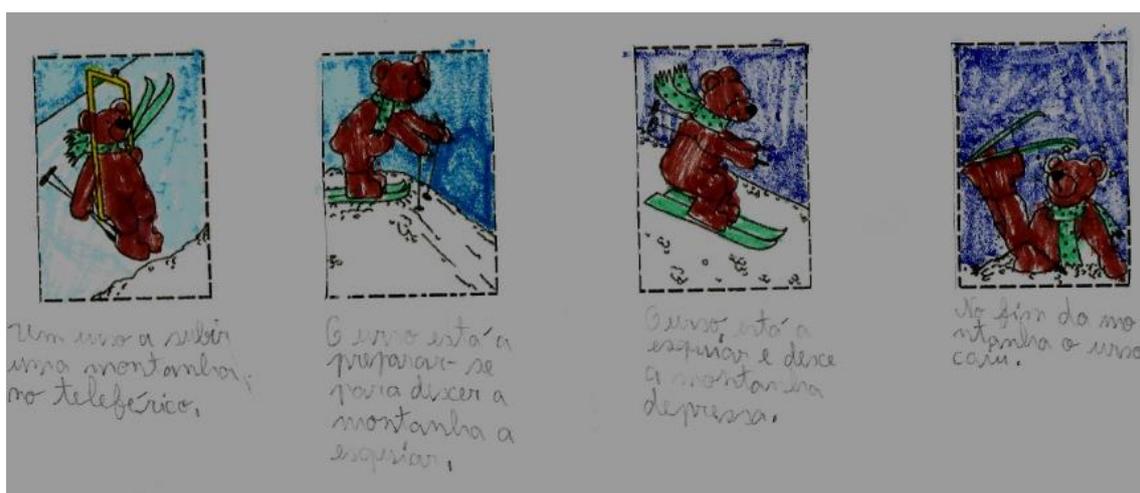


Figura 47- Sequência referente à segunda produção de N.

Como se pode observar na figura 47, N sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 48, N corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 49, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois N relacionou as três etapas, o que poderá levar a um bom desempenho nesta atividade. Analisando a narrativa de N, considero que não respeitou a estrutura de um texto, pois tanto o texto inicial como o final era um único parágrafo, em que estavam englobadas todas as categorias da narrativa.

Nesta narrativa, N identificou a personagem principal, nomeando-a. Quanto ao tempo em que decorre a ação não foi mencionado no texto, portanto não corresponde àquele que enunciou na planificação, tal como o espaço onde decorre a ação não é o mesmo que o enunciado na planificação. Contudo, esta tem como intuito auxiliar a criança a escrever o texto, sendo que o que escreve não tem de ser obrigatoriamente o mesmo entre ambos.

Relativamente à ação do texto, esta corresponde ao enunciado no guião, sendo que N acrescentou mais ideias do que aquelas que lá estavam, sendo observável que comete alguns erros ortográficos. Também intitulou o texto. No texto revisto, foram realizadas pequenas alterações de modo a manter o texto coerente.

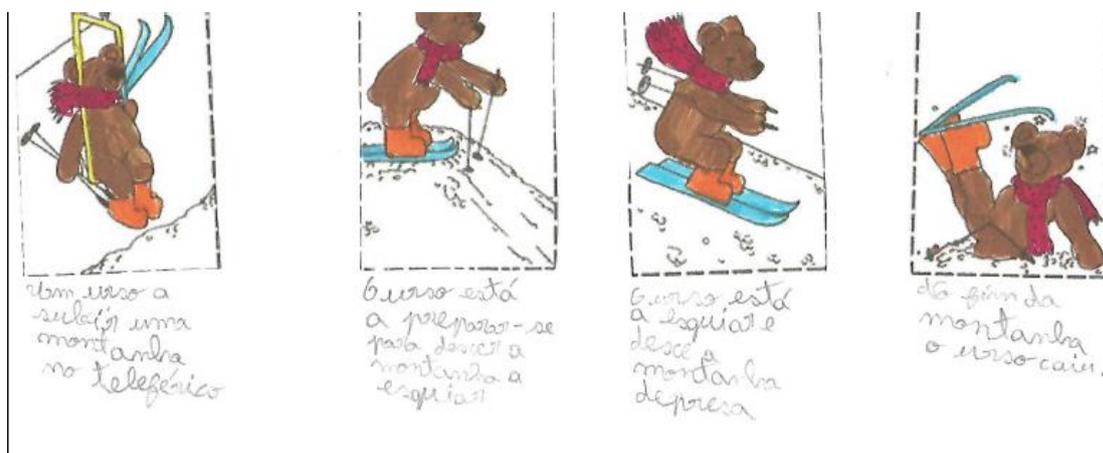


Figura 50 - Sequência de imagens correspondente à segunda produção de B.

Título: o curso a esqui

Introdução	Quem?	o curso
	Onde?	na montanha
	Quando?	agora
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	a ação é que o curso está a esqui
	Como aconteceu?	o curso logo estava
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	o curso caiu no fim da montanha

Figura 51 - Guião correspondente à segunda produção de B.

o curso a esqui
 Era uma vez um curso que tinha os
 olhos pretos e o corpo castanho e ia subir
 a montanha no telecabo.
 Ele está a preparar-se para descer
 lá foi ele largou os stich e ia muito
 depressa no fim da montanha caiu.

Figura 52 - Texto correspondente à primeira produção de B.

Como se pode observar na figura 50, B sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 51, B corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 52, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação,

pois B relacionou as três etapas, o que poderá levar a um bom desempenho nesta atividade. Analisando a narrativa de B considero que não respeitou a estrutura de um texto, pois tanto o texto inicial como o final eram dois parágrafos, em que estavam englobadas todas as categorias da narrativa, sendo que no primeiro identifica o tempo, o espaço, a personagem principal, tal como refere o que aconteceu na ação. Enquanto no segundo parágrafo refere como é que a ação se desenvolveu e como terminou.

Nesta narrativa, B identificou a personagem principal, caracterizando-a. Quanto ao tempo em que decorre a ação não foi mencionado no texto, portanto não corresponde àquele que enunciou na planificação. O espaço em que decorre a ação é o mesmo que o enunciado na planificação, tal como a ação definida na planificação corresponde à escrita no texto, e intitula-o. Relativamente ao modo como a história termina, B não o refere no guião, porém refere-o no texto. Este texto não apresenta nenhum erro ortográfico, sendo que também está coerente. Por essa razão, embora o texto tenha sido revisto, não sofreu alterações.

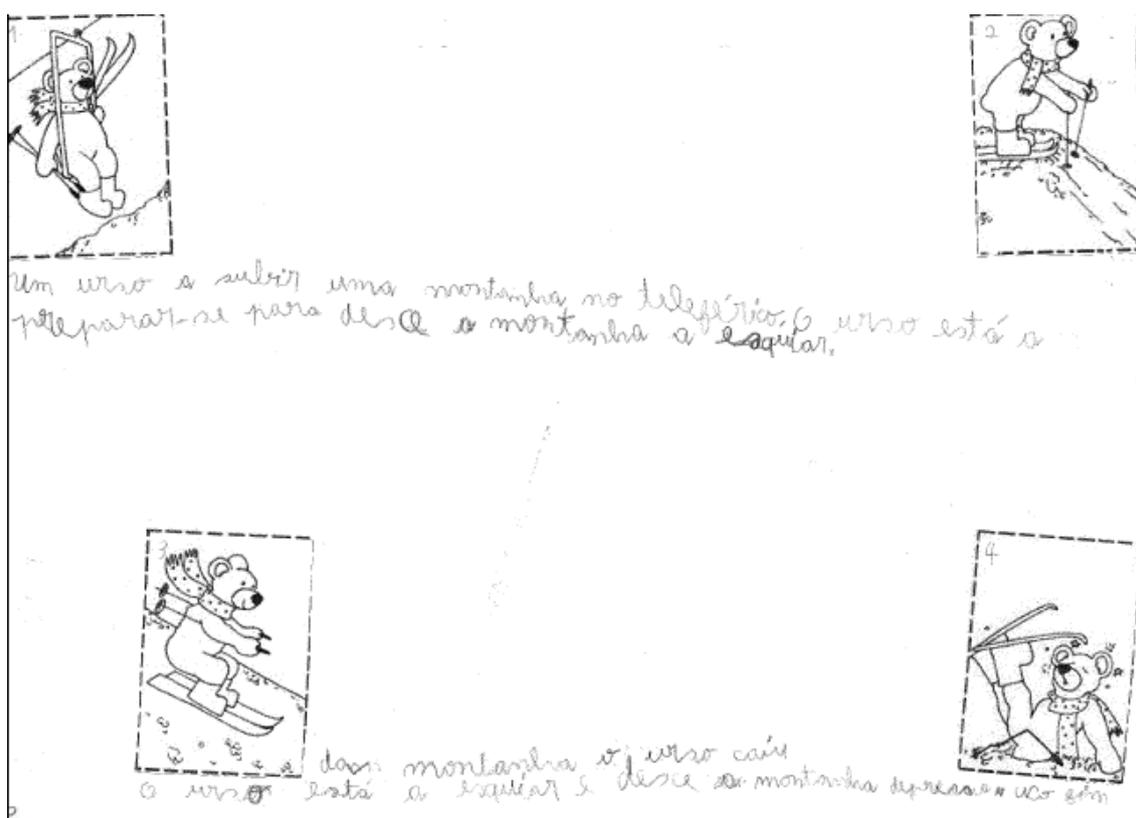


Figura 53 - Sequência correspondente à segunda produção de S.

Título: Ourso e a queda

Introdução	Quem?	O urso chama-se Tomás Barbo.
	Onde?	Na Serra da Estrela.
	Quando?	De manhãzinha de inverno.
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	Ele vai a esquiar e vai muito rápido.
	Como aconteceu?	Ele caiu e fez cinco feridas.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	ajudaram-lhe a levantar-se e ele foi para o hospital.

Figura 54 - Guião correspondente à segunda produção de S.

O urso e a queda

O urso chama-se Tomás Barbo.
 Na Serra da Estrela de manhãzinha de inverno.
 Ele vai a esquiar e vai muito rápido.
 Ele caiu e fez cinco feridas.
 ajudaram-lhe a levantar-se e ele foi para o hospital.

Figura 55 - Texto correspondente à segunda produção de S.

Como se pode observar na figura 53, S sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 54, S corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 55, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois S relacionou as três etapas, o que poderá levar a um bom desempenho nesta atividade. Analisando a narrativa de S, considero que respeitou a estrutura de um texto, pois tanto o texto inicial como o final eram quatro parágrafos: no primeiro está identificado a personagem principal, o tempo e o espaço em que decorre a ação; no segundo identifica qual é a ação do texto, no terceiro refere o que aconteceu à personagem principal e, por fim, no quarto faz referência ao término da história.

Nesta narrativa, S identificou a personagem principal, o tempo e o espaço e a ação, correspondendo ao que registou na planificação. Ao longo deste texto, S reescreve aquilo que escreveu no guião, tal como intitula o mesmo. No que diz respeito aos erros ortográficos, S cometeu dois erros. Relativamente ao texto revisto, uma vez que o inicial estava bem estruturado, não sofreu alterações.



Figura 56 - Sequência correspondente à segunda produção de C.

Título: O urso Tiago

Introdução	Quem?	Tiago
	Onde?	Andorra
	Quando?	No dia 27 de setembro
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	O Tiago levou a dre muito de neve.
	Como aconteceu?	O Tiago caiu.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	O Tiago e o lovrato.

Figura 57 - Guião correspondente à segunda etapa de C.

O urso Tiago
 No dia 27 de setembro vai
 Vou a Andorra e vou esquiar e que chego laisma
 a dre muito rápido e caiu a lovato e a laijama
 vou pra casa e fui a dre concuidado e sai de pita e fui
 para an neve e boneco de neve.
 É o boneco de neve e o urso Tiago o não.
 Ele põe o boneco de neve. ~~foi~~
 O Tiago foi para casa distra me comas.
 No dia 27 de setembro.
 É o meu cabo catadura.

Figura 58 - Texto correspondente à segunda produção de C.

Transcrição

“O urso Tiago

No dia 27 de setembro (setembro).

Vou a Andorra e vou esquiar e que chego (cheguei) laisma (lá a cima) adro (andou) mito (muito) rápido e caiu a lovato (levantou-se) e a laijama (aleijou-se) vou pra casa e fui a dre (andar) concuidado e sai de pita (pista) e foi para an neve e boneco de neve.

E dateia (deitou) o boneco de neve e o urso Tiago o não. Ele fase (fez) otro (outro) boneco de neve.

O Tiago foi para casa daitou (deitou-se) na cama.

No dia rir.

E o meu cabo castanho.”

Esta análise tem uma particularidade, uma vez que o que C escreveu em algumas partes é quase ilegível, traduzi-as de modo a que fosse possível compreender mais facilmente. Tal como o texto, em algumas partes, está incoerente, uma vez que numa parte está de acordo com o guião e noutra já não está de acordo com nada.

Como se pode observar na figura 56, C sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 57, C faz corresponder as ideias presentes na sequência e legenda das imagens com as que estão registadas na planificação. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo, uma vez que a maior parte corresponde.

Assim, considero que a narrativa, observável na figura 58, está de acordo, em algumas partes, com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois C relacionou as três etapas, como era esperado que acontecesse. Porém, algumas frases do texto não estão relacionadas com as restantes, nem com as duas etapas anteriores. Analisando a narrativa de C, considero que não respeitou a estrutura de um texto, pois embora tenha dividido o texto em parágrafos, não estão definidos em introdução, desenvolvimento e conclusão. Por exemplo, no primeiro parágrafo está apenas identificado o tempo da história, numa frase. No que diz respeito às categorias da narrativa, C identificou o espaço, a personagem principal, nomeando-a. Também faz referência à ação do texto e como esta termina, tal como intitulou o texto. Porém, como já foi referido, o texto não está coeso nem coerente, sendo que existem passagens em que não se compreende o que C queria escrever, também cometendo inúmeros erros ortográficos.

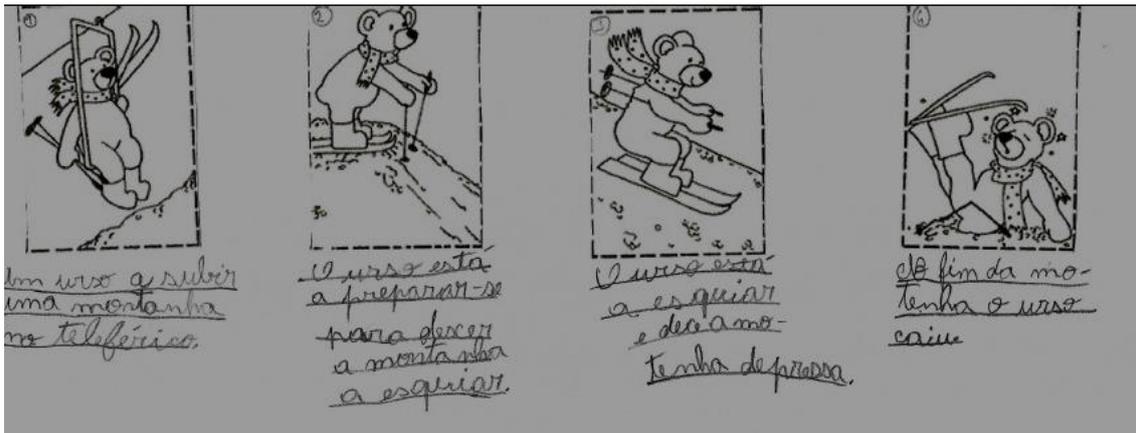


Figura 59 - Sequência correspondente à segunda produção de D.

Título: _____

Introdução	Quem?	Paulo
	Onde?	Andorra
	Quando?	dia 16 de outubro
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	O Paulo está na a esqui
	Como aconteceu?	O Paulo caiu
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	O Paulo alivando-se continuou

Figura 60 - Guião correspondente à segunda produção de D.

O voo a decer a montanha

Era um ~~era~~ ^{era} um dia ameno em Sangaora.
 E havia um touro que se chamava Paulo.
 Ele ~~era~~ tinha o ~~café~~ ^{café} oval, tinha os olhos redondos
 e azuis, tinha os ~~olhos~~ ^{olhos} ~~meios~~ ^{meios}, tinha os ~~olhos~~ ^{olhos}
 redondos, tinha as orelhas ~~pequenas~~ ^{pequenas}, tinha o cabelo
~~escurinho~~ ^{escurinho}, tinha o cabelo ~~liso~~ ^{liso}, tinha o cabelo ~~curto~~ ^{curto},
 tinha o ~~trô~~ ^{trô} ~~nos~~ ^{nos} ~~curto~~ ^{curto}, tinha os ~~bracos~~ ^{bracos} ~~curtos~~ ^{curtos},
 tinha os ~~pernos~~ ^{pernos} ~~curtos~~ ^{curtos} e tinha os ~~pés~~ ^{pés} ~~pequenos~~ ^{pequenos}.
 Como a montanha tinha muita neve e era
 muito alta ele decidiu ir no teleférico.
 Ele estava ~~em~~ ^{em} muito ~~ansiosa~~ ^{ansiosa} por ~~equiar~~ ^{equiar}.
 Ele ~~estava~~ ^{estava} ~~em~~ ^{em} ~~depressa~~ ^{depressa} que quando estava
 quase a chegar lá a ~~barra~~ ^{barra} que ele ia fazer
 a curva caiu ~~e~~ ^e ~~ele~~ ^{ele} ~~mão~~ ^{mão} ~~desestru~~ ^{desestru} ~~o~~ ^o ~~carro~~ ^{carro}
 e ele também.
 Mas não desistiu.

Figura 61 - Texto correspondente à segunda produção de D.

Como se pode observar na figura 59, D sequenciou corretamente as imagens, legendando-as de acordo com o observado. No que se refere ao guião, observável na figura 60, D corresponde as ideias presentes na sequência e legenda de imagens com as que estão registadas na planificação, fazendo referência a todas as categorias narrativas que se encontram no guião. Deste modo, irei considerar que a sequência e a planificação estão de acordo.

No mesmo sentido, considero que a narrativa, observável na figura 61, está de acordo com as etapas anteriormente analisadas, isto é, com a sequência e com a planificação, pois D relacionou as três etapas, o que poderá levar a um bom desempenho nesta atividade. Analisando a narrativa de D, considero que respeitou a estrutura de um texto, pois tanto o texto inicial como o final são cinco parágrafos, em que estavam englobadas todas as categorias da narrativa, sendo que no primeiro identifica o tempo, o espaço, a personagem principal, nomeando-a. No segundo parágrafo, caracteriza a personagem principal e, no terceiro, caracteriza, parcamente, o espaço. No quarto, D refere qual é a ação e, no quinto, termina a história e também intitulou a narrativa.

Nesta narrativa, D identificou a personagem principal, caracterizando-a, também identificou o tempo, não estando de acordo com o enunciado na planificação. O espaço em que decorre a ação é o mesmo que o enunciado na planificação, tal como a ação

definida na planificação corresponde à escrita no texto, como intitula o texto. Relativamente ao modo como a história termina, este está semelhante entre a planificação e o texto. O texto inicial apresenta alguns erros ortográficos que foram corrigidos durante a revisão do mesmo por parte da professora e de D.

3.2.3. Terceiras produções

Nestas terceiras produções estão presentes a sequência de imagens (cf. Anexo 3) ordenada e legendada, o guião do texto narrativo preenchido e a produção textual propriamente dita.

Considero importante referir que, nesta terceira produção, as crianças escreveram-na individualmente, escrevendo tal como sabiam. Porém, ao contrário do primeiro texto e assim como o texto anterior, a sequência, depois de a terem ordenado individualmente, discutiu-se em turma qual a ordem correta e como é que devia ser legendada. À semelhança do texto anterior, neste foi tida em atenção a terceira etapa da escrita, isto é, a revisão do mesmo, sendo que foi efetuada entre uma das professoras e a criança que escreveu o texto.

É de salientar que os textos apresentados neste momento são os revistos, uma vez que os iniciais estavam muito riscados devido às alterações realizadas.



Figura 62- Sequência de imagens referente à terceira produção de BM

Guião do Texto Narrativo

Título: O menino Sérgio

Introdução	Quem?	Sérgio.
	Onde?	Jardim.
	Quando?	ontem.
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	planteu uma árvore.
	Como aconteceu?	colocou a árvore num buraco.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	O Sérgio ficou feliz por as árvores crescerem.

Figura 63 - Guião referente à terceira produção de BM

Título: O menino Sérgio

Era uma vez um menino chamado Sérgio que estava no jardim e plantou uma árvore pequenina e regou-a.

Como queria ter uma rede para descansar, plantou outra árvore.

Ele disse bem dela e disse:

- "Seu arvorez tão lindas!" - chamou ele - depois foi tratado - los com muito carinho e amor.

Quando as árvores ficaram crescidas ele fez uma rede entre as arvores e dormiu feliz, mas quem sabe pode haver desgraças.

Figura 64 - Texto relativo à terceira produção de BM

No que diz respeito à sequência de imagens, BM, como se pode observar na figura 62, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. BM, no guião (figura 63), registou aquilo que escreveu na legenda

das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história. Durante a escrita do texto (figura 64) B.M teve em consideração o que registou na planificação ampliando em algumas categorias o que nela registou. Deste modo, considero que a sequência, a planificação e o tempo estão em consonância, logo serão os três analisados, para que futuramente se possa observar a evolução de BM.

Assim, no texto, BM fez referência às categorias: personagem principal, nomeando-a, e espaço, sendo iguais, tanto na planificação como no texto. A categoria tempo também é referida no texto. Porém, não é a mesma que BM enunciou na planificação, o que tal como já foi referido serve como um suporte das ideias existentes. Já a ação é a mesma que enunciou na planificação, tendo-a registado como é observado pelas imagens.

No que diz respeito à estrutura do texto, BM, no texto inicial não a respeitou, tendo-o dividido em dois parágrafos. Todavia, no texto revisto, já o estruturou em quatro parágrafos: no primeiro, faz referência ao tempo, ao espaço, à personagem principal e nos restantes clarifica e enuncia a ação da narrativa. B.M tituló o texto com a personagem principal. No que se refere a erros ortográficos, no texto inicial, B.M cometeu alguns que foram corrigidos durante a revisão.

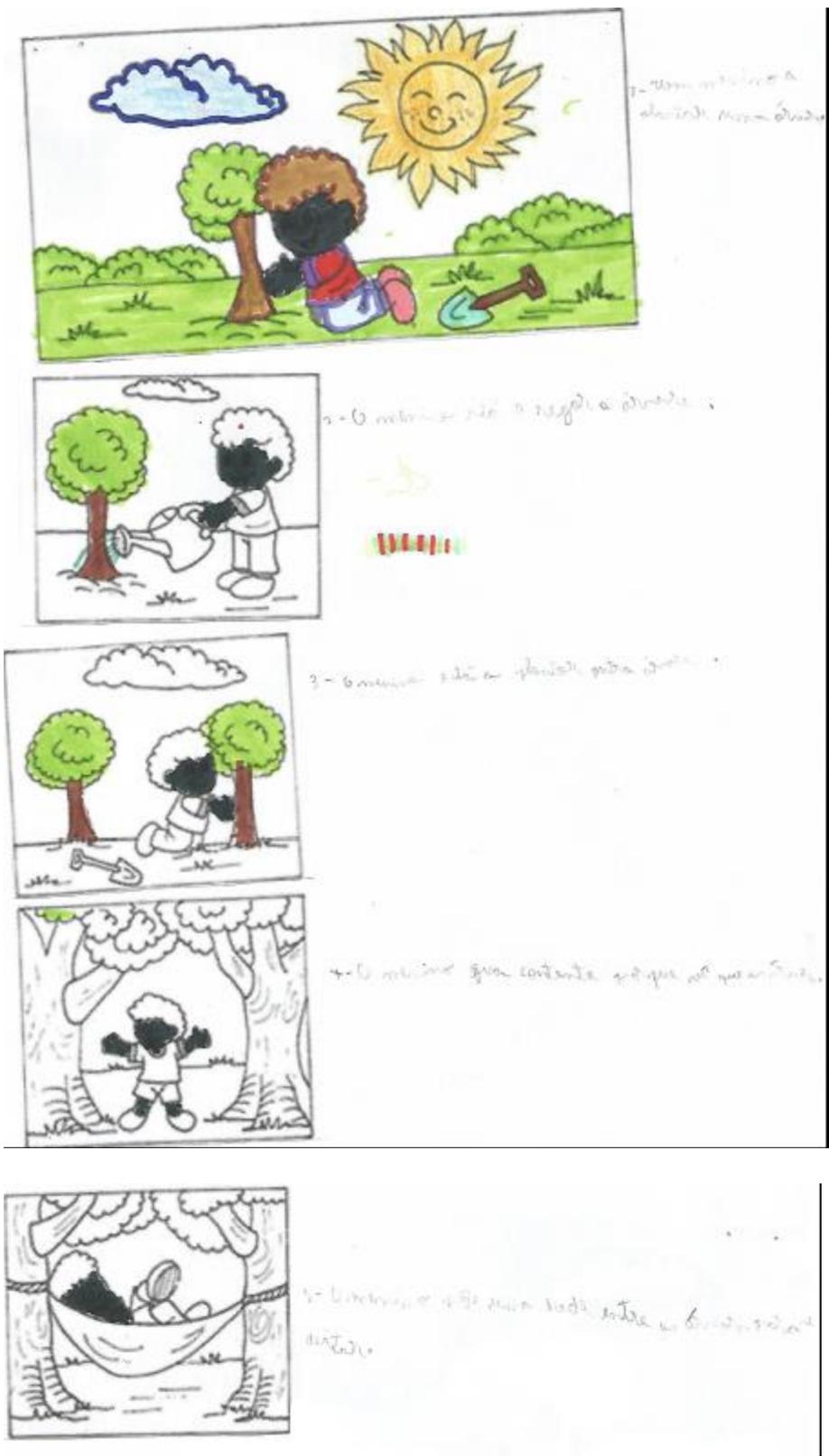


Figura 65 - Sequência de imagens legendada referente à terceira produção de G

Guião do Texto Narrativo

Título: _____

Introdução	Quem?	Leandro
	Onde?	horta
	Quando?	1 mês
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	plantei duas arvores
	Como aconteceu?	elas cresceram
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	as arvores

Figura 66 - Guião referente à terceira produção de G

8 Títulos e miniaturas das árvores

Tinha uma horta com muitas árvores e o Leandro plantou uma
 árvore.
 Depois foi regar a árvore.
 Foi mais uma planta para a horta.
 Depois de um mês as árvores cresceram e o Leandro ficou contente.
 Depois foi fazer uma semente e depois foi desenterrar.

Figura 67 - Texto referente à terceira produção de G

No que diz respeito à sequência de imagens, G, como se pode observar na figura 65, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. G, no guião (figura 66), registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

Aquando da escrita do texto, observável na figura 67, G teve em consideração o que registou na planificação, mantendo as mesmas observações e registros. Deste modo, considero que a sequência, a planificação e o tempo estão em consonância, logo serão os três analisados, para que futuramente se possa observar a sua evolução.

Neste texto, G respeitou a estrutura da narrativa, tendo-o dividido em quatro parágrafos. No primeiro, fez referência à personagem principal, nomeando-a, estando igual ao enunciado na planificação e ao tempo, sendo que este não é similar ao que escreveu no guião, mas, tal como já foi referido, serve como um suporte das ideias existentes, também iniciando a ação do texto. Nos segundo, terceiro e quarto parágrafos faz referência à ação e, por fim, no último refere como termina a história.

Também é de referir que os parágrafos são pequenos, uma vez que são constituídos por frases curtas e em número reduzido, não tendo feito referência ao espaço onde decorre a ação, pois, embora tenha registado na planificação, não referiu nos textos. G cometeu apenas um erro ortográfico que foi corrigido no momento da revisão textual. Intitula o texto.



1- Um menino a plantar uma árvore.

2- O menino está a regar a árvore.



3- O menino está a plantar outras árvores.



4- O menino fica contente porque vê que as árvores já estão grandes.



4- O menino faz uma rede entre as árvores para se deitar.

Figura 68- Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de L.

Guião do Texto Narrativo

Título: O descanço

Introdução	Quem?	João
	Onde?	Jardim
	Quando?	hoje
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	ele plantou duas árvores
	Como aconteceu?	escavou um buraco e colocou uma árvore pequena e regou
Conclusão	Como resolveram o problema?/ Desfecho da ação	foi uma rede entre as árvores e descançou.

Figura 69 - Guião correspondente à terceira produção de L.

Título: O dia do descanço

Era uma vez um menino chamado João que estava num jardim. O João gostava muito de ir àquele jardim passear.

Ele como gostava muito daquele jardim decidiu plantar duas árvores, para plantar essas duas árvores ele escavou um buraco e fez as duas árvores depois regou.

O João começou a fazer um rede e fez uma rede para se deitar.

Figura 70 - Texto relativo à terceira produção de L.

No que diz respeito à sequência de imagens, L como se pode observar na figura 68, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. L, no guião, observável na figura 69, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

Relativamente à escrita do texto, figura 70, teve em conta aquilo que registou na planificação, tendo também em consideração a sequência de imagens. Deste modo, como já foi referido anteriormente, a sequência, a planificação e o texto devem estar em consonância, logo irei analisá-los para que seja possível observar a evolução de L.

L tituló o texto, tendo sintetizado em poucas palavras uma das ideias principais deste. Também respeitou a sua estrutura, sendo que o dividiu em três parágrafos: um para a introdução em que fez referência ao tempo, ao espaço e à personagem principal, nomeando-a. Apenas o tempo não está em conformidade com o registado na planificação. Porém, esta tem como intuito delinear as ideias que irão ser definidas no texto. No segundo parágrafo, L faz referência à ação, incluindo nela, para além daquilo que foi registado na planificação, o que era observado na sequência. No terceiro, define como termina a ação, estando semelhante ao que foi registado na planificação, tendo cometido apenas um erro ortográfico.



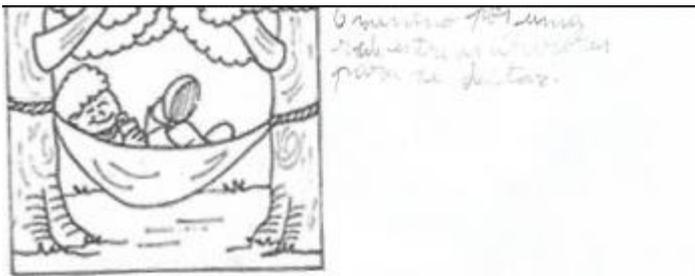


Figura 71 - Sequência de imagens legendadas relativas à primeira produção de LC

Guião do Texto Narrativo

Título: _____

Introdução	Quem?	<i>Felipe</i>
	Onde?	<i>quintal</i>
	Quando?	<i>hoje, ontem</i>
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	<i>plástico deu a volta</i>
	Como aconteceu?	<i>ele ficou com brincos e colou uma tampa de madeira</i>
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	<i>por uma rede entre os amigos e de plástico</i>

Figura 72 - Guião referente à terceira produção de LC

Título:

Um certo dia um menino chamado Filipe estava no quintal hoje a plantar desenhando um brócolis e colocou uma semente e regou.

Em uma tarde ~~então~~ os dois árvores e desenhando um brócolis.

Depois esperou no dia seguinte acordou sentiu-se e foi ao quintal ver as duas árvores. Ele gostou muito ficou muito contente.

Figura 73 - Texto relativo à terceira produção de LC

No que diz respeito à sequência de imagens, LC como se pode observar na figura 71, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. LC, no guião, observável na figura 72, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história. Relativamente à escrita do texto, figura 73, teve em conta aquilo que registou na planificação, tendo também em consideração a sequência de imagens. Deste modo, como já foi referido anteriormente, a sequência, a planificação e o texto devem estar em consonância, logo irei analisá-los para que seja possível observar a evolução de LC.

LC respeitou a estrutura de um texto, sendo que o dividiu em três parágrafos: um para a introdução em que fez referência ao tempo, ao espaço e à personagem principal, nomeando-a. Apenas o tempo não está em conformidade com o registado na planificação. Contudo, esta tem como intuito delinear as ideias que irão ser definidas no texto. Neste parágrafo também já faz referência à ação do texto. No segundo, LC faz, outra vez, referência à ação, incluindo nela, para além daquilo que foi registado na planificação, o que era observado na sequência. No terceiro, define como termina a ação, estando semelhante ao que foi registado na planificação. Não cometeu erros ortográficos, porém também não intitulou o texto.



- Um menino a plantar uma árvore.



- O menino está a regar a árvore.



- O menino está a plantar outra árvore.



- O menino fica contente porque vê que as árvores estão grandes.



- O menino faz um repouso entre as árvores para não doer.

Figura 74 - Sequência de imagens relativas à terceira produção de AC

Guião do Texto Narrativo

Título: O Kênis e as árvores

Introdução	Quem?	Kênis
	Onde?	no meu jardim
	Quando?	27 de março (dia nacional da primavera)
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	plantei duas árvores
	Como aconteceu?	foi com minha avó e minha irmã e minha mãe
Conclusão	Como resolveram o problema?/ Desfecho da ação	não que as árvores estejam grandes e bonitas uma delas já está dormindo

Figura 75 - Guião relativo à terceira produção de AC

O Kênis e as árvores

Um dia de "Primavera" no dia 27 (dia nacional da primavera) meu pai plantou uma árvore. No dia seguinte plantou outra árvore no mesmo jardim. Foram duas árvores a serem plantadas. Depois me que tinham crescido.

- Yes! Yilli! cresceram, cresceram!

Disse o Kênis todo contente. Depois meteu-as numa rede para descansar. Sim!!!

Figura 76 - Texto referente à terceira produção de AC

No que diz respeito à sequência de imagens, AC, como se pode observar na figura 74, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. No guião, observável na figura 75, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

Relativamente à escrita do texto, figura 76, teve em conta aquilo que registou na planificação, tendo também em consideração a sequência de imagens. Deste modo, como

já foi referido anteriormente, a sequência, a planificação e o texto devem estar em concordância, logo irei analisá-los para que seja possível observar a evolução de AC.

AC tituló o texto, tendo sintetizado em poucas palavras uma das ideias principais deste. Não respeitou a sua estrutura, embora o tenha dividido em três parágrafos, que não correspondem aos três “essenciais”. No primeiro, faz referência ao tempo e à personagem principal, sendo que apenas o tempo está em conformidade com o registado na planificação. Porém, esta tem como intuito delinear as ideias que irão ser definidas no texto. Neste mesmo parágrafo referencia a ação principal, embora também tenha mencionado o observável na sequência, fê-lo de uma maneira muito resumida. Por exemplo, em vez de dizer que o menino regou primeiro uma árvore, depois plantou outra e regou-a, registou que num dia “plantou uma árvore. No dia seguinte plantou outra...”. O segundo parágrafo deste texto é uma exclamação e, no terceiro define como termina a história.

Deste modo, AC, embora tenha dado um nome à personagem principal, apenas o fez no último parágrafo. Também não referiu como é que a ação se desenvolveu, apenas referiu o que aconteceu. Ao longo do texto, comete alguns erros ortográficos que foram corrigidos aquando da revisão textual.



-Um menino
plantar
uma árvore.



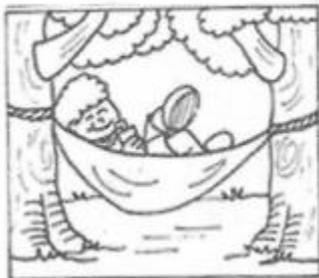
-O menino está a regar a árvore.



- O menino está a plantar outra
árvore.



- O menino fica contente porque vê
que as árvores já estão grandes.



- O menino pôs uma rede.

Figura 77 - Sequência de imagens relativas à terceira produção de N.

Guião do Texto Narrativo

Título: A árvore

Introdução	Quem?	menino (Lé)
	Onde?	jardim
	Quando?	hoje
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	planta duas árvores.
	Como aconteceu?	excavou e colocou uma árvore.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	pôs uma rede.

Figura 78 - Guião referente à terceira produção de N

A árvore

Um menino a plantar uma árvore e a regar a árvore o menino estava a descanar e o menino plantou outra árvore. O menino vê que as árvores estão grandes e o menino pôs uma rede.

Figura 79 - Texto referente à terceira produção de N.

No que diz respeito à sequência de imagens, N, como se pode observar na figura 77, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. Ao observar a figura 78, verifica-se que N, no guião, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história. A figura 79 mostra o texto escrito e, observando-a, verifica-se que N teve em conta, em grande parte, aquilo que registou na planificação, tendo em consideração a sequência de imagens e a planificação. Deste modo, como já foi referido anteriormente, como os três produtos estão de acordo, esta concordância pode levar a um bom desempenho da atividade. Assim sendo, é possível observar a evolução de N, futuramente.

Assim, no texto, N fez referência à personagem principal, que está referida, tanto na sequência como no guião, tal como intitulou a história. Neste, também, referiu

corretamente qual é a ação e como esta termina. Contudo, nem tudo está igual ao que registou na planificação.

N não estruturou corretamente o texto, uma vez que este apenas tem um parágrafo, em que estão incluídos a personagem, a ação e como a história termina. Relativamente às outras categorias da narrativa, não faz referência, embora as tenha definido na planificação. Não cometeu erros ortográficos.

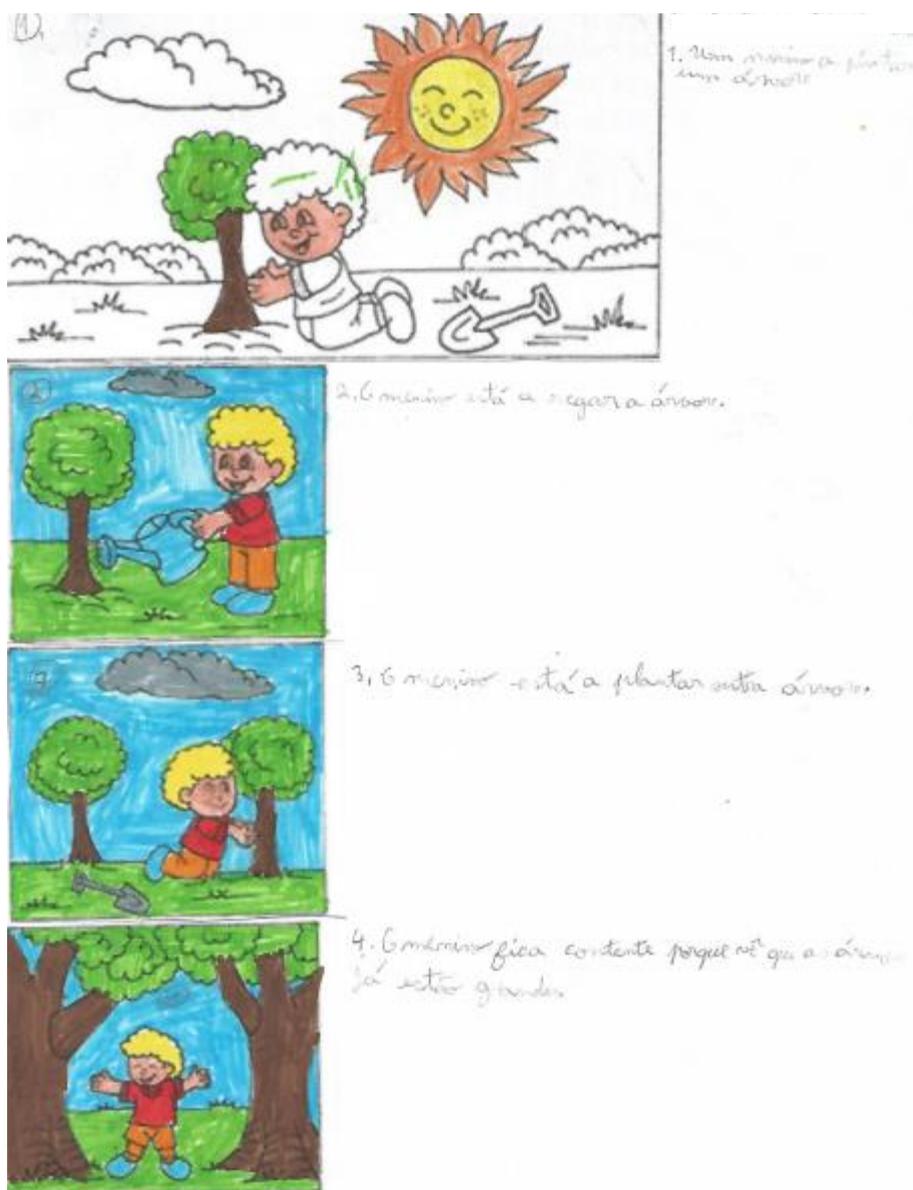




Figura 80 - Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de B.

Guião do Texto Narrativo

Título: A Rede do Martinho

Introdução	Quem?	menino (Martin)
	Onde?	na floresta / quinta
	Quando?	hoje / ontem...
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	Ele plantou árvores.
	Como aconteceu?	Ele escavou um buraco e colocou uma corrente de ferro na região.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	Ele fez uma rede entre as árvores e ficou a dormir durante um tempo.

Figura 81 - Guião relativo à terceira produção de B.

Itálica de Martinho

Éa uma vez um menino chamado Martinho...
 Ele resolveu criar uma árvore.
 E resolveu fazer a correntezinha.
 Por um tempo ele começou a escavar um buraco
 e criou outra árvore.
 Ele ficou tão contente porque as árvores cresceram mais.
 Ele fez uma rede entre as árvores e ficou a dormir
 durante um tempo.

Figura 82 - Texto relativo à terceira produção de B.

No que diz respeito à sequência de imagens, B, como se pode observar na figura 80, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi

discutida em turma. B, no guião, figura 81, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história. Aquando da escrita do texto, teve em conta aquilo que registou na planificação e na sequência. Deste modo, como a sequência, a planificação e o texto estão em consonância, poderão facilitar o desenvolvimento desta atividade. Por isso, irei analisá-los para que futuramente consiga refletir sobre a evolução de B.

Assim, no texto observável na figura 82, B fez referência ao tempo e à personagem principal, nomeando-a, que estão referidas, tanto na sequência como no guião, sendo que a primeira não corresponde ao mencionado na planificação, enquanto a segunda corresponde. Porém, tal como já foi referido, a planificação tem como intuito restringir as ideias acerca do tema, sendo possível alterá-las posteriormente. Relativamente ao espaço, B não o referiu, embora o tenha feito na planificação.

Relativamente à ação, B mencionou-a tanto no texto como na planificação, sendo esta semelhante em ambos os produtos, mencionando também como a história termina. B intitulou a sua história.

Por fim, B respeitou a estrutura do texto narrativo, pois definiu seis parágrafos. No primeiro definiu o tempo e a personagem principal. Nos quatro seguintes, definiu a ação da história e, no último, definiu como a mesma termina.



Figura 83 - Sequência de imagens legendada relativa à terceira produção de S.

Guião do Texto Narrativo

Título: 6 dia da semente

Introdução	Quem?	condemino.
	Onde?	no quintal.
	Quando?	foi até três dias.
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	planta das sementes.
	Como aconteceu?	depois de um tempo e depois de um tempo regar a semente.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	como resolveram o problema e depois de um tempo as sementes cresceram e desceram.

Figura 84 - Guião relativo à terceira produção de S.

O dia da semente
 chamado Eric
 Era uma vez um menino que estava a plantar
 uma semente.
 - Eu vou plantar esta semente para ficar muito
 grande.
 Depois de plantar regar e depois plantar outra
 e regar.
 No dia seguinte regar mais um pouco.
 Daqui mais alguns dias as sementes já estavam grandes
 e depois teve logo a regar foi fazer uma
 cama de terra e desceram.

Figura 85 - Texto relativo à terceira produção de S.

Como se pode observar na figura 83, S ordenou corretamente e de forma lógica a sequência de imagens, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. Como se verifica na figura 84, S, no guião, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

O texto, observável na figura 85, está de acordo com o que foi registado na planificação e com o que está na sequência. Deste modo, como os três produtos estão em conformidade, é possível que isto leve a um bom desempenho de S, nesta atividade, sendo provável observar a sua evolução.

S respeita a estrutura do texto, uma vez que o divide em cinco parágrafos: no primeiro identifica a personagem, nomeando-a, e o tempo em que decorre a ação. Porém, este último não é o que foi registado na planificação, uma vez que esta tem como intuito delinear as ideias sobre a história. Neste parágrafo, S não identificou o espaço, todavia começou a definir a ação. Nos três parágrafos seguintes, S continuou a clarificar a ação, referindo as várias fases que eram observadas na sequência e, no último, define como termina a ação e a história.

O texto inicial continha alguns erros ortográficos e apresentava algumas falhas, como não ter dado um nome à personagem, sendo que depois de revisto já não os apresentava. Igualmente, titulóu o texto.





5- O menino pôs uma rede entre as árvores para se deitar.

Figura 86 - Sequência de imagens legendada referente à terceira produção de C.

Guião do Texto Narrativo

Título: O jardim

Introdução	Quem?	Tiago Chelo
	Onde?	jardim
	Quando?	hoje
Desenvolvimento	O que aconteceu? / Qual é a ação?	plantei duas árvores e coloquei um banco e coloquei uma árvore pequena e reguei.
	Como aconteceu?	
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	pôs uma rede entre as árvores e descansou.

Figura 87 - Guião relativo à terceira produção de C.

Artigo: O jardim

Um menino chamado Tiago Chelo vive no jardim e encontrou uma árvore pequena e Tiago foi buscar a regalia para regar. Então plantou entre as árvores e foi buscar a regalia. As árvores ficaram grandes e Tiago ficou feliz e foi para a rede entre as árvores para descansar.

Figura 88 - Texto relativo à terceira produção de C.

Transcrição

“O jardim

Um menino chamado Tiago Chaló foi ao jardim e encontrou uma árvore pequeno (pequena).

O Tiago foi buscar a (o) regador para regar árvore.

Noutro dia plantou outra árvore e foi buscar o regador.

As árvores ficarão (ficaram) grandes e o Tiago ficou feliz. E foi pôr uma rede entre as árvores para descansar.”

As produções de C têm sempre a particularidade de se conseguir compreender apenas algumas palavras e frases que escreveu. Contudo, nesta, a letra já está mais legível e melhor desenhada, permitindo que seja possível ler um pouco mais do que nas anteriores, mas mesmo assim, para manter a homogeneidade nestas produções decidi transcrever o que C escreveu no terceiro texto.

Como se pode observar na figura 86, C ordenou corretamente e de forma lógica a sequência de imagens, uma vez que a maior parte desta etapa foi discutida em turma. Como se verifica na figura 87, C, registou no guião aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

O texto, observável na figura 88, está de acordo com o que foi registado na planificação e com o que está na sequência. Deste modo, como os três produtos estão em conformidade, é provável que isto leve a um bom desempenho de C, nesta atividade, sendo possível observar a sua evolução.

No que diz respeito ao texto, C, não respeita a sua estrutura, pois, embora o tenha dividido em quatro parágrafos, alguns correspondem a frases curtas que poderiam ser incluídas noutro. No primeiro, C identifica a personagem principal, nomeando-a, e identifica o espaço onde decorre a ação, sendo que estas duas categorias correspondem aquilo que registou na planificação. Todavia, não identificou o tempo em que a ação decorre. Neste parágrafo também define a ação. Porém, esta corresponde, em parte, aquilo que registou na planificação, pois nesta esclarece que o menino plantou uma árvore e no texto escreveu

que o menino encontrou uma árvore. Nos dois parágrafos seguintes, continua a clarificar a ação do texto e, no último, define como o mesmo termina. Também intitulou o texto.

O texto inicial foi escrito com alguns erros ortográficos, tendo também alguns problemas de concordância, por exemplo, entre o género de algumas palavras e, também, de número.



- O menino pôs uma rede entre as árvores para se deitar.



Figura 89 - Sequência de imagens legendada correspondente à terceira produção de D.

Guião do Texto Narrativo

Título: As coisas que se pode fazer no jardim e no sótão.

Introdução	Quem?	jeans
	Onde?	jardim
	Quando?	Uma semana atrás
Desenvolvimento	O que aconteceu?/ Qual é a ação?	Um menino a plantar duas árvores
	Como aconteceu?	Encontrou um buraco e colocou uma árvore pequenina e regou.
Conclusão	Como resolveram o problema? / Desfecho da ação	Pôs uma rede entre as árvores e deitou-se.

Figura 90 - Guião referente à terceira produção de D.

TÍTULO: As coisas que se podem fazer no jardim e no sótão

O primeiro dia de férias chegou e jeffrey não tinha nada para fazer.
Ele foi perguntar ao pai que se ele podia plantar duas árvores.
O pai disse que sim.
E ele pensou a plantar. Plantou regou e pôs ao sol.
E passou de uma semana as apareceram as árvores.
Jeffrey foi feliz que foi buscar uma rede a casa e amarrar uma ponta a uma árvore e a outra ponta à outra árvore e deitou-se.

Figura 91 - Texto relativo à terceira produção de D.

No que diz respeito à sequência de imagens, D, como se pode observar na figura 89, ordenou-as corretamente e de forma lógica, uma vez que a maior parte desta etapa foi

discutida em turma. D, no guião, observável na figura 90, registou aquilo que escreveu na legenda das imagens, tal como registou outras ideias sobre a história.

O texto, observável na figura 91, está de acordo com o que foi registado na planificação e com o que está na sequência. Deste modo, como os três produtos estão em conformidade, é provável que isto leve a um bom desempenho de D, nesta atividade, sendo possível observar a sua evolução.

No que diz respeito ao texto, D, não respeita a sua estrutura, pois, embora o tenha dividido em seis parágrafos, estes correspondem a frases curtas que estão de acordo, na sua maioria, com o que registou, tanto na sequência como na planificação, sendo transcrições da planificação. No primeiro parágrafo do texto, D identifica a personagem principal, nomeando-a, e identifica o tempo da ação, sendo que esta categoria não corresponde ao que registou na planificação. Porém, esta tem como intuito auxiliar quem escreve a organizar as ideias. Nos quatro parágrafos seguintes, D identifica e clarifica qual a ação e, no último, identifica como termina a história. Também titulou o texto, tendo apenas três erros, no inicial, sendo que foram corrigidos aquando da revisão.

3.2.4. A evolução das crianças ao longo dos textos

Neste momento irei refletir sobre a evolução das crianças, cujos textos foram analisados nos momentos anteriores, comparando-os. Posteriormente irei generalizar estas comparações e reflexões às restantes da turma.

Ao analisar os textos de BM, verifica-se que, embora na primeira atividade não tenha sequenciado e legendado corretamente as imagens, nas duas seguintes já o fez. No que diz respeito à planificação, na primeira atividade, embora esteja de acordo com a sequência que realizou, tal como já foi referido, não estava correta, logo a planificação também não o estava. Todavia, nas atividades seguintes, a planificação já estava de acordo com a sequência correta.

Relativamente aos textos escritos, o primeiro, como estava de acordo, em parte, com a planificação, não está correto, uma vez que os três produtos têm de estar em sintonia. Já o segundo estava de acordo apenas com a sequência, logo também não está correto e o terceiro está de acordo tanto com a planificação como com a sequência de imagens.

Deste modo, posso considerar que houve uma evolução da parte de BM, pois inicialmente não ordenou nem legendou corretamente a sequência, fazendo com que a planificação e o texto, também não estivessem corretos. Já na segunda atividade faz corresponder a planificação à sequência, mas não o texto às outras duas. Por fim, no terceiro, todos os produtos estão de acordo.

Após a implementação das três atividades entrevistei as crianças cujas produções o seu conteúdo iria ser analisado, de modo a poder aferir as suas opiniões. Assim, como se observa no apêndice 6.1., o texto que BM gostou mais de escrever foi o terceiro, pois de acordo com BM (entrevista a BM, 28 maio 2015) “tem coisas sobre a natureza e acho que a natureza é boa”. Relativamente ao uso da planificação, BM, através das notas de campo, elaboradas na entrevista, considerou que foi melhor usá-la para auxiliar na escrita do texto, uma vez que, segundo BM (entrevista a BM, 28 maio 2015) “tem instruções e dá ajuda” e sem ela não se conseguiria lembrar do que ia escrever.

Já relativamente à utilização da ficha de apoio, BM considerou-a útil, devido à existência de instruções (isto é, ideias) que auxiliavam a caracterizar os tempos, os espaços e as personagens, de acordo com as notas elaboradas por mim, durante este projeto e durante a entrevista.

Relativamente aos textos de G, verifica-se que, embora na primeira atividade não tenha sequenciado e legendado corretamente as imagens, nas duas seguintes já o fez. No que diz respeito à planificação, na primeira atividade, embora esteja de acordo, em parte, com a sequência que realizou, tal como já foi referido, não estava correta, logo a planificação também não o estava. Todavia, nas atividades seguintes, a planificação já estava de acordo com a sequência correta.

No que diz respeito aos textos escritos, o primeiro estava de acordo com a sequência proposta por G, mas não com a planificação proposta. Porém, para o bom desenvolvimento destas atividades era necessário que os três produtos estivessem em consonância. Por sua vez, tanto o texto da segunda atividade como o da terceira estão de acordo, tanto com a planificação como com a sequência de imagens.

Concluindo, posso considerar que houve uma evolução da parte de G, pois inicialmente não ordenou, nem legendou corretamente a sequência, fazendo com que a planificação e o texto, também não estivessem corretos, enquanto nas outras duas todos os produtos estão de acordo.

Neste momento, irei fazer referência à entrevista realizada a G, de modo a aferir a sua opinião. Deste modo, como se pode observar no apêndice 6.2., G gostou mais de escrever o texto do urso, isto é, o terceiro, pois de acordo com G (entrevista a G, 28 maio 2015) “gosto muito de neve e gosto muito de esquiar”. No que concerne ao uso da planificação, este considera que é melhor “escrever logo aqui (apontando para a folha pautada), porque às vezes eu não preciso da folha (guião) para fazer o texto.” (entrevista a G, 28 maio 2015). Através das notas de campo, redigidas durante a entrevista e ao longo do projeto, posso considerar que G considera mais fácil escrever o texto com o auxílio da ficha de apoio, porém não o fez durante as atividades desenvolvidas.

No que diz respeito aos textos de L, verifica-se que as três sequências de imagens estão ordenadas e legendadas corretamente. Relativamente às planificações, como já foi referido anteriormente, estão de acordo, com as sequências realizadas.

Já o texto da primeira atividade não corresponde nem à sequência nem à maior parte da planificação. Assim, não poderei considerar que os três produtos estejam de acordo, sendo fundamental que o estejam. Os textos seguintes estão de acordo tanto com a sequência como com a planificação.

Assim, posso considerar que houve uma evolução da parte de L, pois, embora tenha ordenado, em todas as atividades, logicamente as sequências e as legendado, também o fez corretamente nas planificações, embora nem todos os textos correspondam ao registado nos guiões e nas sequências de imagens.

Através da entrevista realizada a L, após a implementação das atividades, verifico, ao observar o apêndice 6.3., que o texto que L gostou mais de escrever foi o primeiro, “porque (...) é uma menina muito curiosa” (entrevista a L, 28 maio 2015). No que diz respeito à planificação, L considera que é mais fácil usá-la, enquanto, através das notas de campo redigidas, verifico que L prefere utilizar a ficha de apoio, uma vez que servia “para descrever as personagens” (entrevista a L, 28 maio 2015), sendo que a usou durante a implementação das atividades.

Analisando os textos de LC, verifica-se que as três sequências de imagens estão ordenadas e legendadas corretamente. Relativamente às planificações, como já foi referido anteriormente, estão de acordo, com as sequências realizadas.

Já o texto da primeira atividade não corresponde nem à sequência nem à planificação. Assim, não poderei considerar que os três produtos estejam de acordo, sendo fundamental que o estejam. Os textos seguintes estão de acordo tanto com a sequência como com a planificação.

Em jeito de conclusão, posso considerar que LC evoluiu, pois, embora tenha ordenado, em todas as atividades, corretamente as sequências e registado nas planificações, apenas os segundo e terceiro textos correspondem ao enunciado nas planificações e nas sequências de imagens.

Relativamente à entrevista realizada a LC, observável no apêndice 6.4., este referiu que o texto que mais gostou de escrever foi o primeiro, isto é, “o da menina e da vassoura” (entrevista a LC, 28 maio 2015). Por sua vez, considera que a planificação, através das notas de campo redigidas, é útil, pois nela estão referidas as várias categorias da narrativa, tal como “quem, (...) onde, quando, o que aconteceu, qual é a ação, como aconteceu, como resolveu o problema” (entrevista a LC, 28 maio 2015), também considera que com a ficha de apoio é mais fácil escrever o texto. Porém, não a utilizou em nenhuma das atividades.

No que concerne aos textos de AC, verifica-se que todas as sequências de imagens estão ordenadas e legendadas da forma correta. Relativamente às planificações, a primeira e a terceira correspondem às sequências de imagens.

Relativamente às produções textuais, AC, na primeira, não a fez corresponder nem à sequência nem à planificação, enquanto a segunda corresponde apenas ao guião. Deste modo, nestas duas produções, os três produtos não estão de acordo, logo não foram considerados. Já a terceira produção textual corresponde à planificação e ao guião.

Concluindo, posso considerar que AC evoluiu, pois, embora tenha ordenado, em todas as atividades, corretamente as sequências e registado nas planificações, apenas o terceiro texto corresponde ao solicitado em todas as atividades.

Em relação à entrevista realizada a AC, observável no apêndice 6.5., referiu que os textos que mais gostou de escrever foram o primeiro e o terceiro, isto é, “o da menina” e “o da árvore”, respetivamente, pois AC gosta “muito da primavera e de árvores e (...) [gosta] muito de meninas e de vassouras.” (entrevista a AC, 28 maio 2015)

Já, no que concerne à planificação, AC considera-a útil, uma vez que assim “escrevia aqui as coisas e (...), podia ir ver aqui em vez de ter de puxar pela cabeça para me lembrar.” (AC, entrevista, 28 de maio de 2015) e, no que se refere à ficha de apoio, AC, através das notas de campo redigidas, constato que considera que era melhor não a usar, pois “assim [podia] (...) usar a imaginação” (entrevista a AC, 28 maio 2015).

Ao observar as análises efetuadas anteriormente, verifico que N ordenou e legendou corretamente as três sequências de imagens. Também as três planificações estão de acordo com as sequências ordenadas de forma correta.

No que concerne às produções textuais, as três estão de acordo com as planificações e com as sequências. Deste modo, não posso considerar que houve evolução relativa aos objetivos propostos neste projeto. Porém N, à medida que ia avançando nas suas produções verificou-se uma complexificação do narrado.

Após a implementação das três atividades entrevistei as crianças cujas produções o seu conteúdo iria ser analisado, de modo a poder aferir as suas opiniões. Assim, como se observa no apêndice 6.6., o texto que N gostou mais de escrever foi o terceiro, pois segundo N (entrevista a N, 28 maio 2015) “porque... tu escreveste as frases no quadro e nós copíamos...”, embora primeiro estas fossem discutidas em turma e só posteriormente

registadas no quadro. Relativamente ao uso da planificação, N, através das notas de campo elaboradas na entrevista, considerou que foi melhor usá-la para auxiliar na escrita do texto. No que diz respeito à utilização da ficha de apoio para as auxiliar a caracterizar a personagem, o tempo e o espaço, N, verificando as notas de campo efetuadas ao longo do projeto corroborando aquilo que N disse na entrevista, não a utilizou, o que poderá ter levado a que este não caracterizasse nem as personagens, nem os tempos, nem os espaços dos vários textos.

Analisando os textos de B, verifica-se que as três sequências de imagens estão ordenadas e legendadas corretamente. Em relação às planificações, como já foi referido anteriormente, estão de acordo, com as sequências realizadas. Também os textos narrativos estão de acordo, tanto com as sequências como com as planificações.

No que concerne à evolução de B, posso considerar que, embora todas atividades tenham sido de acordo com o proposto, este conseguiu complexificar os seus textos, nomeadamente a ação destes.

Através da entrevista efetuada a B, observável no apêndice 6.7., e das notas de campo obtidas durante o desenvolvimento destas atividades, B refere que o texto que mais gostou de escrever foi o do urso, isto é, o segundo, pois “[gosta] muito de ursos” (entrevista a B, 28 maio 2015). Relativamente à planificação, B considera que esta é útil, pois nela escrevem-se “as partes da história” e “ajuda mais a escrever o texto e as palavras”, enquanto a ficha de apoio também é útil, uma vez que “dá mais confiança” (entrevista a B, 28 maio 2015), sendo que a utiliza nos seus textos.

Como já foi referido anteriormente, S organizou e legendou corretamente a sequência de imagens, tal como as planificações estão de acordo com as sequências. Por seu lado, os textos também estão de acordo tanto com as planificações como com as sequências.

Deste modo, posso considerar que S manteve o mesmo nível de evolução, uma vez que em todas as atividades conseguiu relacionar os três produtos. Todavia, tal como as crianças anteriormente referidas, também conseguiu complexificar as suas produções.

Através da entrevista realizada a S, observável no apêndice 6.8., e utilizando as notas de campo obtidas ao longo do projeto, posso afirmar que o texto que S mais gostou de escrever foi o primeiro, isto é, o da menina e da vassoura, pois, nas palavras de S (entrevista a S, 28 maio 2015), “ela foi passear, encontrou uma vassoura voadora e foi a

voar para o Havai. E eu também gostava de ir.” No que se refere à planificação, S considera que é mais fácil primeiro “fazer o plano de história” (entrevista a S, 28 maio 2015) e depois escrever o texto e também refere que é mais fácil escrever o texto com o auxílio da ficha de apoio, uma vez que esta dá “mais ideias” (entrevista a S, 28 maio 2015).

Analisando os textos de C, verifica-se que as três sequências de imagens estão ordenadas e legendadas corretamente. Relativamente às planificações, como já foi referido anteriormente, estão de acordo, com as sequências realizadas. Também os textos estão de acordo com os dois produtos anteriores. Porém, a estes textos falta-lhes a coesão e a coerência que alguns dos outros têm. Também C, por exemplo, no primeiro texto limitou-se a transcrever o que registou na planificação.

Através da entrevista realizada a C, observável no apêndice 6.9., e utilizando as notas de campo obtidas ao longo do projeto, posso afirmar que C gostou mais do primeiro, isto é, do da menina e da vassoura, porque “encontrou uma vassoura, depois foi voar nela e eu queria, gostava de ter uma vassoura e andar nela” (entrevista a C, 28 maio 2015). Relativamente à planificação, C considera que esta ajuda na textualização, uma vez que a torna mais fácil, enquanto considera que a ficha de apoio não era tão útil, pois preferia fazer de cabeça. Analisando os textos de D, considero que as três sequências de imagens estão ordenadas e legendadas corretamente. Também as planificações estão de acordo com as sequências e os três textos estão de acordo com estas. Porém, D no primeiro caracterizou de uma forma tão exaustiva a personagem, fazendo com que o mesmo ficasse confuso. À medida que os textos foram progredindo e sendo revistos, a caracterização passou a ser menos exaustiva, permitindo ao leitor acompanhar a história.

Concluindo, considero que D evoluiu, embora de uma forma muito linear, uma vez que, ainda que todas as atividades estejam de acordo com os objetivos, também tive em consideração a caracterização da personagem feita por D, que foi sendo alterada para o que era essencial.

Ao realizar a entrevista a D, observável no apêndice 6.10, e ao consultar as notas de campo, redigidas durante a execução deste projeto, posso afirmar que D gostou mais do texto da vassoura, isto é, o primeiro, pois, segundo D (entrevista a D, 28 maio 2015) “conseguimos ir à praia, estamos com uma roupa de verão e conseguimos voar.” Relativamente à planificação, D considera que esta é útil, pois servia “para nos

orientarmos” (D, entrevista a D, 28 maio 2015) a escrever o texto. Também a ficha de apoio, de acordo com D (entrevista a D, 28 maio 2015), serve para “nos orientarmos e para escrevermos melhor o texto”, sendo que D a utilizou nos que escreveu.

Concluindo, posso considerar que o resto dos textos da turma, na sua maioria, está em consonância com os analisados, uma vez que as crianças selecionadas representam os vários níveis existentes na turma, relativamente à escrita de textos.

Considerações Globais

Neste estudo, pretendi demonstrar que a escrita, nomeadamente, a de textos é extremamente importante para a vida em sociedade atualmente, pois, embora estejamos numa sociedade cada vez mais tecnológica, continua a ser necessário escrever os vários tipos de texto.

Deste modo, ao longo deste estudo pretendi relacionar os vários conhecimentos adquiridos através das pesquisas efetuadas para a sua escrita. Estes conhecimentos variam entre o desenvolvimento cognitivo, a linguagem, a linguagem escrita, a expressão escrita, a narrativa e a escrita criativa. Ao escrever acerca da narrativa, fiquei a conhecer as várias tipologias sobre estes textos, conseguindo situar as produções textuais realizadas.

Considero que ao relacionar estes conhecimentos com as produções das crianças e com as análises, tornou este estudo mais rico. Por sua vez, considero que a análise dos textos poderia ser ainda mais pormenorizada, caso eu tivesse tido em consideração mais aspetos da linguagem, como por exemplo, o uso de determinantes, de pronomes, entre outros.

Ao longo deste projeto, senti algumas dificuldades, nomeadamente nas análises de alguns dos textos, uma vez que os analisei muito tempo depois de os terem escrito, sendo que, mesmo com as notas de campo, senti dificuldades em compreender algumas das caligrafias e perceber o que estava ou não estava escrito e como podia registar isso na grelha.

Também senti algumas dificuldades em “avaliar” as suas produções, pois em alguns casos registavam bem na planificação ou escreviam corretamente no texto, mas não podia considerar porque todas as etapas das atividades deviam estar em sintonia.

Por fim, gostaria de referir que, para este projeto ter mais diversidade, para poder aferir melhor a evolução das crianças, deveria ter realizado mais atividades do que aquelas que foram realizadas.

Referências bibliográficas

- Adam, J.-M., & Revaz, F. (1997). *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - um guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido em 12 de janeiro de 2015, em <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf>
- Alves Martins, M., & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amor, E. (1993). *Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia*. Lisboa: Texto Editores.
- Azevedo, F. (2010). *Ensinar e Aprender a Escrever - Através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Bach, P. (1991). *O prazer na escrita*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Barbeiro, L. F. (1999). *Jogos de Escrita*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Barbeiro, L. (2003). *Escrita [construir a aprendizagem]*. Braga: Universidade do Minho.
- Barbeiro, L. F., & Pereira, L. Á. (2007). *O Ensino da Escrita: A dimensão textual*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular - Ministério da Educação. Obtido em 11 de setembro de 2015, em http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino_escrita_dimensao_textual.pdf
- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

- Carmelo, L. (2005). *Manual de Escrita Criativa* (Vol. 1). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação - guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chaplin, J. P. (1981). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-Acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia, Educação e Cultura, XIII, n° 2*, 355 - 380. Obtido de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF
- Crystal, D. (1977). *A Linguística* (2ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Davidoff, L. (1983). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill Brasil.
- Dietrich, G., & Walter, H. (1978). *Vocabulário fundamental de psicologia*. Lisboa: Edições 70.
- Dolle, J. M. (2005). *Para compreender Jean Piaget* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Girard, D. (1976). *As línguas vivas - ensino e pedagogia*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2011). *Psicologia* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, L. C. (janeiro/março de 2008). Um escritor na sala de aula. *Noesis*, 72, pp. 26-29. Obtido em 22 de setembro de 2015, de old.dge.mec.pt/data/dgdc/Revista_Noesis/revista/noesis72.pdf
- Graue, M., & Walsh, D. J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Martins, M. E., & Cerveira, A. G. (1999). *Introdução às Probabilidades e à Estatística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matta, I. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Mourão, L. (janeiro/março de 2008). O Rio partiu-se. *Revista Noesis*, 72, pp. 42-45. Obtido em 22 de setembro de 2015, de old.dge.mec.pt/data/dgdc/Revista_Noesis/revista/noesis72.pdf
- Murteira, B. J. (2003). *Análise Exploratória de Dados - Estatística Descritiva*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Niza, I., & Alves Martins, M. (1998). Entrar no mundo da escrita. Em S. Niza (coord.), C. Rosa, I. Niza, I. Santana, J. Soares, M. Alves Martins, & M. Castro Neves, *Criar o gosto pela escrita - formação de professores* (pp. 21-74). Lisboa: Ministério da Educação.
- Niza, I., Segura, J., & Mota, I. (2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico - Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação. Obtido em 10 de setembro de 2015, de <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/escritaoriginal.pdf>
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social* (2ª ed.). Porto: Areal Editores.
- Pereira, L. Á., & Azevedo, F. (2005). *Como abordar...a escrita no 1º ciclo do ensino básico*. Porto: Areal Editores.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em GTI(org.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Ponte, J. P. (2004). Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional. Em E. Castro, & E. (. Torre, *Investigación en educación matemática* (pp. 61-84). Coruña: Universidad da

Coruña. Obtido em 14 de março de 2015, de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/04-Ponte-Corunha.pdf>

Rebelo, D., Marques, M. J., & Costa, M. L. (2000). *Fundamentos da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis (coord.), C., Dias, A. P., Cabral, A. T., Silva, E., Viegas, F., Bastos, G., . . . Pinto, M. O. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular - Ministério da Educação.

Reis, C., & Lopes, A. C. (2007). *Dicionário de Narratologia* (7ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.

Reis, E. (2002). *Estatística Descritiva* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Silva, M. C. (2005). A aquisição de uma língua segunda: muitas questões e algumas respostas. *Saber (e) Educar, n.º 10*, 97-110. Obtido em 29 de julho de 2015, de http://repositorio.esepf.pt/bitstream/10000/23/2/SeE10_Aquisi_oCristinaVieira.pdf

Sim-Sim, I. (1998). *O desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Tavares, C. F. (2007). *Didáctica do Português - Língua Materna e não materna - no ensino básico*. Porto: Porto Editora.

Vygotsky, L. (2007). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Yudina, E. (abril-junho de 2009). A abordagem histórico-cultural de Lev Vigotsky. *Noesis* (77), pp. 4-5. Obtido em 3 de julho de 2015, de old.dge.mec.pt/data/dgdc/Revista_Noesis/revista/Destacavel%2077.pdf

Referências às Entrevistas

Rebocho, A. (entrevistadora) & AC (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & B (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & BM (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & C (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & D (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & G (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & L (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & LC (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & N (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Rebocho, A. (entrevistadora) & S (entrevistado). Entrevista aos alunos sobre as atividades deste projeto (2015, maio 28)

Apêndices

Apêndice 1 – Ficha de apoio

- Corpo

Cabeça	Rosto	Forma do rosto	Oval 	
			Redondo 	
			Quadrado 	
			Longo 	
			Coração 	
			Diamante 	
	Cor dos olhos	Forma dos olhos	Castanhos	
			Azuis	
			Verdes	
			Acinzentados	
			Esverdeados	
			Azulados	
		Forma dos lábios	Redondos	
			Amendoados	
		Orelhas	Forma das Orelhas	Finos
				Grossos
			Tamanho das Orelhas	Pontiagudas
				Redondas
	Cabelos	Cor do cabelo	Pequenas	
			Grandes	
			Louro	
			Castanho	

			Ruivo
			Preto
		Tipo do cabelo	Encaracolado
			Frisado
			Ondulado
			Liso
Tamanho do cabelo	Comprido		
	Curto		
Corpo	Tronco	Curto	
		Comprido	
	Braços	Longos	
		Curtos	
		Grossos	
		Finos	
	Pernas	Curtas	
		Arqueadas	
		Longas	
		Estreitas	
		Grossas	
	Pés e mãos	Pequenos(as)	
		Grandes	
		Grossos(as)	
		Finos(as)	

- Espaço

Rua	Comprida
	Curto
	Estreita
	Larga
	Com árvores
	Sem árvores
Praia	Areia branca
	Areia escura
	Com rochas
	Mar calmo
	Mar agitado
	Com muitos chapéus-de-sol
	Com poucos chapéus-de-sol
Castelo	Com muralhas
	Com muitas ameias
	Com quatro torres
Palácio	Grande
	Pequeno
	Colorido
	Branco

Noutro planeta (por exemplo: na lua)	
Ilha	Com vegetação
	Sem vegetação
	Grande
	Pequena
Deserto	Frio
	Quente
	Extenso
	Pequeno
Montanhas	Altas
	Com neve/Sem neve
	Íngremes
Meios de transporte	Rápido
	Lento
	Pequeno
	Grande

- Tempo

Dia	Chuvoso
	Quente
	Ameno
	Frio
Noite	Chuvosa
	Quente
	Fria
	Amena
	Estrelada
	Com lua cheia
	Com lua em quarto minguante
	Com lua em quarto crescente
Há muito, muito tempo...	
No tempo das fadas...	
Na semana anterior...	
No mês anterior...	
Há muitos anos...	
Daqui a cinco anos...	

Apêndice 2 – Grelha de análise das produções escritas

Questões	Sim		Não
	Com apoio	Sem apoio	
Sequencia e legenda as imagens?			
Regista num quadro as respostas às questões referentes às legendas das imagens?			
Escreve o texto conforme o quadro?			
Respeita a estrutura do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)?			
Identifica a personagem principal na introdução?			
Identifica o espaço na introdução?			
Identifica o tempo na introdução?			
No desenvolvimento refere “O que aconteceu” e clarifica a ação principal?			
No desenvolvimento refere o modo como a ação se desenvolveu?			
Na conclusão apresenta a resolução do problema?			
Titula o texto?			
Notas:			

Apêndice 3 - Planificação da primeira atividade

Vou escrever uma história...I

02.dezembro.2014

Objetivos Visadas	Programáticos/ Metas	Conteúdos de Ensino
<ul style="list-style-type: none"> - Planificar pequenos textos em colaboração com o(a) professor(a): <ul style="list-style-type: none"> - organizar a informação; -Redigir textos: <ul style="list-style-type: none"> - de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o(a) professor(a); - respeitando as convenções gráficas e ortográficas e de pontuação; - evitando repetições; - Utilizar materiais de apoio à produção escrita; - Elaborar pequenas narrativas; 		<ul style="list-style-type: none"> - Planificação de textos; - Textualização; - Progressão temática; - Configuração gráfica; - Texto narrativo; - Título; - Introdução, desenvolvimento e conclusão; - Personagem, espaço, tempo e ação - Fórmulas de fecho e abertura de histórias;
Recursos Materiais	Fichas de apoio; Guião; Sequência de imagens (cf. anexo 1); Lápis; Borracha; Folhas pautadas; Projetor; Computador; Micas;	
Recursos Humanos	Professora Cooperante; Estagiárias; Crianças	
Duração da Atividade	120 minutos	

Contextualização da Tarefa

Para iniciar esta tarefa, uma das estagiárias irá conversar com as crianças sobre das divisões do texto narrativo, isto é, irá questioná-los sobre a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, utilizando questões-tipo:

“- Lembram-se de como é que o texto narrativo pode ser dividido?”

“- Lembram-se do que tem de ser escrito na introdução? E no desenvolvimento? E na conclusão?”

Para este momento, é expectável que a maior parte das crianças não se recorde das várias fases de um texto narrativo e por consequência do que deve estar escrito em cada uma delas. Para contornar esta dificuldade, a estagiária irá lembrá-las através da projeção de um guião, no qual estão apresentadas as várias fases e o que deve estar escrito em cada uma delas, isto é, na introdução, deverão registar quem pratica a ação (as personagens), onde se passa a ação (o espaço) e quando aconteceu ou acontece a ação (o tempo). No desenvolvimento, deverão registar qual é a ação, isto é, deverão registar o que aconteceu e como aconteceu. Por fim, na conclusão deverão registar qual o desfecho da ação, isto é, o que aconteceu no fim da história.

Realização da Tarefa

Após esta conversa inicial, a estagiária irá explicar às crianças que as fichas que irão ser distribuídas deverão ser muito bem guardadas e preservadas, pois irão acompanhá-las durante o resto do ano letivo.

De seguida, irá solicitar que uma as distribua. Quando todas tiverem a sua ficha, irá explicar-lhes qual é a sua utilidade, isto é, esta ficha servirá de suporte e de apoio para escreverem textos, uma vez que possui várias características das personagens que poderão utilizar, tal como características de espaços e do tempo. Também terá várias maneiras de iniciar e de concluir o texto narrativo.

Após esta explicação, pedir-se-á que leiam a ficha para poderem observar se conhecem todas as palavras nela contidas.

A estagiária irá distribuir várias imagens baralhadas que pertencem a uma sequência de imagens, explicando que deverão ordená-las de modo a que obtenham uma sequência lógica e, quando as tiverem definido, deverão numerá-las e escrever uma breve legenda. Enquanto estão a realizar esta tarefa, uma das estagiárias irá circular pela sala de modo a poder observar o que estão a fazer, tal como poderá auxiliar caso estejam com dificuldades.

Quando tiverem terminado de numerar e de escrever as legendas, a estagiária irá mostrar-lhes a ordem correta das imagens, descrevendo o que se passa em cada uma delas. Este momento tem como objetivo observarem que as suas sequências têm de ter a mesma ordem e também descrever o que se passa concretamente em cada uma delas.

A estagiária irá pedir que pensem sobre o que observam nas imagens e escrevam-no no guião, de acordo com o que foi dito anteriormente. Deverão definir as personagens, o

espaço e o tempo e deverão escrever no espaço correspondente, qual é a ação e como será terminada.

Enquanto estão a registar nos guiões, a estagiária irá circular pela sala, de modo a conferir se, o que estes escreveram nas legendas, é o mesmo que estão a escrever no guião, auxiliando-os, caso isto não esteja a acontecer.

A estagiária irá distribuir uma folha pautada para poderem escrever o seu texto, explicando que deverão fazê-lo nessa folha para que depois a estagiária o possa recolher e levar para casa para corrigir.

Por fim e à medida que forem terminando, a estagiária irá recolher a folha pautada, o guião e as imagens para poder conferir que os três estão relacionados e que a sequência é a mesma nos três e irá entregar-lhes uma mica (para colocarem no seu interior as fichas de apoio) que deverá ser entregue à estagiária.

Dificuldades previstas

Para esta atividade, as dificuldades previstas são o facto das crianças ainda não estarem habituadas a escrever um texto individualmente, podendo surgir algumas dificuldades em pensarem para as várias etapas e para textualizarem as suas ideias. Para contornar esta dificuldade, a estagiária irá explicar-lhes que poderão chamá-la, caso estejam com muitas dificuldades.

Apêndice 4 - Planificação da segunda atividade

Vou escrever uma história....II

06.janeiro.2015

Objetivos Programáticos/ Metas Visadas		Conteúdos de Ensino
<ul style="list-style-type: none">- Planificar pequenos textos em colaboração com o(a) professor(a):<ul style="list-style-type: none">- organizar a informação;-Redigir textos:<ul style="list-style-type: none">- de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o(a) professor(a);- respeitando as convenções gráficas e ortográficas e de pontuação;- evitando repetições;- Utilizar materiais de apoio à produção escrita;- Elaborar pequenas narrativas;		<ul style="list-style-type: none">- Planificação de textos;- Textualização;- Progressão temática;- Configuração gráfica;- Texto narrativo;- Título;- Introdução, desenvolvimento e conclusão;- Personagem, espaço, tempo e ação- Fórmulas de fecho e abertura de histórias;
Recursos Materiais	Fichas de apoio (utilizada a 2.12.2014); Guião; Sequência de imagens (cf. anexo 2); Lápis; Borracha; Folhas pautadas; Projetor; Computador; Micas; Folhas brancas.	
Recursos Humanos	Professora Cooperante; Estagiárias; Crianças	
Duração da Atividade	120 minutos	

Contextualização da Tarefa

Para iniciar esta tarefa, uma das estagiárias irá conversar com as crianças acerca da última história que estas escreveram. Irá questioná-las com questões-tipo: “Lembram-se qual foi a última história que escreveram?” caso não se lembrem, irá perguntar-lhes se se lembram daquela história em que tinham de ordenar as imagens.

Após este diálogo, a estagiária irá questioná-las acerca das divisões do texto narrativo, isto é, irá verificar se ainda se lembram em quantas partes se pode dividir o texto e quais as perguntas a que se responde em cada uma delas.

Para este momento, é expectável que a maior parte não se recorde das várias fases de um texto narrativo e por consequência do que deve estar escrito em cada uma delas. Para contornar esta dificuldade, a estagiária irá relembrar através da projeção de um guião, no qual estão apresentadas as várias fases e o que deve estar escrito em cada uma delas, isto é, na introdução deverão registar quem pratica a ação (as personagens), onde se passa a ação (o espaço) e quando aconteceu ou acontece a ação (o tempo).

Enquanto no desenvolvimento, deverão registar qual é a ação, isto é, deverão registar o que aconteceu e como aconteceu. Por fim, na conclusão, deverão registar qual o desfecho da ação, isto é, o que aconteceu no fim da história.

Realização da Tarefa

Após esta conversa inicial, a estagiária irá distribuir as fichas de apoio utilizadas na atividade de 2 de dezembro. Quando todas as fichas estiverem distribuídas, a estagiária irá questionar sobre a sua função, utilizando questões-tipo: “Lembram-se para que servem estas fichas de apoio?”, para este momento é expectável que a maioria se lembre para que servem tais fichas, isto é, servem para auxiliar a escrever um texto narrativo.

A estagiária irá explicar que, embora haja muitas características, não têm de utilizá-las para descrever uma menina que aparece numa história, não é preciso escrever que esta tem os olhos arredondados, grandes e verdes. Basta dizer que a menina tinha olhos arredondados ou grandes ou verdes. O mesmo se aplica às restantes características expressas na ficha de apoio.

A estagiária irá distribuir várias imagens baralhadas (que pertencem a uma sequência de imagens) e folhas brancas, explicando que deverão ordená-las, de modo a que obtenham uma sequência lógica e, quando a tiverem definido, deverão numerá-las e escrever uma breve legenda por baixo de cada uma delas e colá-las na folha branca.

Enquanto estão a realizar esta tarefa, uma das estagiárias irá circular pela sala de modo a poder observar o que aquelas estão a fazer, tal como poderá auxiliar, caso estejam com dificuldades.

Quando todas tiverem terminado de numerar a sequência e de escrever as legendas das imagens, a estagiária irá mostrar-lhes a ordem correta, descrevendo o que se passa em cada uma delas. Este momento tem como objetivo observarem que as suas sequências

têm de ter a mesma ordem e também descrever o que se passa concretamente em cada uma delas.

A estagiária irá pedir que pensem sobre o que está representado nas imagens e o escrevam no guião, de acordo com o que foi dito anteriormente. Também deverão definir as personagens, o espaço e o tempo. Deverão escrever, no espaço correspondente, qual é a ação e como será terminada.

Enquanto estão a desenvolver a tarefa, a estagiária irá circular pela sala, de modo a conferir se o que escreveram nas legendas é o mesmo que estão a escrever no guião, auxiliando, caso isto não esteja a acontecer.

A estagiária irá distribuir uma folha pautada para poderem escrever o seu texto, explicando que deverão escrevê-lo nessa folha e que deverão escrever 8 linhas no mínimo, para que depois a estagiária possa recolher e levar para casa para corrigir.

Por fim e, à medida que forem terminando, a estagiária irá recolher a folha pautada, o guião e a sequência de imagens para poder verificar que os três estão relacionados e que a sequência é a mesma nos três.

À medida que forem terminando, a estagiária irá pedir que coloquem novamente as fichas de apoio dentro das micas e as entreguem.

Dificuldades Previstas

Para esta atividade, as dificuldades previstas prendem-se com o facto de ainda não estarem habituadas a escrever um texto individualmente, podendo surgir algumas dificuldades em pensarem para as várias etapas e para textualizarem as suas ideias. Para contornar esta dificuldade, a estagiária irá explicar que poderão chamá-la, caso estejam com muitas dificuldades.

Apêndice 5 - Planificação da terceira atividade

Vou escrever uma história....III

18.março.2015

Objetivos Programáticos/ Metas Visadas		Conteúdos de Ensino
<ul style="list-style-type: none">- Planificar pequenos textos em colaboração com o(a) professor(a):<ul style="list-style-type: none">- organizar a informação;-Redigir textos:<ul style="list-style-type: none">- de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o(a) professor(a);- respeitando as convenções gráficas e ortográficas e de pontuação;- evitando repetições;- Utilizar materiais de apoio à produção escrita;- Elaborar pequenas narrativas;		<ul style="list-style-type: none">- Planificação de textos;- Textualização;- Progressão temática;- Configuração gráfica;- Texto narrativo;- Título;- Introdução, desenvolvimento e conclusão;- Personagem, espaço, tempo e ação- Fórmulas de fecho e abertura de histórias;
Recursos Materiais	Fichas de apoio (utilizada a 2.12.2014); Guião; Sequência de imagens (cf. anexo 3); Lápis; Borracha; Folhas pautadas; Projetor; Computador; Micas; Folhas brancas.	
Recursos Humanos	Professora Cooperante; Estagiárias; Crianças	
Duração da Atividade	120 minutos	

Contextualização da Tarefa

Para iniciar esta tarefa, uma das estagiárias irá conversar acerca da última história que escreveram. Para isso irá questionar com questões-tipo: “Lembram-se qual foi a última história que escreveram?” caso não se lembrem, a estagiária irá perguntar-lhes se se lembram daquela história em que tinham de ordenar as imagens e legendá-las.

Após esta conversa, a estagiária irá questionar acerca das divisões do texto narrativo, isto é, irá perguntar se ainda se lembram em quantas partes se pode dividir o texto e quais as perguntas a que se responde em cada uma delas.

Para esta tarefa, é expectável que a maior parte não se recorde das várias fases de um texto narrativo e, por consequência, do que deve estar escrito em cada uma delas. Para contornar esta dificuldade, a estagiária irá relembrar através da projeção de um guião, no qual estão apresentadas as várias fases e o que deve estar escrito em cada uma delas.

Realização da Tarefa

Após esta diálogo, a estagiária irá distribuir as fichas de apoio utilizadas na atividade de 2 de dezembro. Quando todas estiverem distribuídas, irá questionar sobre a sua função, utilizando questões-tipo: “Lembram-se para que servem estas fichas de apoio?”. Para este momento é expectável que a maioria se lembre para que servem tais fichas, isto é, servem para as auxiliar a escrever o seu texto narrativo.

De seguida, a estagiária irá explicar que, embora haja muitas características, não têm de utilizá-las a todas.

A estagiária irá distribuir várias imagens baralhadas que pertencem a uma sequência de imagens e folhas brancas, explicando que deverão ordená-las de modo a que obtenham uma sequência lógica e, quando a tiverem definido, deverão numerá-las e escrever uma breve legenda por baixo de cada uma delas e colá-las na folha branca.

Enquanto estão a realizar esta tarefa, uma das estagiárias irá circular pela sala de modo a poder observar o que estes estão a fazer, tal como poderá auxiliá-los caso estes estejam com dificuldades.

Quando tiverem terminado de numerar e de escrever as legendas, a estagiária irá mostrar-lhes a ordem correta das imagens, descrevendo o que se passa em cada uma delas. Este momento tem como objetivo verificar que sequências têm de ter a mesma ordem e também descrever o que se passa concretamente em cada uma delas.

De seguida, irá solicitar-lhes que pensem sobre o que está nas imagens e o escrevam no guião, de acordo com o que foi dito anteriormente. Também deverão definir as personagens, o espaço e o tempo e escrever no espaço correspondente qual é a ação e como será terminada.

Enquanto estão a registar nos guiões, irá circular pela sala, de modo a conferir se o que escreveram nas legendas é o mesmo que estão a escrever no guião, auxiliando, caso isto não esteja a acontecer.

A estagiária irá distribuir uma folha pautada para as crianças poderem escrever o seu texto, para que depois a estagiária o possa recolher e levar para casa para corrigir.

À medida que forem terminando, irá rever os textos de modo a que possam alterados, caso não estejam de acordo com a sequência de imagens e com o guião.

Por fim, a estagiária irá recolher a folha pautada, o guião e as imagens para poder conferir que os três estão relacionados e que a sequência é a mesma nos três.

À medida que forem terminando, a estagiária irá solicitar-lhes que coloquem novamente as fichas de apoio dentro das micas e as entreguem.

Dificuldades Previstas

Para esta atividade, as dificuldades previstas prendem-se com o facto de as crianças ainda não estarem habituados a escrever um texto individualmente, podendo surgir algumas dificuldades, nomeadamente para textualizarem as suas ideias. Para contornar esta dificuldade, irá explicar que poderão chamá-la, caso estejam com algumas dúvidas.

Apêndice 6 – Entrevistas

Apêndice 6.1. - Transcrição da Entrevista a BM

(Entrevista a BM, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) – (Apresentando os três textos). Destes três textos, qual foi o que gostaste mais de escrever?

BM – Eu considero que o que gostei mais de escrever foi este. (apontando para o terceiro texto).

Eu - O do menino e da árvore? Porquê?

BM – Porque se refere à natureza e considero que a natureza é boa.

Eu – Lembras-te desta ficha (mostrando a ficha de apoio)?

BM – Sim!

Eu – (Apresentando o guião). Consideraste que era mais simples escrever o texto com a ajuda desta ficha ou sem a ajuda desta ficha?

BM – Com esta ficha.

Eu – Porquê?

BM – Porque tem instruções para nós fazermos.

Eu – Lembras-te do conteúdo deste guião?

BM – Sim.

Eu - Para que é que servia?

BM – Servia para escrever quem era a personagem (apontando para a página em que estava escrito), onde acontecia, quando é que acontecia, o que aconteceu, qual era a ação, como aconteceu e na conclusão era como resolveram o problema, o desfecho da ação.

Eu – Consideraste mais simples escrever o texto com a ajuda do conteúdo desta ficha de apoio ou sem ele?

BM- Com a ajuda do conteúdo desta folha.

Eu- Porquê?

BM – Porque tem instruções e dá ajuda.

Eu – Então e se tu pensasses e escrevessees isso. Consideras que o teu texto ficava melhor ou pior?

BM –Pior.

Eu- Porquê?

BM – Porque me esquecia do que ia escrever.

Apêndice 6.2. – Transcrição da entrevista a G

(Entrevista a G, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - (Apresentando os três textos). Qual foi o texto que gostaste mais de escrever?

G- Foi o do ursinho (isto é, o segundo texto).

Eu –Porquê?

G – Porque gosto muito de neve e gosto muito de esquiar.

Eu – Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (apresentando-a)

G- Lembro!

Eu - Para que é que servia?

G – Servia para nos ajudar a escrever o texto. E era para descrever as personagens.

Eu - Pois era! Consideraste mais simples escrever o texto com a ajuda da ficha de apoio ou sem a sua ajuda?

G – Com a ajuda da ficha de apoio.

Eu- Porquê?

G- Porque é mais fácil.

Eu- Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)?

G – Não!

Eu – Não?! Pensa um pouco mais?

G - Esta folha servia para nos ajudar a escrever o texto.

Eu – Primeiro escrevias na planificação e depois escrevias na folha pautada. Consideraste mais simples escrever primeiro no guião e, de seguida, na folha pautada ou escreveres logo nela?

G - Escrever logo na folha pautada. Porque às vezes eu não preciso da folha para fazer o texto.

Apêndice 6.3. – Transcrição da entrevista a L

(Entrevista a L, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) – (Apresentando os três textos). Destes três textos, qual foi o que gostaste mais de escrever?

L – O primeiro texto.

Eu - Porquê?

L – Porque considero que é uma menina muito curiosa.

Eu - Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (apresentando-a)

L – Sim!

Eu - Para que é que servia?

L – Servia para dizermos qual era a forma da cara dele, dos olhos, a forma da boca.

Eu - E mais? E servia para quê?

L – Para descrever as personagens.

Eu - Consideraste que era mais simples descrever as personagens com a ajuda desta ficha de apoio?

L – Com esta ficha.

Eu – Porquê?

L – Porque sozinha não conseguia.

Eu – Lembras-te do conteúdo do guião? (Apresentando-o)

L - Sim.

Eu – Para que é que servia?

L - Para fazer uma história onde são: quem é, onde, quando, o que é que aconteceu, como aconteceu, como resolveram.

Eu - Consideraste mais simples escrever o texto com a ajuda do guião?

L – Sim.

Eu - Porquê?

L – Porque não consigo pensar e escrever logo.

Apêndice 6.4. – Transcrição da Entrevista a LC

(Entrevista a LC, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) – Destes três textos qual foi o que gostaste mais de escrever?
(Apresentando-os)

LC – Gostei mais de escrever o primeiro texto.

Eu - Porquê?

LC – Porque era uma história divertida.

Eu - E lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (apresentando-a)

LC – Sim!

Eu - Então para que é que servia a ficha de apoio?

LC – Era para me ajudar a caracterizar as personagens da história...

Eu - Consideraste mais simples escrever a história e caracterizar as personagens com a ajuda da ficha de apoio?

LC – Com a sua ajuda.

Eu- Porquê?

LC – Porque a ficha de apoio, ajuda-me a fazer o texto.

Eu- Lembras-te do conteúdo do guião? (apresentando-o)

LC – Sim!

Eu- Consideraste mais simples escrever o texto com a ajuda do conteúdo desta folha?
Porquê?

LC – Com a ajuda da folha. Porque assim podemos ver quem era a personagem, onde, quando, o que aconteceu, qual é a ação, como aconteceu, como resolveu o problema, desfecho da ação.

Apêndice 6.5. – Transcrição da entrevista a AC

(Entrevista a AC, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - Destes três textos qual foi o que gostaste mais de escrever?
(Apresentando-os)

AC – O que gostei mais de escrever foi o terceiro. Aquele do menino e da árvore. Também o primeiro, aquele da menina.

Eu - Muito bem... Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (Apresentando-a)

AC- Sim.

Eu - Consideraste mais simples escrever os textos com a ajuda da ficha?

AC- Não, sem a ajuda da ficha de apoio.

Eu- Porquê?

AC- Porque assim podíamos usar a imaginação... e podia fazer as histórias como quisesse: meter luas, o espaço (o universo).

Eu- Muito bem. Esqueci-me de te perguntar porque é que gostaste mais de escrever o primeiro e o terceiro textos?

AC – Porque considerei que o da árvore, fala da primavera e eu gosto muito da primavera e de árvores e o da menina é porque gosto muito de meninas e de vassouras.

Eu- Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)?

AC- Sim.

Eu - Então consideraste que era mais simples escrever os textos com a ajuda do guião?

AC- Com a ajuda do guião!

Eu - Porquê?

AC - Porque eu escrevia aqui as coisas e, imagina que eu me tinha esquecido de uma, podia ir ver aqui em vez de ter de pensar muito para me lembrar.

Apêndice 6.6. – Transcrição da entrevista a N

(Entrevista a N, 28 maio 2015)

Eu – Destes três textos, qual foi o que consideraste mais simples de escrever?

(Apresentando-os)

N – Gostei mais do terceiro texto, o do menino e da árvore.

Eu – Porquê?

N – Porque tu escreveste as frases no quadro e nós copiámos.

Eu- Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (Apresentando-a)

N – Sim!

Eu – E para que é que servia?

N – Está ali a dizer corpo então servia para nos ensinar o que existe no nosso corpo.

Eu – Então e lembras-te para que é que vos dei esta ficha?

N - Não!

Eu –Então vou-te dar uma ajuda. Era para tu conseguires escrever sobre as personagens do texto. Então tu consideras que era mais fácil escrever com a ajuda da ficha? Usaste-a alguma vez?

N - (Abanou a cabeça negativamente)

Eu – Muito bem. Lembras-te do conteúdo do guião? (apresentando-o)

N- Sim.

Eu – Consideraste que era mais simples escrever os textos com a sua ajuda?

N – Sim.

Apêndice 6.7. -Transcrição da entrevista a B

(Entrevista a B, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - Destes três textos qual foi o que gostaste mais de escrever?

(Apresentando-os)

B- Gostei mais de escrever o segundo, o do urso.

Eu- Porquê?

B – Porque gosto muito de ursos.

Eu – Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (Apresentando-a)

B – Sim!

Eu- Para quê é que servia o seu conteúdo?

B – Para saber as partes do corpo...

Eu- Sim e era para vos ajudar a escrever o quê?

B – Não me lembro!

Eu- Servia para ajudar a caracterizar as personagens. Lembras-te o que é caracterizar as personagens?

B (Meneando a cabeça afirmativamente)

Eu - Então consideraste que era mais simples escrever o texto e caracterizar as personagens com a ajuda da ficha de apoio?

B- Com a sua ajuda.

Eu- Porquê?

B- Porque assim dá mais confiança.

Eu- Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)?

B- Sim.

Eu - Para que é que servia?

B- Para escrevermos as partes da história.

Eu- Consideraste mais simples escrever a história com a ajuda do guião?

B – Com a sua ajuda.

Eu- Porquê?

B- Porque assim ajuda mais a escrever o texto e as palavras.

Apêndice 6.8. – Transcrição da entrevista a S

(Entrevista a S, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - Destes três textos, qual foi o que gostaste mais de escrever (apresentando as três produções de S)?

S- Foi o da menina na vassoura.

Eu - Porquê?

S- Porque ela foi passear, encontrou uma vassoura voadora e foi a voar para o Havai. E eu também gostava de ir.

Eu - Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio (apresentando-a)?

S- Mais ou menos. É sobre o dia, a noite, o formato do cabelo, o da cara, e os narizes...

Eu - E lembras-te porque é que eu vos tinha dado da ficha?

S- Mais ou menos. Era mais para os testes...

Eu - Não! Era para vos ajudar a escrever os textos. Consideras que era mais simples escrever os textos com a ajuda dela?

S- Era mais fácil utilizá-la, mas para estudar era sem isto. Estudava mais. Porque é mais fácil ver.

Eu - E porque é que consideras que era mais fácil usá-la para escrever os textos?

S- Porque tens mais ideias e podes fazer mais coisas. E quando não sabes uma coisa podes vir aqui ver.

Eu- Muito bem! Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)? Lembras-te para quê é que servia?

S- Sim. Era para fazer o plano da história. Era para fazer a história. Escrevíamos primeiro aí e era o plano da história e depois fazíamos o texto.

Eu- Então consideras que é mais simples escrever o texto com a ajuda do plano de história?

S- Não. Porque tens de pensar e pensar e pensar e depois escrever no guião as palavras e depois, se tirarem a folha, não te lembras.

Eu- Pois... mas eu não tirava... lembras-te que primeiro vocês faziam a sequência e as frases. Depois pensavas e escrevias no guião e só depois é que escrevias o texto. Eu nunca te tirei esta folha, pois não?

S- Não, mas se fosse outro professor podia tirar e depois eu já não me lembrava.

Eu- Então consideras mais simples seres tu a pensar?

S- Sim, porque não fazia o plano de história e podia assim pensar mais.

Apêndice 6.9. – Transcrição da Entrevista a C

(Entrevista a C, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - Destes três textos qual foi o que gostaste mais de escrever?
(apresentando-os)

C - O que eu gostei mais de escrever foi o da menina. A menina Laura.

Eu - O da menina Laura. Também era o mais fácil?

C - Não.

Eu – Qual foi o mais fácil?

C - Foi o da árvore.

Eu - Porquê?

C – Porque só tinha três, quatro imagens. Os outros também tinham, mas era mais fácil.

Eu - O terceiro tem cinco imagens.

C – Um dois três quatro...

Eu - cinco (indicando a imagem que estava no verso da folha)

C - Então é o do urso... enganei-me.

Eu - Gostaste mais do do urso?

C- Gostei... quer dizer gostei mais do da menina.

Eu- Sim e porquê?

C- Porque falava sobre.... Depois foi lá e encontrou uma vassoura, depois foi voar nela e eu queria, gostava de ter uma vassoura e andar nela. Chegou à praia tão rápido que eu nem contei.

Eu- E agora outra coisa.... Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio? (Apresentando-a)

C- Lembro-me.

Eu- Servia para quê?

C- Para ver quem é, como é que é, é como... para ver...

Eu- Era para descrever as personagens?

C- Sim!

Eu - Consideraste que era mais simples escreveres os textos com a ajuda da ficha de apoio?

C- Não! Considero que era melhor pensar.

Eu - Porquê?

C- Porque...em vez de estar a passar numa folhinha fazia mesmo de cabeça, gosto mais de fazer de cabeça em vez de estar assim... para atrás, estou aqui a escrever uma coisa e depois vou ter de vir para aqui, depois tenho de escrever outra e vir para aqui e depois para escrever outra tenho de vir para aqui.... Acho melhor de cabeça.

Eu- Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)?

C- Sim.

Eu - Servia para quê?

C- Em vez de estar sempre a fazer, quando nós dizemos assim, fazemos hã... isto são mais ou menos dados para nós escrevermos, tipo quem, e depois vamos escrever o nome, como quer e o nome que escolher. Se virmos que já lá está um nome, deixamos como está ou então podemos pôr mais um de uma personagem.

Eu- Então consideraste que era mais simples escrever o texto com a sua ajuda?

C- Se esta folha for sozinha, sim.

Eu- E porquê?

C- Porque gosto mais de... primeiro temos de fazer isto e depois como já estão aqui mais ou menos os dados podíamos fazer mais fácil. É como uma... não sei bem explicar como é aquilo. É para descrever.

Apêndice 6.10. – Transcrição da entrevista a D

(Entrevista a D, 28 maio 2015)

Entrevistadora (Eu) - Destes três textos, qual foi o que gostaste mais de escrever?
(apresentando os três textos)

D – Eu gostei mais do da vassoura.

Eu - Porquê?

D- Porque é um textinho e conseguimos ir à praia, estamos com uma roupa de verão e conseguimos voar.

Eu - Lembras-te do conteúdo da ficha de apoio (apresentando-a)?

D - Sim.

Eu- Lembras-te muito bem para que é que ela servia?

D (meneando a cabeça afirmativamente). Esta folha serve para nós fazermos. Dizermos, por exemplo, se a cabeça é oval, redonda, quadrada ou longa e os olhos castanhos, azuis e isso e escolhemos as coisas para escrevermos os textos.

Eu- Então a ficha servia para quê?

D- Servia para nós nos orientarmos e para escrevermos melhor o texto.

Eu - Muito bem. E consideraste mais simples escrever o texto com a sua ajuda?

D- Com a ajuda da folha.

Eu- Porquê?

D- Porque sem esta folha não conseguia pronto quase fazer uma história. E gostei muito de trabalhar com esta folha. Hã e foi por pouquinho tempo, mas gostei.

Eu - Lembras-te do conteúdo do guião (apresentando-o)?

D- Lembro-me.

Eu- E para que é que servia?

D- Para nos orientarmos também.

Eu- E tu consideraste mais simples escrever o texto com a ajuda da folha ou se depois das imagens escrevesse logo o texto?

D- Com a ajuda da folha.

Eu – Porquê?

D- Porque assim é mais fácil trabalhar.

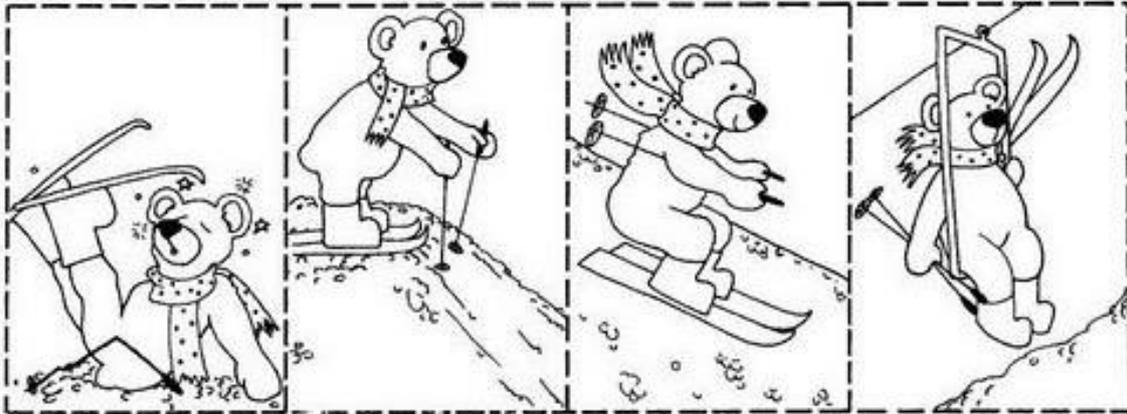
Anexos

Anexo 1 – Sequência de imagens relativa à primeira atividade



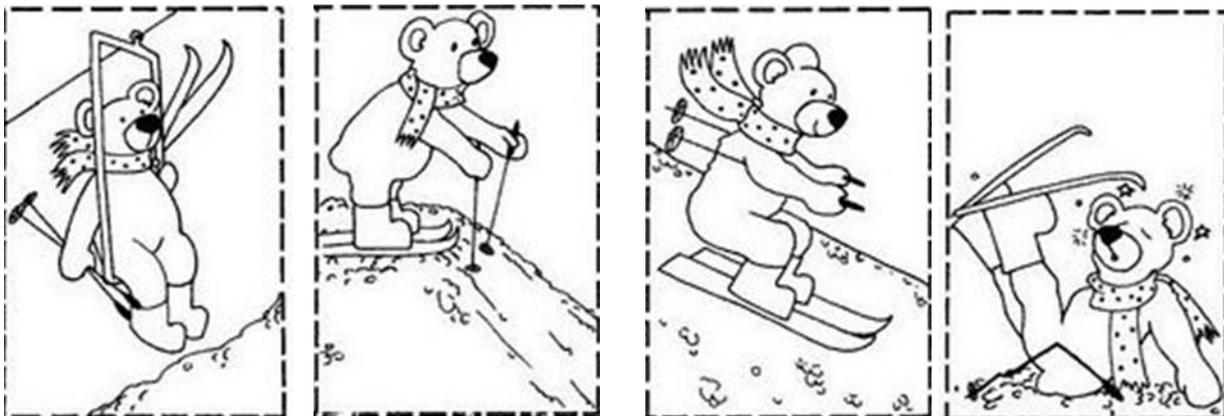
(retirado de <http://cantinhodagleicy.blogspot.pt/2012/05/sequencia-temporal.html>
[acedido em 29/11/2014])

Anexo 2- Sequência de imagens relativa à segunda atividade



(retirado de <http://professoravaleriaeduc.blogspot.pt/2013/07/sequencia-de-imagens-para-construcao-de.html> [acedido em 6/1/2015])

Sequência correta



Anexo 3 – Sequência de imagens relativa à terceira atividade



(retirado de <http://sugestaodeatividades.blogspot.pt/2012/04/sequencias-para-producao-de-texto.html> [acedido em 16/3/2015])

Sequência correta

